

GLEND A APARECIDA QUEIROZ MILANIO

**AS CAUSATIVAS SINTÉTICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO  
DE ACORDO COM O MODELO MINIMALISTA**

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2014

Glenda Aparecida Queiroz Milano

**AS CAUSATIVAS SINTÉTICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO  
DE ACORDO COM O MODELO MINIMALISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudos em Sintaxe Formal

Orientador: Prof. Dr. Lorenzo Teixeira Vitral

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2014

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

C972c Milanio, Glenda Aparecida Queiroz.  
As causativas sintéticas do Português Brasileiro de acordo com o modelo minimalista [manuscrito] / Glenda Aparecida Queiroz Milanio. – 2014.  
94 f., enc. : il., tabs.  
Orientador: Lorenzo Teixeira Vitral.  
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.  
Linha de Pesquisa: Estudos em Sintaxe Formal.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.  
Bibliografia: f. 89-91.

1. Língua portuguesa – Verbos – Teses. 2. Língua portuguesa – Sintaxe – Teses. I. Vitral, Lorenzo Teixeira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.5



## FOLHA DE APROVAÇÃO

### AS CAUSATIVAS SINTÉTICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO DE ACORDO COM O MODELO MINIMALISTA

#### GLENDAPARECIDA QUEIROZ MILANIO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos em Sintaxe Formal.

Aprovada em 05 de junho de 2014, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Lorenzo Teixeira Vitral - Orientador  
UFMG

Prof(a). Marcia Cristina de Brito Rumeu  
UFMG

Prof(a). Marcus Vinicius da Silva Lunguinho  
UNB

Belo Horizonte, 5 de junho de 2014.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por sua infinita bondade.

Em especial, gostaria de agradecer à minha mãe e ao meu pai pelo apoio, pelo carinho e pela compreensão. Agradeço também ao meu irmão por estar sempre presente. Agradeço ao Wasney por sempre acreditar em mim, pela atenção, pela compreensão, pelo carinho, pela amizade, enfim, por fazer parte da minha vida.

Gostaria de agradecer ao meu orientador, professor Lorenzo Vitral, pela generosidade, pela sabedoria, pela paciência e por me acompanhar ao longo deste processo. Agradeço ainda pela oportunidade e pela dedicada orientação, sem a qual não seria possível o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e, em especial, aos professores Fábio Bonfim, Jânia Ramos, Luciane Correa, Márcia Cançado, Maria Elizabeth Saraiva e Luisa Godoy, pela partilha do conhecimento.

Gostaria de agradecer também aos membros da banca examinadora, professores Marcus Vinicius Lunguinho, Márcia Rumeu e Jânia Ramos, pelas valiosas contribuições.

Quero registrar também a minha gratidão às pessoas especiais que conheci nessa jornada: Thaís Franco, Maria José de Oliveira, Carolina Bohórquez, Janaína Henriques e Quesler Camargos.

Agradeço à Sandra Ferraz que, desde a graduação, compartilha as alegrias e tristezas.

Agradeço a todos os funcionários do POSLIN pela gentileza e pela prontidão, e à FAPEMIG pelo apoio financeiro.

Enfim, agradeço a todos que colaboraram direta e indiretamente para a realização deste trabalho!

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as estruturas causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos no Português Brasileiro contemporâneo. Para a realização desta pesquisa, utilizamos desde os estudos de Chomsky (1981, 1999, 2002) até os desenvolvimentos recentes do Gerativismo (PYLKKÄNEN, 2002, 2008; BLANCO, 2010, 2011). Em relação à representação semântica dessas estruturas, descrevemos os critérios necessários para o reconhecimento das causativas sintéticas. Para essa descrição, adotamos uma classificação verbal baseada na estrutura cognitiva da mente (STILLINGS *et. al.*, 1995), na qual propusemos três classes verbais: verbos sensoriais, verbos de processamento e verbos motores de primeira e de segunda ordem. Baseados nessa classificação, reconhecemos que as causativas sintéticas geralmente são formadas a partir de verbos transitivos motores de segunda ordem. Esses verbos, além de estarem relacionados ao sistema motor, necessitam de um instrumento artificial alienável para a realização da ação verbal. Nessa perspectiva, a causativa sintética expressa uma leitura ambígua em relação ao argumento externo, uma vez que esse pode ser interpretado como agente ou paciente da ação verbal descrita. Assim, a leitura ambígua referente ao *agente* executor da ação verbal e o fato de o instrumento artificial alienável poder ser transferido de um indivíduo para outro são critérios necessários para as causativas sintéticas. Em relação à representação sintática dessas estruturas, consideramos que as causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos são derivadas de uma estrutura analítica subjacente. Desse modo, adotamos os núcleos funcionais Voice e vCAUSE com verbo leve, propostos por Pylkkänen (2002, 2008) e revisados por Blanco (2010, 2011), para desenvolver nossa proposta. Assim, assumimos que as causativas sintéticas possuem em sua estrutura dois vPs e dois VoiceP. O vP CAUSE, mais alto na árvore sintática, projeta o verbo *fazer*, que não é realizado fonologicamente, enquanto o outro vP, mais baixo, projeta o verbo transitivo. Já o VoiceP, mais alto na estrutura, introduz o argumento externo do verbo *fazer*, enquanto o outro VoiceP, mais baixo, abriga um DP pro<sup>arb</sup>, que permite a interpretação de um sujeito indeterminado.

**Palavras-chave:** causativas sintéticas, verbos transitivos, estrutura argumental.

## ABSTRACT

The goal of this work is to analyze synthetic causative structures formed from transitive verbs in contemporary Brazilian Portuguese. In the present research, we have used the studies of Chomsky (1981, 1999, 2002) until recent developments in Generative Theory (Pylkkänen, 2002, 2008; Blanco, 2010, 2011). Regarding the semantic representation of these structures, we described the necessary criteria for recognition of synthetic causatives. For this description, we adopted a verbal classification based on the cognitive structure of the mind (Stillings et al., 1995), in which we proposed three verb classes: sensory verbs, processing verbs, and motor verbs of the first and second orders. Based on this classification, we recognize that synthetic causatives are usually formed from motor transitive verbs of the second order. These verbs, besides being related to the motor system, require an alienable artificial instrument for the realization of the verbal action. In this perspective, the synthetic causative express an ambiguous reading with respect to the external argument, since this can be interpreted as agent or patient of the action. Thus, the ambiguity concerning the executing agent of the verbal action and the fact that the alienable artificial instrument can be transferred from one individual to another are necessary criteria for synthetic causatives. In relation to the syntactic representation of these structures, we consider that synthetic causatives formed from transitive verbs are derived from an underlying analytic structure. Thus, we adopt the functional heads Voice and v CAUSE with light verb, proposed by Pylkkänen (2002, 2008) and reviewed by Blanco (2010, 2011) to develop our proposal. Therefore, we assume that the synthetic causative possesses two vPs and two VoicePs in its structure. The higher vP CAUSE in the syntactic tree projects the verb *make*, which is not phonologically realized, while the lower vP projects the transitive verb. The higher VoiceP introduces the external argument of the verb *make*, and the lower VoiceP hosts a DP  $pro^{arb}$ , allowing the interpretation of an indefinite subject.

**Keywords:** synthetic causatives, transitive verbs, argument structure

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1 – Primeira pessoa
- 2 – Segunda pessoa
- 3 – Terceira pessoa
- A – Adjetivo
- ACC – Caso acusativo
- APPL – Núcleo aplicativo
- cause Causativa
- cause(i) Causativa Indireta
- DAT – Caso dativo
- DET – Determinante
- DP – *Determiner Phrase* (Sintagma Determinante)
- ECM – Exceptional Case Marking (Marcação de Caso Excepcional)
- EPP – *Extended Projection Principle* (Princípio De Projeção Estendida)
- ERG – Caso ergativo
- INF – Infinitivo
- it* – traço interpretável
- LF – *Logical Form* (Forma Lógica)
- N - Nome
- NOM – Caso nominativo
- NP *Nominal Phrase* (Sintagma Nominal)
- OBL – Caso oblíquo
- P – Preposição
- PART – Partitivo
- PAST – Passado
- PERF – Perfectivo
- PB – Português Brasileiro
- PF – *Phonological Form* (Forma Fonológica)
- PL – Plural
- PP – *Prepositional Phrase* (Sintagma Preposicional)
- S – Sujeito
- SG – Singular
- Spec – *Specifier* (Especificador)
- uT* – traço não-interpretável
- VP – *Verb Phrase* (Sintagma Verbal)
- VoiceP – *Voice Phase* (Núcleo Voice)
- T – Tempo
- √ – Raiz



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição das Estruturas causativas do PB segundo critério formal, proposto por Bittencourt (1995, 2001) _____	17
Tabela 2 – Grupos verbais _____	32
Tabela 3 – Aplicação do teste para reconhecimento de sentenças causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos _____	41
Tabela 4 – Resumo das propriedades semânticas e sintáticas das sentenças causativas sintéticas formadas a partir de verbo transitivo _____	87

## SUMÁRIO

<b><u>INTRODUÇÃO</u></b>	<b><u>7</u></b>
<b><u>1. AS ESTRUTURAS CAUSATIVAS</u></b>	<b><u>11</u></b>
1.1 <b>As estruturas causativas do Português Brasileiro (PB)</b>	<b>14</b>
1.1.1 Bittencourt (1995, 2001)	15
1.1.2 Silva (2009)	22
1.2 <b>A semântica das estruturas causativas</b>	<b>28</b>
1.2.1 Critérios para o reconhecimento das sentenças causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos	30
1.2.2 Conclusão do capítulo	42
<b><u>2. PANORAMA TEÓRICO</u></b>	<b><u>43</u></b>
2.1 <b>Introdução</b>	<b>43</b>
2.2 <b>As abordagens teóricas</b>	<b>43</b>
2.2.1 Larson (1988)	43
2.2.2 Hale e Keyser (1993, 2002)	45
2.2.3 Kratzer (1996)	48
2.2.4 Pylkkänen (2002, 2008)	49
2.2.5 Blanco (2010, 2011)	57
2.2.6 Conclusão do capítulo	68
<b><u>3. AS CAUSATIVAS SINTÉTICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB)</u></b>	<b><u>70</u></b>
3.1 <b>A Estrutura Subjacente das Causativas Sintéticas</b>	<b>75</b>
<b><u>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</u></b>	<b><u>85</u></b>
<b><u>5. REFERÊNCIAS</u></b>	<b><u>89</u></b>

## INTRODUÇÃO

A relação de causa e efeito tem sido objeto de discussão em diversas correntes teóricas. Esse fenômeno intriga tanto o ser humano que vários filósofos dedicaram inúmeros trabalhos na tentativa de compreender como essa relação é estabelecida. Podemos destacar, entre as reflexões filosóficas, as ideias de Descartes (2001) que definem as relações de causa-efeito de modo mecanicista. Para esse pensador racionalista, essas relações ocorrem no mundo material assim como um relógio, que funciona automaticamente por meio de seus mecanismos intrínsecos, independentemente da experiência humana. Já Hume (1995) conceitua a relação de causa-efeito como um hábito de sempre associar dois eventos, e não como algo que ocorre de forma mecânica no mundo. Para esse pensador empirista, o ser humano tem o hábito – isto é, uma tendência não necessariamente consciente – de correlacionar certas representações contingentes em função da experiência. Por fim, Kant parte da premissa que “todas as mudanças acontecem conforme a lei do enlace de causas e efeitos” (p. 93, 1994), sendo a causalidade da ordem da intuição. Para esse pensador idealista, nenhum efeito ocorre antes da causa, mas para que se reconheça um acontecimento é necessário, *a priori*, ter intuição para enlaçar o evento da causa ao evento efeito. Além da filosofia, outras áreas investigam a relação de causalidade, como a Física (que estuda as causas dos fenômenos naturais), a Medicina (que estuda os determinantes dos processos de saúde-doença), o Direito (que estuda os nexos causais no âmbito criminal, civil, trabalhista, etc.), entre outras.

Considerando esses diversos estudos, podemos observar que a causalidade permeia a existência do homem e suas relações com o mundo, visto que se trata de um fenômeno inerente à natureza humana. Nesse contexto, os questionamentos sobre a causalidade também podem ser encontrados na Linguística, já que a língua é o meio pelo qual o homem interage com o mundo. Em outras palavras, a causalidade pode ser expressa em períodos compostos, como nas orações coordenadas e subordinadas, e também em períodos simples. As sentenças causativas, como são designadas na Linguística, servem como uma forma de o homem descrever a sua experiência de interação com o mundo, ao considerar que um evento B só pode ocorrer como consequência do acontecimento de A. Diante da grandeza de tal fenômeno, temos como objetivo descrever um subtipo de sentenças causativas, as causativas sintéticas, formadas a partir de verbos transitivos no Português do Brasil (PB). Para a execução de tal empreitada, adotaremos os estudos desenvolvidos pela Teoria Gerativa

(CHOMSKY 1981, 1999, 2002; KRATZER, 1996; PYLKKÄNEN 2002, 2008, BLANCO 2010, 2011 e SILVA, 2009). Apesar das construções causativas serem objeto de pesquisa de várias abordagens linguísticas, como a Teoria Gerativa, essas estruturas, no PB, apresentam propriedades bem particulares, que ainda merecem desenvolvimento.

Embora o nosso referencial teórico seja o Gerativismo, é importante reconhecer que as pesquisas sobre causatividade podem ser encontradas em diversas correntes teóricas da Linguística. Numa visão funcionalista, Bittencourt (1995, 2001) realiza um acurado trabalho sobre as construções causativas do PB, propondo uma classificação que utilizaremos ao longo do nosso trabalho. Vejamos as categorias propostas por Bittencourt (1995, 2001) e os exemplos apresentados por ela:

- (1) CAUSATIVA ANALÍTICA  
Os seguranças fizeram eles/os caras pintadas lavar(em) o rosto
- (2) CAUSATIVA SEMI-ANALÍTICA  
Armados até os dentes, os meganhas nos fizeram comer até capim
- (3) CAUSATIVA SINTÉTICA  
A noiva viajou o noivo pro Rio e caiu na gandaia

As sentenças causativas analíticas são estruturas perifrásticas, assim como as causativas semi-analíticas. Entretanto, essa última apresenta uma relação mais próxima entre o predicado infinitivo (*comer*) e o causado (*nos*), segundo Bittencourt. Já a causativa sintética é realizada em um período simples, no qual pode haver ou não a presença do verbo classificado como causativo, como *fazer*, *causar* e *provocar*, que geralmente aparece nas causativas analíticas e semi-analíticas.

Já numa visão gerativista, Silva (2009) analisa as causativas sintéticas a partir de verbos inacusativos, inergativos e transitivos:

- (4) CAUSATIVA A PARTIR DE VERBO INACUSATIVO
  - a. O aumento do faturamento aumentou o salário
  - b. O tempo amadureceu as frutas.
  - c. O advogado aposentou meu pai
- (5) CAUSATIVA A PARTIR DE VERBO INERGATIVO
  - a. Eu almocei os meninos e depois levei eles pra escola
  - b. O pai casou a filha com um negociante

c. O pai estudou os dez filhos

(6) CAUSATIVA A PARTIR DE VERBO TRANSITIVO

a. A Luma de Oliveira fez sua fantasia de madrinha da bateria pelas costureiras da própria escola.

b. Eu consertei o carro por aquele mecânico de nome maluco

Neste trabalho, pesquisaremos as causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos sem a realização do sintagma preposicionado responsável por introduzir o executor da ação verbal. Abaixo, encontram-se alguns exemplos:

(7) a. José consertou o carro

b. Ana cortou o cabelo

c. Gabriela operou o nariz

Buscaremos investigar como esses tipos de sentenças causativas, exemplificadas acima, são licenciadas e interpretadas, uma vez que nelas não há a presença de um PP (*Prepositional Phrase*) para expressar o executor da ação verbal. Nesse contexto, destacaremos a importância do instrumento para execução da ação descrita pelo verbo transitivo, como *consertar*, *cortar* e *operar*. Além disso, consideraremos que a interpretação ambígua do sujeito das orações, como nos exemplos (7), e a leitura causativa advém da impossibilidade de identificar, num primeiro momento, se o sujeito é de fato o executor da ação, atuando como agente, ou se requer um terceiro indivíduo para realizar essa ação. Para nossa análise, consideraremos os trabalhos de Pylkkänen (2002, 2008) e Blanco (2010, 2011), que utilizam os núcleos funcionais Voice e vPCAUSE para explicar como os argumentos das estruturas causativas são projetados na representação sintática e como eles são interpretados. Em resumo, investigaremos quais as propriedades dos argumentos que compõem as causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos e como essas sentenças são realizadas estruturalmente no PB.

Esta dissertação está organizada na seguinte ordem: no capítulo 1, há um panorama geral sobre as sentenças causativas, incluindo as análises já realizadas sobre dados do PB. Além disso, propomos um teste, considerando critérios semânticos, para reconhecer as sentenças causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos. O referencial teórico adotado nesta dissertação é apresentado no segundo capítulo, que traz as contribuições desde a proposta da concha verbal, desenvolvida por Larson (1988), até os estudos minimalistas

recentes sobre as causativas. No capítulo 3, desenvolvemos a nossa proposta teórica para as causativas sintéticas, descrevendo como essas sentenças são estruturadas no PB e como os núcleos CAUSE e Voice são projetados. Por fim, no capítulo 4, apresentamos nossas considerações finais.

## 1. AS ESTRUTURAS CAUSATIVAS

As estruturas causativas constituem um fenômeno que tem sido estudado por várias abordagens teóricas. No PB, vários estudos tratam dessas estruturas, como, por exemplo, Bittencourt (1995, 2001), numa perspectiva com ênfase no Funcionalismo, e Silva (2009), na perspectiva Gerativa. Embora seja possível encontrar, na literatura recente, estudos minuciosos sobre as causativas, esses trabalhos não contemplam as causativas sintéticas:

- (1)
- a. Eu cortei o cabelo
  - b. Selma consertou o carro
  - c. Bianca operou o nariz

Para dar início ao nosso trabalho, tomaremos por base a tradição gramatical, considerando a proposta de Said Ali (1908[2008]) como o marco inicial da análise das estruturas causativas, visto que ele trata especificamente do tema, propondo uma classificação dos verbos que são causativos em português. Para Said Ali (op. cit.), os verbos *fazer*, *mandar* e *deixar* são exemplos de verbos auxiliares causativos na nossa língua. De acordo com o autor, um verbo auxiliar causativo sempre necessita estar ligado a um outro verbo que complete o seu sentido, o que provavelmente explicaria sua proposta de tratar esses verbos como auxiliares. Essa relação do verbo causativo com um outro verbo pode ser observada em construções com o verbo *fazer*, por exemplo, em que há um pronome dativo sendo interpretado como sujeito do segundo verbo. Assim, em sentenças como “*faço-lhes creer mentira e lhes fez o sen perder*”, o pronome dativo atua como sujeito do segundo verbo. Desse modo, uma estrutura como “*fez-lhes perder o sentido*” é equivalente a “*fez perder*”, isto é, *causou perda do sentido a eles*. Por fim, o autor esclarece que os verbos auxiliares causativos sempre exigem como complemento um verbo no infinitivo pessoal, expressando uma relação de causa-efeito, como em *fazer sair* (causar a saída), *mandar consertar* (causar o conserto).

Said Ali (op. cit.) menciona também o fato de que, em determinadas línguas, existem construções causativas que podemos nomear de sintéticas. É o caso, por exemplo, do verbo *cado* (do latim – *cair*) que deu origem a *caído*, que significa *fazer cair*. Também em inglês, o verbo *to fell* (derivado do verbo *to fall*) significa *fazer cair*, o que aponta o mesmo tipo de fenômeno destacado para o latim. Outros exemplos podem ser dados: os verbos *to sit* e

*to lie* (derivados dos verbos *to set* e *to lay*) significam, respectivamente, *fazer ficar sentado* e *fazer ficar deitado*.

Assim como Said Ali, Kury (2007) também classifica os verbos *deixar*, *fazer* e *mandar* como auxiliares causativos. Entretanto, ao contrário da proposta de Said Ali, Kury defende que a presença do verbo no infinitivo junto ao verbo causativo não forma uma locução verbal. Para o autor, em estruturas como “*Deixai vir a mim as criancinhas*”, o verbo no infinitivo (*vir*) possui sujeito próprio (*Deixai-as vir a vim*). Nesse tipo de construção, o sujeito do verbo da oração infinitiva será, portanto, o pronome átono (*as*). Desse modo, Kury ao classificar esse tipo de verbo como auxiliar causativo, posiciona-se de modo contraditório, uma vez que o autor parece estar de acordo com a seguinte análise: os verbos causativos, ainda que apresentem semelhanças com as locuções formadas pelos auxiliares, não podem ser identificados como um verbo auxiliar. Isto é, o verbo causativo, mesmo estando junto de um verbo subordinado no infinitivo, o que é viabilizado pela posposição do sujeito, como no exemplo acima, não pode ser analisado como auxiliar, já que dispõe de um sujeito diferente do sujeito do verbo que está no infinitivo.

Neves (2000), ao analisar os verbos *deixar*, *fazer* e *mandar*, não os classifica como auxiliares, mas simplesmente como verbos causativos. Para a autora, os verbos causativos são verbos implicativos, ou seja, sempre resultam em uma consequência. A autora divide os causativos em duas classes: os causativos afirmativos e os causativos negativos. Segundo a autora, os causativos afirmativos (*fazer*, *causar*, *forçar*, *provocar*, *mostrar*, etc.) normalmente formam períodos compostos, nos quais a oração principal possui o verbo causativo, além de uma oração completiva, que, em geral, pode expressar um evento factual:

- (2) Judite *fez* Pedro *estudar*
- (3) Pedro *mandou* Judite *costurar* a roupa

As sentenças (2) e (3) são formadas com os verbos causativos afirmativos *fazer* e *mandar*, respectivamente. As duas estruturas são exemplos de períodos compostos. Nessas construções, a oração principal expressa a causa e a oração completiva expressa a consequência, possibilitando uma interpretação factual do evento descrito. Neves ainda observa que, nas construções com os verbos causativos negativos (*impedir*, *proibir*, *dissuadir*, *desencorajar* etc.), quando ocorrem em enunciados afirmativos, a oração completiva pode expressar um evento não-factual. As sentenças, a seguir, possibilitam melhor visualização da proposta da autora, pois, nos dois exemplos, a oração principal possui um verbo causativo



negativo (*impedir* e *proibir*), seguida de uma oração que pode ser interpretada como a expressão de um evento não-factual:

- (4) Judite *impediu* Pedro de *ir* ao cinema
- (5) Pedro *proibiu* Judite de *ouvir* música

Neves (op. cit.) também propõe que, quando os verbos causativos negativos aparecem em enunciados negativos, a oração completiva tende a expressar um evento neutro. A presença do advérbio de negação, na oração principal, resulta na neutralização da informação expressa na oração completiva, conforme é possível observar nos exemplos abaixo:

- (6) Judite não *impediu* de Pedro ir à praia
- (7) Pedro não *proibiu* de Judite viajar

Dentre as análises sobre os verbos causativos em outras línguas, vale a pena destacar a de Shibatani (1976) sobre o japonês, que explicita a relação de causalidade presente nas construções com esses verbos. Para o autor, duas condições são necessárias para definir uma sentença como causativa. Primeiramente, verifica-se a existência de uma relação entre os dois eventos. Essa relação é estabelecida de modo que o falante acredita que a ocorrência de um evento (*evento causado*) é realizada no tempo  $t_2$ , que é posterior a outro (*evento causador*) realizado no tempo  $t_1$ . A segunda condição apontada pelo autor esclarece que o falante acredita que o *evento causado* é totalmente dependente do *evento causador*. Essa dependência dos dois eventos deve ocorrer na medida em que o falante compreende a inferência contrafactual, visto que o evento causado não aconteceria, em um dado momento e em situações semelhantes, sem a realização do evento causador. A análise realizada por Shibatani ganha notoriedade nos estudos das estruturas causativas, pois o autor busca identificar, a partir de uma análise translinguística, propriedades gerais das construções causativas nas línguas naturais.

De acordo com Comrie (1989), as construções causativas possuem um papel importante na teoria linguística contemporânea. Para o autor, a partir de uma análise translinguística, é possível esclarecer propriedades semânticas, sintáticas e morfológicas dessas construções que têm relevância teórica mais ampla. Na descrição proposta por ele, uma situação causativa é resultante de duas microssituações, que, quando combinadas, formam um

complexo de macrossituação. Além disso, Comrie analisa as propriedades das construções causativas por meio de dois parâmetros: o sintático e o semântico. Com base no parâmetro sintático, o autor propõe uma tipologia para as sentenças causativas, a saber: a causativa analítica, a causativa morfológica e a causativa lexical. Segundo Comrie, as causativas analíticas possuem dois predicados, como em *I caused John to go*: o primeiro predicado expressa o evento da causação (*caused*) e, o segundo predicado, o efeito (*go*). Já as causativas morfológicas também possuem o evento causador e o evento causado, mas são expressos pela afixação de um item morfológico, que marca a causativização. As causativas morfológicas não ocorrem em línguas como o português e o inglês, mas esse fenômeno pode ser visto em línguas como o russo, o japonês, o turco, entre outras. No turco, por exemplo, os sufixos *-t* e *-dir* (ou o variante *diir*) podem ser afixados em praticamente qualquer verbo, formando um equivalente causativo, como em *öl (die) → öl-dir (kill)* e *göster (show) → göster-t (cause to show)*. Por fim, o autor apresenta a causativa lexical, que é uma estrutura que expressa os dois eventos (*causador* e o *causado*) em um único item lexical, como, por exemplo, o verbo *kill*, em inglês, que expressa a relação *cause to die*.

Já em relação ao parâmetro semântico, Comrie (1989) analisa se a causativização ocorre de forma direta ou indireta, ou seja, o autor investiga o nível de controle do *causer* (pessoa que causou a ação) na macrossituação. Para o autor, essa relação entre causativos diretos e indiretos não é claramente estabelecida, pois há casos em que não é possível identificar se é um causativo direto ou indireto. Entretanto, para ele, há ocorrências em que é visível a relação do causador, como, por exemplo, em *I made the vase fall* (causador verdadeiro) *versus I let the vase fall* (permissivo). Nessas sentenças, na estrutura com o causador verdadeiro, este tem controle sobre a ação e, por isso, é classificado com *causador direto*; já na estrutura com o “causador permissivo”, este não tem controle total sobre a ação, por isso é classificado como *causador indireto*. Enfim, para Comrie, o verdadeiro causador tem poder de causar o efeito, já o permissivo pode evitar o efeito.

### 1.1 As estruturas causativas do Português Brasileiro (PB)

Como já foi dito, as sentenças causativas têm sido objeto de várias pesquisas no PB. Neste trabalho, destacamos os estudos realizados por Bittencourt (1995, 2001) e por Silva (2009). Bittencourt, numa perspectiva funcionalista, desenvolve várias análises sobre esse fenômeno, incluindo uma proposta de classificação para as causativas do PB. Já Silva,

considerando os pressupostos da Teoria Gerativa, analisa a formação das causativas sintéticas, principalmente, as sentenças formadas a partir de verbos inergativos.

### 1.1.1 Bittencourt (1995, 2001)

Bittencourt (1995, 2001), a partir de uma abordagem teórica ampla, tomando por base a Gramática tradicional, a Teoria Gerativa e, sobretudo, alguns trabalhos funcionalistas (SHIBATANI 1975, 1976 e GIVÓN, 1975 e 1990), apresenta um vasto estudo sobre as sentenças causativas do PB.

Um dos fatos destacados pela autora é que, entre os dados coletados do PB, foram encontradas estruturas causativas formadas a partir de verbos intransitivos em estruturas transitivas:

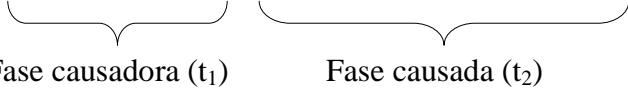
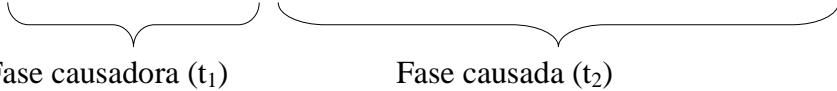
- (8) a. Não consigo sair este carro da garagem
- b. O governo não está conseguindo cair a inflação
- c. Ela viajou o noivo pro Rio e caiu na gandaia
- d. Interpretar papéis que sofrem muito é mais difícil

(BITTENCOURT, 1995, p. 187)

Nas estruturas causativas acima, o processo de transitivização substitui as formas heterônimas causativas, como *sair* por *tirar*, *cair* por *derrubar*, *viajar* por *fazer viajar*, *sofrer* por *fazer sofrer*. Bittencourt (1995) defende que o uso dessas estruturas aponta para um envolvimento do falante no processo causativo, produzindo um padrão causativo expresso em uma nova configuração estrutural, que parte da forma analítica para a sintética. A autora argumenta que essa estratégia de causativização diz respeito ao grau de agentividade do causador e do causado, isto é, como se relacionam esses dois componentes essenciais para a formação da estrutura causativa. No entanto, para a pesquisadora, a definição da expressão causativa é controversa, pois não é tão simples explicar como é estabelecida a relação entre essas duas entidades. Nessa perspectiva, Bittencourt contesta como o verbo causativo é definido, porque, em geral, uma estrutura formada com um verbo causativo aponta para um sujeito que desencadeia uma ação, sem ser ele o próprio executor. Contudo, a autora refuta essa concepção, visto que ela não explica sentenças como *Antônio abriu a porta com um empurrão só*, em que a entidade causada é inanimada, ou seja, não executa nenhuma ação, apenas sofre a ação realizada pelo sujeito. Assim, Bittencourt (1995, 2001) defende a

importância dos estudos relativos à formação das causativas, considerando o grau de complexidade de seus componentes e da ausência de uma taxonomia para essas estruturas do PB. Então, a autora busca delinear as possíveis configurações das causativas para o PB, a partir do levantamento de dados escritos e falados desde o século XVI até o século XX.

Bittencourt (1995, 2001) ainda esclarece que, mesmo havendo divergência na definição do processo de causação, é consensual entre várias abordagens que a noção de causatividade é resultante da relação de duas fases distintas, a causadora e a causada. Além disso, sempre há as duas entidades básicas participantes, o causador e o causado. Esse último, se não for reconhecido como o agente da ação verbal, deverá possuir algum traço agentivo, conforme os dados abaixo apresentados pela autora:

- (9) O ladrão fez (com) que o gerente abrisse o cofre  
  
 Fase causadora ( $t_1$ )      Fase causada ( $t_2$ )
- (10) A chuva fez (com) que os torcedores abandonassem o estádio  
  
 Fase causadora ( $t_1$ )      Fase causada ( $t_2$ )

De acordo com Bittencourt (1995, 2001), consonante com Shibatani (1976), o processo causativo é compreendido como um evento que ocorre em momentos distintos e no qual se estabelece uma relação temporal: o evento causador ocorre num primeiro momento ( $t_1$ ), enquanto o evento causado ocorre num segundo momento ( $t_2$ ). No primeiro momento ( $t_1$ ), há um elemento causador que induz (voluntariamente ou não) o elemento causado a realizar uma outra ação ou processo num segundo momento ( $t_2$ ). Bittencourt ainda ressalta que algumas abordagens, como as funcionalistas e as semânticas, sustentam que há uma pluridimensão semântica na estrutura causativa. Nessa visão, o causador pode realizar o evento da causação de forma direta ou indireta, provocando de algum modo uma mudança de estado no causado. Na causação direta, o causador atua de forma deliberada, manipulativa e com controle sobre a ação executada por um causado necessariamente paciente, enquanto na causação indireta o causador atua de forma incidental, não manipulativa e sem controle sobre a ação realizada pelo causado. Assim, o causador voluntário ocorre quando é o agente da ação verbal, já o causador não voluntário ocorre quando é expresso por um evento, um fenômeno da natureza ou uma situação. Por exemplo:

- (11) O filme triste fez Cristina chorar

No exemplo (11), o causador é *o filme triste* e, como esse causador não tem controle sobre a ação do causado, é considerado um causador não voluntário. Desse modo, Bittencourt (1995, 2001) define que a causatividade é um processo multifacetado, que compreende vários padrões semânticos, que, em linhas gerais, são definidos pelos traços [ $\pm$  humano], [ $\pm$  animado] e [ $\pm$  voluntariedade], sendo todos esses traços referentes às entidades causador e causado.

A partir da análise de dados, Bittencourt (1995, 2001) propõe que construções causativas, no PB, podem ser analíticas, semi-analíticas e sintéticas. A Tabela 1, abaixo, sintetiza a proposta de Bittencourt para a configuração estrutural das causativas no PB. Segundo a autora, a distribuição apresentada é baseada somente nas estruturas em uso. Vejamos as formas encontradas:

---

1 *Formas bioracionais*

1.1 Analíticas:

1.1.1 com complemento oracional subjuntivo

1.1.2 com complemento oracional de “Nominativo + infinitivo”

1.2 Semi-analíticas

1.2.1 com complemento oracional verbal

1.2.1.1 de “Acusativo + infinitivo”

1.2.1.2 formas residuais: de Oblíquo + Dativo e Não-Dativo + infinitivo

1.2.2 com complemento oracional não verbal ou de minioração

2 *Formas mono-oracionais ou sintéticas:*

2.1 homônimos ou causativo-ergativas

2.1.1 não resultantes de derivação (ou por derivação imprópria )

2.1.2 resultantes de derivação ergativo-incoativa

2.1.2.1 por sufixação simples

múltipla

2.1.2.2 por parassíntese simples

múltipla

2.2 Heterônimas ou supletivas

2.3 Formas de acepção causativa intrínseca

---

Tabela 1 – Distribuição das Estruturas causativas do PB segundo critério formal, proposto por Bittencourt (1995, 2001)

Fonte: BITTENCOURT, 2001, p. 212-213.

As estruturas analíticas possuem um verbo causativo na oração principal seguido de uma oração completiva, formando sempre uma estrutura bi-oracional. Vejamos, a seguir, a exemplificação de Bittencourt (op.cit) para os casos descritos na Tabela 1, acima.

- (12) Os seguranças fizeram (com) que os caras pintadas lavassem o rosto

- (13) Os seguranças fizeram eles/os caras pintadas lavar(em) o rosto

Na estrutura (12), tem-se um exemplo de construção analítica formada com um verbo causativo (*fazer*) mais uma oração finita (de subjuntivo – *lavassem*). Já o exemplo (13) é uma estrutura analítica formada com um verbo causativo (*fazer*) mais oração infinitiva (*lavar(em)*). Nessas construções, o causador é expresso na oração principal e o causado na oração completiva.

Já as sentenças semi-analíticas são estruturadas a partir de verbo causativo mais infinitivo, formando também um período composto. Contudo, para Bittencourt (1995), elas possuem uma relação mais estreita entre a oração principal e o predicado causativo. Essas sentenças podem ser construídas com um causado acusativo ou com um causado oblíquo (dativo ou não dativo), conforme os exemplos da própria autora:

- (14) Armados até os dentes, os meganhas nos fizeram comer até capim  
 (15) O assassinato brutal da minha filha me fez ir a Brasília atrás de justiça

Segundo Bittencourt, na sentença (14), o evento causador é uma causa, enquanto na sentença (15) é uma ação. No evento causado, as duas sentenças possuem um causado agente, sendo classificado como causado acusativo, visto que esse é expresso pelo objeto direto do verbo da oração completiva. Já as construções com causado oblíquo (dativo ou não) são classificadas assim, porque o causado é expresso pelo objeto indireto, como pode ser visto nos exemplos da autora:

- (16) A polícia fez pintar o prédio aos/pelos pichadores  
 (17) Desta vez o acidente com o ônibus fez ver ao Governo a necessidade de consertar de vez o viaduto das Almas

Bittencourt (1995, 2001) ressalta que o uso de estruturas como (16) e (17) vem caindo drasticamente no PB.

Além desse padrão, a forma semi-analítica também pode ser construída com uma oração completiva constituída de predicado não-verbal (minioração). Nessa estrutura, há um verbo causativo que possui, como argumento interno, um predicado nominal, conforme o exemplo abaixo:

(18) O afastamento do Collor deixou o país aliviado

Por fim, Bittencourt (1995) analisa as formas sintéticas. Segundo a autora, o uso dessas sentenças vem se expandido gradativamente no PB, podendo ser estruturadas a partir de verbos intransitivos (*viajar, descer, sair, correr, pular, etc.*) ou verbos transitivos (*estudar, consertar, etc.*). Nesse tipo de construção, os dois eventos *causador* e *causado* são expressos em um único período, diferentemente das causativas analíticas e semi-analíticas, vistas acima. As causativas sintéticas, classificadas como heterônimas, são as sentenças construídas com um item lexical que possui uma contraparte não-causativa. Para a autora, pares como *matar-morrer, ensinar-aprender, mostrar-ver* representam essa forma. Já nas causativas homônimas ou causativo-ergativas, o mesmo item lexical representa a forma verbal não-causativa correspondente, como é o caso dos itens *abrir, fechar, quebrar, sumir, etc.*

Bittencourt (1995, 2001) ainda destaca que a marginalidade semântica das causativas sintéticas ocorre em função da presença de “duplo agente”. Isto é, o causado possui agentividade, coparticipando da ação (direta ou indiretamente) realizada pelo causador. Vejamos os dados apresentados pela autora:

- (19) a. Que bom que ele chegou o irmão pra frente  
 b. Ela viajou o noivo pro Rio e caiu na gandaia  
 c. Graças a Deus estudei todos os meus filhos

(20) Delírio sensual, arco-íris de prazer,  
 Amor, eu vou te *anoitecer*

Na sentença (19a), por exemplo, o causador é expresso pelo DP (*ele*), já o causado é expresso pelo DP *o irmão*. Assim, a ação do causador desencadeia a realização da ação do causado, sendo tudo isso expresso em um período simples. Esse tipo de relação também pode ser verificada nas sentenças (19b) e (19c).

Quanto à classificação das causativas sintéticas, as sentenças formadas por homonímia podem ser resultantes de derivação morfológica ou não. Os exemplos acima ilustram a formação dessas estruturas: as sentenças (19a-c) são exemplos da formação causativa sintética homônima sem derivação. Já a sentença (20) é um exemplo de formação causativa sintética homônima com derivação morfológica (verbo *anoitecer*).

Bittencourt elucida também que a forma causativa sintética heterônima é menos recorrente no PB, uma vez que a forma homônima, geralmente, a substitui. Para a autora, na forma causativa sintética heterônima, há um causador agentivo em sua superfície, que atua

como o desencadeador da ação ou do processo verbal. Além disso, a utilização dessa forma geralmente está relacionada a uma intenção do usuário de responsabilizar alguém por algum ato, seja em uma avaliação positiva ou negativa. Diante disso e devido à sua condensação formal, essas sentenças, de acordo com a autora, são frequentes em textos de noticiários e de publicidade:

- (21) a. DNER remenda estrada assassina  
b. O Estado faz obras em todo o interior

Os dados acima, apresentados pela autora, ilustram a forma causativa sintética heterônima. Bittencourt também salienta que essas sentenças funcionam como um mecanismo para escamotear o sujeito causado, visto que este é raramente explicitado:

- (22) a. A Rubra Rosa fez a fantasia dela foi por uma costureira de Serro Azul<sup>1</sup>  
b. Ele consertou o carro por aquele cara de nome maluco

Nas estruturas acima, há duas instâncias, isto é, a realização de dois eventos. No primeiro evento, o causador comanda um causado não mencionado, já no segundo evento (subjacente), esse causado é interpretado como agente, sendo o executor da ação comandada (*fazer, consertar*) pelo causador.

Bittencourt (1995, 2001) reforça que as causativas sintéticas tendem a expressar a causação direta, em que o causador age sobre um causado nitidamente paciente, ou seja, o causado é o objeto da ação do causador. Para descrever semanticamente as causativas sintéticas, Bittencourt adota a análise de Franchi (1989), segundo a qual as relações semânticas são representadas por meio de predicados abstratos (metapredicados). Nessa assunção, a estrutura causativa possui sempre os metapredicados CAUSA e AÇÃO, que formam um composto relacional. Além disso, há também outros metapredicados, tais como AFET (Afetamento), USE (Instrumento); QUAL (Qualidade) ou ES (Essência) LOC (Localização), etc.. Assim, no composto relacional da causativa sintética, há um verbo,

<sup>1</sup> Cançado (2010a, 2010b) analisa estruturas do PB parecidas com os exemplos de Bittencourt (1995, 2001). Entretanto, nos dados de Cançado, o agente é introduzido por meio da preposição *com* ao invés de pelas preposições *por/pelo*. Atualmente, sentenças como “Tereza cortou o cabelo *com* a cabeleireira” são mais utilizadas, no PB, do que os dados em (22). Na análise de Cançado, o agente ocorre como um adjunto. É importante ressaltar que essa configuração pode ser comparada aos dados que serão analisados no capítulo da proposta, porém o instrumento que é realizado em posição de adjunção em nossa análise. Contudo, para reconhecer se realmente há propriedades semelhantes entre essas estruturas, é necessária uma investigação mais apurada.



elemento principal da estrutura, que exige dois argumentos, sendo um argumento tomando pelo metapredicado e o outro argumento para desempenhar uma função temática de acordo com o contexto, podendo receber o papel de *agente, paciente, experienciador, instrumento*, etc.. Todo esse quadro resulta num composto classificado por *célula relacional*, em que há necessariamente o envolvimento do causador e do causado. Assim, nessa composição, sempre há uma célula relacional AFET [X], que pode se associar a um metapredicado como *experienciação, essência* etc., mas que não se sobrepõe [AÇÃO]. A autora considera que é essa associação que permite o reconhecido do valor de X (causado) por meio do metapredicado, fazendo com que o causador das causativas sintéticas apresente os mesmos padrões semânticos das estruturas analíticas. Os dados abaixo, apresentados por Bittencourt, permitem melhor entendimento dessa relação:

- (23) a. Meu caro Romeu, trate de *reviver* essa sua Julieta murcha  
 b. A porcaria da chave não *funcionava* mais o carro  
 c. O Espírito nos *liberta* de todos os males

(24)	FASE CAUSADORA	FASE CAUSADA
	a. CAUSA	[AFET < X > ...
	[AÇÃO]	[EXP]
	b. CAUSA	[AFET < X > ...
	[INSTR]	[EXP]
	c. CAUSA	[AFET < X > ...
	[AÇÃO]	[BEN]

Os esquemas (24a-c) expressam a relação entre as duas fases, a causadora e a causada das sentenças (23a-c), respectivamente. Esses esquemas representam, portanto, as células relacionais dessas sentenças, codificando a relação entre os participantes causador e causado de cada uma das estruturas acima. Por exemplo, a sentença (23a) expressa a associação entre as relações de ação e experiencição. No exemplo (23b), há a associação das relações de instrumento e experiencição. Finalmente, em (23c), são associadas as relações de ação e beneficiário. Portanto, em todos os exemplos em (23), na fase causadora, há um causador que realiza a ação, já na fase causada, há uma mudança de estado, visto que há um causado afetado. Desse modo, Bittencourt argumenta que, apesar de o causado poder apresentar mais de uma propriedade semântica, como é possível observar nos esquemas

relacionais acima (24a-c), na causativa sintética, o causado geralmente é o elemento afetado. Contudo, é fundamental ressaltar que há um processo de mudança no padrão das causativas sintéticas no PB, em que o causado vem ganhado traços agentivos, conforme os dados (8a-d) apresentados pela autora. Assim, segundo ela, a análise dos dados coletados aponta para um aumento gradual no uso desse tipo de estrutura, na qual o causado, ao invés de ser mais afetado, tende a expressar maior carga agentiva.

Concluindo a descrição do trabalho de Bittencourt, percebemos, então, que as causativas bi-oracionais refletem os dois eventos do processo causativo, enquanto as causativas sintéticas, a sua fusão. Além disso, as formas sintéticas expressam uma ação mais direta e manipulativa do causador sobre o causado, isto é, uma *causação direta*. Já nas estruturas analíticas, além de expressar todo o processo, o causador estabelece uma relação diretiva e não-manipulativa sobre o causado, isto é, uma *causação indireta*. Assim, a causação direta refere-se a uma ação em que o causador possui maior controle sobre o causado, sendo direto, imediato e deliberado. Já na causação indireta, o causador possui menos controle sobre o causado, visto que ele tem a função de direcionar o causado de forma mediata e não deliberada, ou seja, atua apenas como um mediador do processo. Por fim, a autora pondera que o uso de cada estrutura está relacionado à escolha do usuário, sendo que as causativas sintéticas, por exemplo, são utilizadas com o intuito de se destacar, positiva ou negativamente, a ação do causador.

### 1.1.2 Silva (2009)

Silva (2009), levando em consideração os trabalhos de Bittencourt (1995, 2001), também analisa as causativas sintéticas no PB. Ela investiga a formação de causativas a partir de verbos inergativos e de verbos transitivos, tomando com aporte teórico pressupostos da teoria semântica (CANÇADO, 2003; 2006) e da Sintaxe Gerativa (HALE & KEYSER, 1993; 1998). Os verbos inergativos<sup>2</sup>, segundo Silva, são verbos reconhecidos como intransitivos, que selecionam como argumento externo um constituinte interpretado como desencadeador.

---

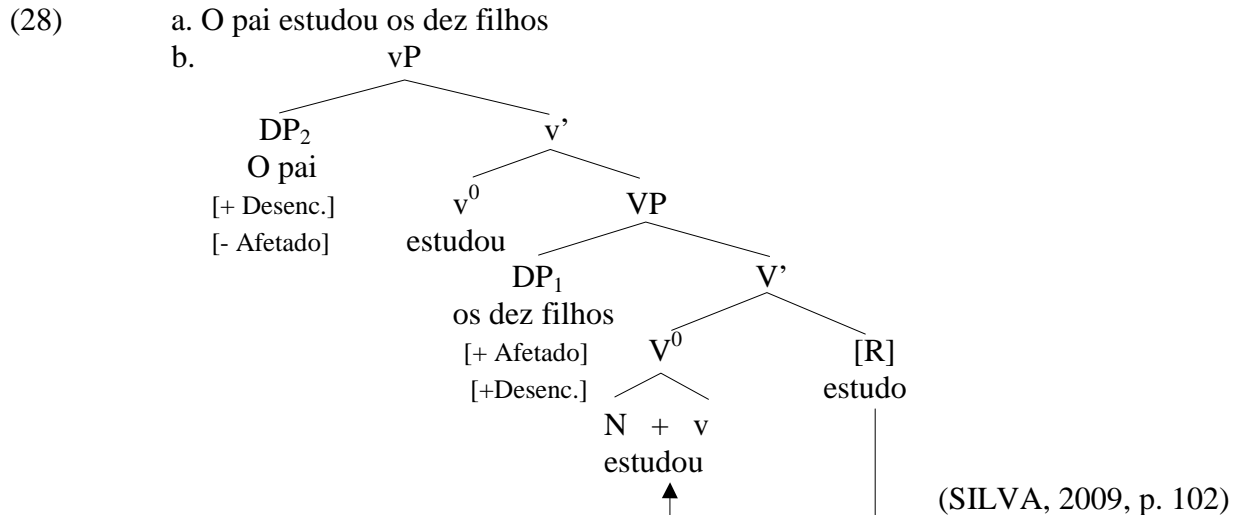
<sup>2</sup> Segundo Miotto et al (2007), os verbos inergativos são verbos que selecionam apenas o argumento externo, sendo que esse argumento geralmente possui um caráter agentivo. Esses verbos geralmente expressam atividades que necessitam de um agente na posição de argumento externo, como *nadar, pular, cantar* etc. Já Levin (1993) e Levin & Rappaport-Hovav (1995, apud CAMBRUSSI, 2009) consideram que verbos inergativos, como *casar* e *estudar*, possuem uma causa marcada internamente. Assim, em dados como o “Pai estudou os filhos”, o evento representado é desencadeado pelo próprio argumento externo envolvido no processo e não por uma causa externa.

Segundo a autora, as causativas formadas com verbos inergativos possuem, em sua estrutura, um argumento externo que carrega as propriedades [+Desencadeador, ± Controle, ± Afetado]:

- (25) Eu almocei os meninos e depois levei eles pra escola
- (26) O pai casou a filha com um negociante
- (27) O pai estudou os dez filhos

Nos exemplos acima, o argumento externo de todas as sentenças possui as propriedades [+Desencadeador, + Controle, - Afetado], pois esse argumento tem a função de desencadear o processo com o controle da ação. Ou seja, esse argumento pode interromper ou não essa ação, porém é menos afetado, visto que não sofre afetação pela ação verbal. Desse modo, nessas estruturas, o argumento interno tem a propriedade semântica de [+Desencadeador, + Afetado], já o argumento externo possui a propriedade semântica [+Desencadeador, - Afetado]. Isso significa que tanto o argumento externo quanto o argumento interno, nessas sentenças, são responsáveis pelo desencadeamento do processo, pois atuam como agentes da ação. No entanto, nessas estruturas, o argumento interno é [+Afetado], pois, mesmo sendo desencadeador do processo, ele, ao mesmo tempo, é paciente, pois sofre afetação da ação desencadeada pelo argumento externo. Silva ainda ressalta que os verbos *almoçar*, *casar* e *estudar*, que compõem as sentenças acima, têm sua grade temática estendida, pois não apresentam apenas o argumento externo. Assim, nesse tipo de sentença, os verbos possuem dois argumentos, um externo e outro interno, ou seja, tanto as posições de sujeito quanto de objeto parecem ser preenchidas.

Silva (2009) busca explicar como as causativas sintéticas formadas com verbos inergativos se configuram estruturalmente no PB, considerando a proposta teórica de Hale e Keyser (1993, 2002). Nessa proposta, os autores defendem que a estrutura argumental dos verbos é construída por meio de uma estrutura complexa. Assim, a autora lança mão da operação sintática *conflation*, proposta por Hale e Keyser, que entende que a estrutura argumental dos verbos possui dois núcleos (um núcleo  $v^0$  e um núcleo  $X^0$ ). Nessa operação sintática, a matriz realizada fonologicamente do verbo, núcleo  $X^0$ , tem a sua posição de núcleo do verbo leve  $v^0$  transferida, induzindo o verbo leve  $v^0$  a assumir as características fonológicas do núcleo  $X^0$ . Silva salienta que a proposta de Hale e Keyser, por si só, não consegue explicar as causativas do PB. Por isso, a autora adota uma estrutura de  $vP$  expandida para conseguir alocar os dois  $DP_{\text{Desencadeador}}$ :



A estrutura (28b) representa a causativa sintética formada com verbo inergativo. De acordo com Silva (2009), esse tipo de estrutura possui uma raiz [R] de natureza nominal, que transfere sua matriz fonológica para o núcleo  $V^0$ , que é o núcleo vazio mais próximo. Para a autora, na formação dessa estrutura, o vP, que constitui o verbo inergativo, provavelmente era o possuidor do núcleo  $v^0$  causativo. Assim, no processo de estruturação da causativa sintética, o  $v^0$  assume a estrutura de um predicado transitivo. Esse núcleo  $v^0$ , além de projetar uma posição de Spec, seleciona um argumento interno, que geralmente é um DP, que se une ao núcleo  $v^0$  no processo de derivação sintática. Silva ainda salienta que o fato de os DPs que constituem a estrutura possuírem a mesma propriedade semântica de desencadeador, exige que eles tenham subtraços distintos; por isso, o DP<sub>2</sub> possui o subtraço [- Afetado] e o DP<sub>1</sub> o subtraço [+ Afetado].

Em relação às sentenças causativas formadas a partir de verbos transitivos, Silva analisa as seguintes ocorrências:

- (29) a. O professor acabou a aula mais cedo  
b. A aula acabou mais cedo
- (30) a. Eu consertei o carro por aquele mecânico de nome maluco  
b. O mecânico consertou o carro  
c. \*O carro consertou<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Naves e Lunguinho (2009), ao analisarem dados semelhantes ao apresentado em (30c), atentam que, em alguns contextos, essas construções parecem ser produtivas:

(1) a. ? O carro já consertou  
b. ? O carro ainda não consertou  
c. ? O carro já (es)tá consertando

- (31) A Luma de Oliveira fez sua fantasia de madrinha da bateria pelas costureiras da própria escola

Silva esclarece que as causativas sintéticas formadas com verbos transitivos podem ter alternância transitivo-ergativa, conforme os exemplos (29a) e (29b), ou alternância transitiva, como nos exemplos (30a) e (30b). Já a estrutura (30c), sem o objeto direto, é agramatical no PB. Na alternância transitivo-ergativa, como em (29a), o verbo possui tanto a posição de sujeito quanto a de objeto preenchidas. Já, na forma ergativa, (29b), o DP que ocupava a posição de argumento interno, na forma transitiva, se alça para a posição de sujeito. No caso da alternância transitiva, como em (30a) e (31), o argumento causador, é introduzido por um PP. Segundo Silva, em (29a), o DP *aquele mecânico de nome maluco* tem a função de desempenhar a ação desencadeada pelo *causador*, assim como o DP *as costureiras*, em (31), também tem a função de executar a ação desencadeada pelo *causador*.

Silva argumenta ainda que, nas sentenças (30a) e (31), os verbos transitivos de ação lexicalizados (*consertar* e *fazer*) podem ser realizados como complemento de um verbo leve<sup>4</sup>. Nesse contexto, quando o verbo leve seleciona VPs transitivos, há um rearranjo sintático para a valoração do Caso abstrato<sup>5</sup> dos dois DPs. A autora esclarece que, nesse tipo de sentença, a presença da preposição funcional é fundamental, tendo em vista que o v<sup>0</sup> (nível zero do núcleo do vP – verbo leve), ao selecionar um VP transitivo, não é capaz de checar o Caso do terceiro argumento, introduzido pela preposição. Assim, o PP presente foneticamente, em (30a) e (31), impede a violação do Filtro de Caso, que prevê que todo DP realizado foneticamente deve receber Caso. Desse modo, para Silva (2009), essas sentenças só são bem formadas por causa da preposição, uma vez que essa é fundamental para valorar o caso do DP que carrega os traços de [+ Desencadeador, + Afetado].

---

Para esses autores, apesar de verbos como *consertar* não aceitarem alternância causativa (*O mecânico consertou o carro*/\**O carro consertou*), a presença do advérbio, em (1a-b), e do verbo auxiliar, em (1c), parecem tornar a alternância mais aceitável no PB.

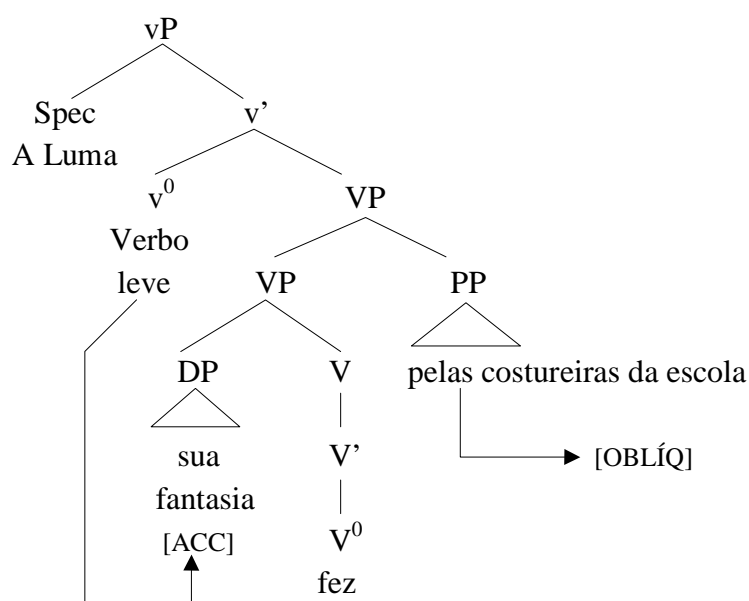
<sup>4</sup> Segundo Hale e Keyser (2002), os verbos leves (*light verbs*) não possuem qualquer componente semântico, podendo assim licenciar um complemento vazio. Desse modo, em construções com esses verbos, o componente semântico será realizado a partir da ligação a um nominal, como, por exemplo, os verbos *fazer* e *dar*, em estruturas, como *dar uma olhada* (= *olhar*) e *fazer uma caminhada* (= *caminhar*). Já em construções causativas, o verbo leve faz parte de um complexo verbal, composto por dois VPs: um verbo lexical (V<sup>0</sup>) na projeção mais baixa e um verbo leve (vP), de natureza causativa (como *fazer*), na projeção acima do V<sup>0</sup>.

<sup>5</sup> De acordo com Mioto et. al. (2007), caso é uma categoria gramatical que tem por função evidenciar os DPs para a interpretação temática. Assim, todas as línguas naturais possuem um sistema para marcação de caso, pois a Teoria de Caso prevê que todo argumento deve receber Caso abstrato. No entanto, em algumas línguas, como o latim, a marcação de caso é visível, pois há propriedades morfológicas para a realização de caso. Já em línguas como o português, a marcação de caso é estrutural, pois a realização do Caso ocorre por meio das posições em que os constituintes da estrutura se posicionam. Desse modo, a noção de Caso abstrato é universal, pois compreende qualquer língua natural, enquanto a de caso morfológico se limita a línguas que possuem a marcação morfológica.

No que tange à configuração estrutural dessas sentenças, Silva também destaca a importância da preposição funcional. Ela argumenta que a presença da preposição torna-se uma operação de último recurso, permitindo a adequação da derivação às condições de *Full Interpretation*. Segundo Chomsky (1999), a operação de último recurso ocorre quando há falha, por exemplo, se um elemento não é representado na Forma Lógica (LF), mas é interpretado na Forma Fonológica (PF). Desse modo, a operação de último recurso é aplicada para evitar uma falha. Já o princípio de *full interpretation*, de acordo com Chomsky, é aplicado para impedir que elementos não-interpretáveis estejam presentes em uma estrutura, sendo que um elemento pode ser interpretado na PF ou na LF. Desse modo, Silva defende que a preposição funcional é uma operação de último recurso, para impedir a violação do princípio de *full interpretation*. Além disso, como dito acima, viabiliza o DP carregar os traços [+Desencadeador, +Afetado], e a checagem do Caso abstrato. Vejamos a representação proposta pela autora:

- (32) a. A Luma de Oliveira fez sua fantasia de madrinha da bateria pelas costureiras da própria escola

b.



(SILVA, 2009, p. 104)

Silva (2009) explica que, nas causativas sintéticas formadas a partir de transitivos, conforme é possível observar na representação estrutural (32b), o VP vem como complemento do verbo leve. Ela ainda esclarece que, quando o verbo leve seleciona VPs transitivos, há o rearranjo sintático para a valoração de Caso, possibilitando assim a sua derivação. Embora Silva (2009) apresente um estudo rigoroso sobre as causativas, sua análise não aborda as

estruturas causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos que expressam ações, sem a realização do PP, como nos exemplos abaixo:

- (33)
- a. Caetano operou o pé
  - b. Selma consertou o carro
  - c. Ester cortou o cabelo
  - d. Tereza reformou o apartamento

Nas sentenças acima, a ausência de um PP que explicita o evento causado, como se vê, não provoca agramaticalidade. Além disso, as sentenças em (33), apesar de não serem formadas com um verbo causativo que gere sentenças analíticas, podem ser consideradas causativas sintéticas, visto que expressam relações causais. Todas essas sentenças possuem um verbo transitivo, que denota ação (*operar*, *consertar*, *cortar* e *reformar*, respectivamente), mas as ações descritas não são necessariamente executadas pelos argumentos que ocupam a posição de sujeito. Vale ressaltar que estamos admitindo que as ações expressas nas sentenças (33a-d) foram realizadas por terceiros, como um cirurgião, um mecânico, uma cabeleireira e uma empreiteira/um pedreiro, respectivamente. Ou seja, na sentença (33a), por exemplo, apesar de expressar que Caetano operou o pé, é sabido que Caetano não é o agente da ação verbal, visto que a própria pessoa não possui, geralmente, condições de executar esse tipo de ação em si mesma. Assim, em (33a), mesmo que Caetano seja médico, não é possível que ele seja o executor da ação de operar. Portanto, para que a sentença (33a) seja gramatical e aceitável nessa interpretação causativa no PB, é necessária a existência de um outro indivíduo que possa realizar a ação de operar. A interpretação de que o sujeito expresso na sentença não é o executor da ação descrita pelo verbo pode ser aplicada aos demais exemplos (33b-d). Se analisarmos as sentenças (33a-d), a partir da proposta de Bittencourt (1995, 2001), temos um causador explícito, porém o causado (o executor da ação, como um cirurgião, um mecânico, uma cabeleireira e uma empreiteira/um pedreiro) está implícito.

Considerando o fenômeno ilustrado pelos exemplos (33a-d), algumas perguntas podem ser propostas:

- i. Quais os traços semânticos do DP que preenche a posição de argumento externo do verbo, uma vez que esse não pode ser classificado como agente da ação verbal?
- ii. Quais são as propriedades do VP que compõe esse tipo de sentença?

- iii. Com base na proposta das conchas verbais (LARSON, 1988), há sempre um vP que licencia essas estruturas?
- iv. Como explicar que a ausência do argumento causado com traço [+Agentivo], introduzido por um PP, não gera sentenças agramaticais?
- v. Essas construções são resultantes de algum tipo de alternância lexical/sintática?

Nesta seção, vimos que as sentenças causativas têm sido objeto de pesquisa de várias correntes teóricas em diversas línguas. Inicialmente, apresentamos a análise de Said Ali (1908[2008]) sobre os verbos auxiliares causativos. Na sequência, descrevemos o trabalho de Bittencourt (1995, 2001) que investiga as sentenças causativas e propõe uma classificação cuidadosa das possíveis estruturas causativas. Além disso, examinamos o estudo Silva (2009) que retoma o trabalho de Bittencourt, descrevendo como são construídas as causativas sintéticas formadas a partir de verbos inergativos. Com base nessas análises e em outros trabalhos que veremos nos próximos capítulos, buscaremos as respostas para as questões acima (i-v). No intuito de realizar tal empreitada, inicialmente teceremos explicações sobre a configuração semântica das sentenças causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos.

## 1.2 A semântica das estruturas causativas

Segundo Levin (1993) e Levin & Rappaport (1995), a alternância causativa pode envolver o uso de verbos transitivos ou intransitivos. Para as autoras, quando o verbo é usado no sentido intransitivo, deve haver uma paráfrase que se aproxima de *cause V-intransitive*, isto é, *causar* seguido do verbo. Por exemplo, no uso transitivo, tem-se João quebrou o copo, já no uso intransitivo, *O copo quebrou* seria a paráfrase de “cause V-intransitive”.

De acordo com as autoras, são encontrados dois tipos de alternância causativa no inglês: a alternância causativo-incoativa e a alternância de ação induzida. A alternância causativo-incoativa geralmente envolve verbos de mudança de estado ou de mudança de posse, enquanto a alternância de ação induzida envolve verbos de movimento (como *run* e *jump*). De modo geral, os comentários feitos para os dados do inglês apresentados pelas autoras são válidos também para os dados do PB. Na alternância causativo-incoativa, por exemplo, se tomarmos *Janet broke the cup / The cup broke*, encontramos a mesma formação



no PB, isto é, *Janete quebrou a xícara / A xícara quebrou*. No que diz respeito à alternância de ação induzida, os dados do PB não parecem soar tão produtivos: *Sylvia jumped the horse over the fence / The horse jumped over the fence = ?Silvia pulou o cavalo sobre a cerca / O cavalo pulou sobre a cerca*.<sup>6</sup>

Outro ponto da análise de Levin (1993) e Levin & Rappaport (1995) compatível com dados do PB diz respeito aos verbos da classe *cut*, visto que é um verbo de mudança de estado, mas não permite a alternância causativo-incoativa. Por exemplo:

- (34) a. Margaret cut the string. (Margaret cortou a corda)  
 b. \* The string cut. (\*A corda (se) cortou)<sup>7</sup>

Levin (1993) e Levin & Rappaport (1995) analisam o verbo *cut*, comparando-o ao verbo *break*, que também é um verbo de mudança de estado, mas que permite a alternância causativo-incoativa. As autoras argumentam que o verbo *break* é um verbo de único argumento, mas que denota uma mudança de estado na variante incoativa. Elas ainda esclarecem que *break* é um verbo que expressa puramente uma mudança de estado, tanto na forma transitiva quanto na intransitiva. Entretanto, na forma transitiva, a noção de causa é realizada, mas não há especificação de como essa mudança de estado ocorre. Já no caso do verbo *cut*, por ser um verbo que requer dois argumentos, a forma causativa necessita da adição de uma noção implícita de causa, uma vez que o seu sentido envolve inerentemente um instrumento. Assim, verbos como *cut* não permitem a alternância causativo-incoativa, tendo em vista a exigência de um agente para utilizar um instrumento, causando uma mudança de estado. Essa propriedade do verbo *cut* pode ser aplicada ao verbo *cortar* do português e explicar o fato de as sentenças em (33) não aceitarem a alternância causativa-incoativa:

- (35) a. Caetano operou o pé. / \* O pé (se) operou  
 b. Selma consertou o carro. / \* O carro (se) consertou

<sup>6</sup> Apesar de o par *?Silvia pulou o cavalo sobre a cerca / O cavalo pulou sobre a cerca* não ser considerado um tipo de construção produtiva no PB, Bittencourt (2001) apresenta o exemplo “Primeiro eu **fujo** o preso depois eu digo que ele fugiu sozinho” (BITTENCOURT, 2001, p. 220) como um dado real do PB. Diante disso, parece que há verbos que permitem a alternância de ação induzida no PB, entretanto não aprofundaremos essa discussão em nossa pesquisa.

<sup>7</sup> A estrutura *\*A corda se cortou* é considerada agramatical, ao tomarmos o verbo *cortar* no sentido estrito, no qual é necessário um instrumento, isto é, um objeto cortante para a realização da ação. No entanto, essa estrutura pode ser considerada gramatical, se considerarmos a lexicalização do verbo *cortar*, sendo realizado no sentido de *arrebentar*. Nesse sentido, *A corda se cortou* (= *A corda se arrebentou*) torna-se uma estrutura gramatical e aceitável no PB.

- c. Ester cortou o cabelo. / \*O cabelo (se) cortou  
 d. Tereza reformou o apartamento. / \* O apartamento (se) reformou

Assim, a necessidade da adição da noção de causa imposta por alguns verbos, como *operar*, *consertar*, *cortar* e *reformar*, provavelmente bloquearia a alternância supracitada, visto que são verbos que requerem dois argumentos, além de exigirem, na posição de sujeito, um agente para utilizar um instrumento.

A proposta de Levin (1993) e Levin & Rappaport (1995) será importante na discussão do fenômeno captado pelos dados em (35), conforme veremos na seção a seguir, na qual explicitaremos quais são os critérios que permitem o reconhecimento das sentenças causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos.

### 1.2.1 *Crítérios para o reconhecimento das sentenças causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos*

Neste trabalho, defenderemos que as sentenças causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos, conforme os dados vistos em (33), requerem as seguintes propriedades: i) um verbo relacionado ao sistema motor, ii) um instrumento (realizado ou não fonologicamente) e iii) o instrumento seja passível de ser alienável (pode ser transferida a posse de um indivíduo para outro). Conforme demonstraremos ao longo do desenvolvimento de nossa análise, sentenças causativas sintéticas não podem ser formadas a partir de verbos relacionados aos sistemas sensorial e central (cf. Figura 1). Embora essa forma de classificação dos verbos não seja usual, buscaremos mostrar como essa proposta complementar será útil na descrição das sentenças causativas. Desse modo, inicialmente, proporemos uma nova classificação dos verbos, tomando como referência a tese da modularidade da mente, desenvolvida por Fodor (1983).

Stillings *et. al.* (1995), citando Fodor (1983), destacam que a mente é formada por módulos, sendo que cada um tem estruturas e funções específicas, oriundas da especialização do sistema nervoso ao longo do desenvolvimento da espécie humana (cf. Figura1). Dentre os módulos que constituem a mente humana, um dos mais importantes é o da linguagem, por ser regido pela gramática e por distinguir o ser humano de outras espécies (HAUSER, CHOMSKY, FITCH, 2002). Além disso, embora a linguagem seja um módulo autônomo, ela se encontra relacionada aos outros módulos, como o sistema central, que é responsável pelo

pensamento. Nesse trabalho, além do sistema central, assumimos que os sistemas sensorial e motor também se encontram fortemente relacionados ao módulo da linguagem.

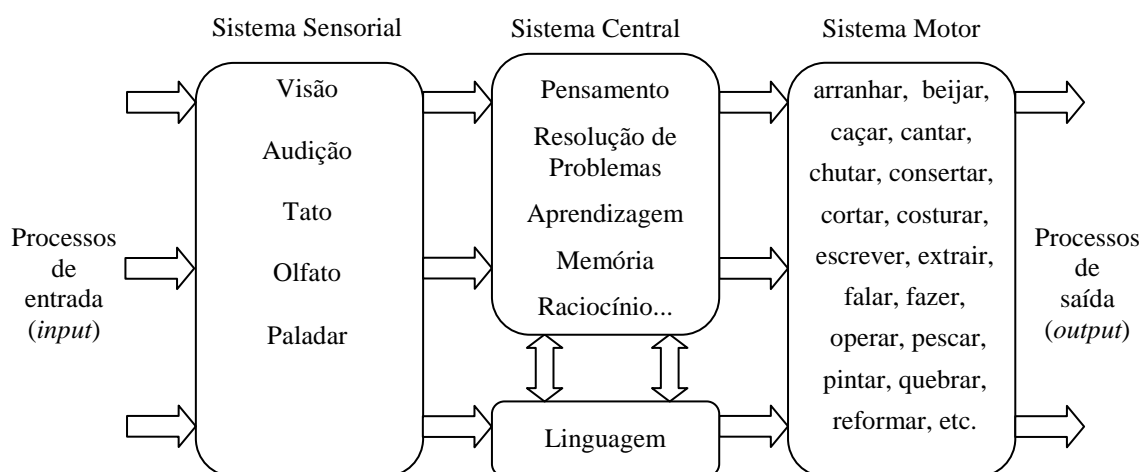


Figura 1 – Visão Global da Arquitetura Cognitiva.  
Fonte: Adaptada de Stillings *et. al.* (1995, p. 18).

A arquitetura da mente (Figura 1) é composta assim por quatro sistemas: sistema sensorial, sistema central, sistema motor e a linguagem (CARRUTHERS, 2006). O sistema sensorial está relacionado à percepção, pois é responsável pelo processamento visual, auditivo, olfativo, tátil e gustativo. Esse sistema é responsável por transduzir estímulos, como a luz e o som, por isso é chamado de processos cognitivos de entrada (*input*). Já o sistema central está associado ao pensamento, à resolução de problemas, à aprendizagem, à memória, ao raciocínio, ao julgamento, à tomada de decisão, ao controle inibitório, etc.. Esse sistema, por processar os estímulos de entrada (*input*), está relacionado ao processamento da informação e, por isso, é chamado de processos cognitivos superiores. O sistema motor está relacionado aos movimentos voluntários, aos reflexos e aos rítmicos, como *andar, pegar, mastigar, urinar, defecar, vomitar, dançar, equilibrar*, etc. Esse sistema, por ser o último no processamento da informação, é chamado de processos de saída (*output*). Por fim, o módulo da linguagem, objeto de estudo dos gerativistas, refere-se ao processamento da linguagem, seja oral ou escrita.

Diante disso, a proposta da arquitetura mental nos possibilita propor a classificação dos verbos em três grandes grupos, a saber: verbos sensoriais, verbos de processamento e verbos motores. Na Tabela 2, a seguir, arrolamos uma lista de verbos para exemplificar essa classificação e, na sequência, analisamos sentenças construídas a partir de cada classe verbal:

VERBOS SENSORIAIS	VERBOS DE PROCESSAMENTO	VERBOS MOTORES
ver, sentir, observar, ouvir, ler, degustar, assistir, cheirar, enxergar, escutar, etc.	pensar, aprender, resolver, compreender, analisar, lembrar, recordar, amar, admirar, alucinar, delirar, etc.	cortar, fazer, consertar, reformar, costurar, arranhar, cantar, falar, escrever, , extrair, beijar, pescar, caçar, pintar, operar, quebrar, chutar, etc.

Tabela 2 – Grupos verbais

A partir da análise dos exemplos abaixo, buscaremos descrever as principais características de cada classe verbal proposta, no intuito de demonstrar a necessidade de tal classificação para o reconhecimento das causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos. Vejamos:

- (36)
- a. Ana *viu* o céu estrelado
  - b. Estela *ouviu* a campainha
  - c. Marcos *cheirou* a comida

As sentenças (36) estão relacionadas ao sistema sensorial, pois *Ana* só pode ver o céu se tiver olhos, *Estela* só pode ouvir a campainha se tiver ouvidos e *Marcos* só pode cheirar se tiver sistema olfativo. Assim, a realização dessas sentenças só é possível se pressupusermos que *Ana*, *Estela* e *Marcos* são capazes de executar as ações expressas pelos verbos. As sentenças abaixo evidenciam como as partes do corpo são recuperadas por meio de acarretamentos:

- (37)
- a. Ana *viu* o céu estrelado, mas não tem olhos
  - b. Estela *ouviu* a campainha, mas não tem ouvidos
  - c. Marcos *cheirou* a comida, mas não tem sistema olfativo

As sentenças acima são contraditórias, porque a ação descrita pelos verbos *ver*, *ouvir* e *cheirar* requer partes específicas do corpo, já que não é possível, evidentemente, a realização das ações expressas sem *os olhos*, *os ouvidos* e o *sistema olfativo*, respectivamente. Nessas sentenças, assumiremos que *os olhos*, *os ouvidos* e o *sistema olfativo* serão compreendidos como instrumentos biológicos inalienáveis<sup>8</sup> essenciais à realização da ação do

<sup>8</sup> De acordo com dicionário Caldas Aulete (versão digital), algo inalienável não se pode ser transferido ou alienado para outrem. Além disso, não pode ser tomado ou retirado do indivíduo que detém a sua posse. Deste

experienciador. Vale ressaltar que não apenas o experienciador, mas também o agente e o paciente necessitam de instrumentos (biológicos ou não), o que iremos demonstrar ao longo desta explicação. Assim, como o corpo humano é um instrumento biológico inalienável não é possível um indivíduo realizar uma ação, como *ver*, *ouvir*, *cheirar*, *ler*, *degustar*, *sentir*, etc., por outro indivíduo. Essa característica dos verbos sensoriais evidencia, portanto, que essa categoria verbal não permite a construção de sentenças causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos devido ao sistema sensorial ser parte constituinte do corpo humano, sendo, por conseguinte, inalienável. Fato semelhante ocorre com os verbos de processamento. Vejamos:

- (38)
- a. Ana *pensou* na vida
  - b. Estela *ama* João
  - c. Marcos *memorizou* a partitura

As sentenças acima estão associadas ao sistema central, pois os verbos *pensar*, *amar* e *memorizar* requerem diferentes partes do sistema nervoso central, sem os quais essas ações seriam impossíveis. Por exemplo, se Marcos tiver um acidente vascular cerebral na região da memória, ele terá um comprometimento nesse módulo e os demais módulos continuarão intactos. Nessa situação, Marcos ainda seria capaz de *pensar*, de *amar*, de *compreender*, uma vez que esses verbos de processamento estão relacionados com outras regiões cerebrais. Então, nessas sentenças, o sistema nervoso central é o instrumento biológico fundamental para a realização das ações descritas pelos verbos (*pensar*, *amar* e *memorizar*). Assim como os verbos sensoriais, os verbos de processamento impedem a construção de sentenças causativas formadas a partir de verbos transitivos, pois o sistema nervoso central é inalienável. Fato semelhante ocorre com alguns verbos motores, visto que, em algumas sentenças, não é possível transferir o instrumento necessário para a realização da ação:

- (39)
- a. Ana *beijou* João (com a boca)
  - b. Estela *arranhou* Tadeu (com as unhas das mãos)
  - c. Marcos *chutou* a bola (com o pé)

---

modo, estamos assumindo, aqui, que o corpo humano e suas partes são inalienáveis, ou seja, não é possível transferir, alienar, tomar posse ou retirar nada do corpo e/ou de suas partes, transferindo para um outro indivíduo, como, por exemplo, cérebro, visão, audição, tato, boca, pés, mãos, órgãos genitais, etc.

Nas sentenças acima, Ana precisa da *boca* para beijar, Estela precisa das *unhas das mãos* para arranhar e Marcos precisa do *pé* para chutar, uma vez que esses são os instrumentos biológicos imprescindíveis para a realização das ações verbais descritas. Os instrumentos utilizados nessas sentenças também são inalienáveis, pois não é possível um indivíduo realizar a ação de *beijar*, *arranhar* e *chutar* por outro indivíduo. Por isso, os verbos motores que possuem instrumentos inalienáveis (como o corpo e suas partes) impedem a construção de sentenças causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos. Neste trabalho, denominaremos essa subclasse de verbos motores de *verbos motores de primeira ordem*, visto que estão associados a ações do próprio corpo e de suas partes e não requerem instrumentos alienáveis para sua realização. Na classe dos verbos motores, há uma subclasse em que os instrumentos são alienáveis, uma vez que podem ser transferidos de uma pessoa para outra. A esses verbos chamaremos de *verbos motores de segunda ordem*. Essa possibilidade de alienação do instrumento será considerada, neste trabalho, como uma importante característica para a formação de causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos. Vejamos:

- (40)
- a. Ana *cortou* o cabelo (com a tesoura)
  - b. Estela *fez* uma cirurgia plástica (com o bisturi)
  - c. Marcos *consertou* o carro (com as ferramentas)

As sentenças acima são consideradas exemplos de causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos. Para que seja possível a leitura causativa, é necessário que essas estruturas apresentem uma interpretação ambígua em relação ao papel temático atribuído ao argumento que ocupa a posição de sujeito de cada sentença, visto que ele pode ser interpretado como agente da ação verbal ou pode ser interpretado como um paciente (ou beneficiário). Nessas sentenças, como pré-condição semântica para a realização das ações de *cortar*, *fazer* e *consertar*, além dos instrumentos biológicos inalienáveis, como as mãos e os olhos, são necessários instrumentos artificiais, como *bisturi*, *tesoura*, *pinça*, etc. Na sentença (40a), é necessária uma tesoura (ou um outro objeto cortante); em (40b), são necessários bisturi, tesoura, pinça, etc.; e, em (40c), são necessárias ferramentas, como alicate, chave de fenda entre outras para realização das ações descritas. Desse modo, reconhecemos que, para formação de sentenças causativas construídas com verbos transitivos, é fundamental que o instrumento seja alienável, isto é, que seja transferível de um indivíduo para outro. Essa

propriedade é de suma importância, visto que as mãos, os braços, os olhos e o sistema nervoso são instrumentos inalienáveis, ao passo que instrumentos como tesoura, alicate, chave de fenda, etc. podem ser transferidos, emprestados da pessoa que detém a posse para outro indivíduo. Assim, vamos considerar que, para a formação da sentença causativa sintética com verbos transitivos, a propriedade de alienação da posse do instrumento artificial e a leitura ambígua (a interpretação do sujeito como agente ou paciente) são características que possibilitam a leitura causativa. Além dessas características, tem-se a necessidade de um agente volicional na posição de sujeito, pois se fosse um ser inanimado, por exemplo, não haveria essa leitura ambígua:

- (41) a. ? O livro cortou o cabelo (com a tesoura)  
 b. ? A maca fez uma cirurgia plástica (com o bisturi e etc.)  
 c. ? A lâmpada consertou o carro (com as ferramentas)

As sentenças acima podem ser consideradas mal-formadas, visto que não há como um ser inanimado realizar as ações de *cortar*, *fazer* e *consertar*, o que é uma evidência da necessidade de um agente volicional na posição de sujeito. Além disso, os sujeitos dessas sentenças – *o livro*, *a maca* e *a lâmpada* – não são capazes de obter posse e manusear instrumentos artificiais alienáveis, como tesoura, bisturi e ferramentas. Já nas sentenças (40), a posição de sujeito é preenchida por um DP animado que, além de ser o desencadeador da ação expressa, tem capacidade de obter posse e manusear instrumentos artificiais alienáveis, contribuindo, portanto, para a leitura ambígua.

A análise de Levin (1993) e Levin & Rappaport (1995) para o verbo *cut* corrobora nossa descrição dos fatos. As autoras argumentam que esse verbo requer sempre um agente volicional e um instrumento:

O próprio significado do verbo *cortar* implica na existência de um instrumento cortante que deve ser usado por um agente volicional para provocar a mudança de estado descrita pelo verbo. Se a mesma mudança de estado acontecer sem o uso de um instrumento cortante, então, não pode ser considerado que ela ocorreu por meio do cortante. Um verbo como *cortar* demonstra que o conjunto de verbos que não detransitivatiza não é mesmo conjunto de verbos que restringem seus sujeitos a agentes volicionais. (LEVIN & RAPPAPORT, 1995, p. 103, tradução nossa)<sup>9</sup>

<sup>9</sup> The very meaning of the verb *cut* implies the existence of a sharp instrument that must be used by a volitional agent to bring about the change of state described by the verb. If the same change of state were to come about without the use of a sharp instrument, then it could not be said to have come about through cutting. A verb like *cut* demonstrates that the set of verbs that do not detransitivize is not the same as the set of verbs that restrict their subjects to volitional agents<sup>9</sup>. (LEVIN & RAPPAPORT, 1995, p. 103.)

Assim, neste trabalho, estendemos a proposta de Levin (1993) e Levin & Rappaport (1995) a outros verbos motores de segunda ordem, como *fazer*, *consertar*, *costurar*, *tirar*, *pintar*, desde que os instrumentos sejam alienáveis. Considerando essa perspectiva, entendemos que sentenças causativas sintéticas constituídas com esse tipo de verbo parecem que são bem formadas se houver um instrumento artificial alienável para a realização da ação. Vejamos:

- (42)
- a. ? Ana cortou o cabelo, mas cortou sem nenhum objeto cortante
  - b. ? Estela fez uma cirurgia plástica, mas fez sem bisturi, tesoura, pinça, etc
  - c. ? Marcos consertou o carro, mas consertou sem nenhuma ferramenta

As sentenças acima são contraditórias, pois não há como as duas orações coordenadas, de cada exemplo, ocorrerem simultaneamente no mundo (CANÇADO, 2008). Desse modo, na sentença (42a), para Ana realizar a ação de cortar o cabelo, parece ser necessário o uso de um instrumento cortante, visto que só assim é possível *cortar* um pedaço do cabelo, separar as partes; é por isso, então, que temos uma contradição. Da mesma maneira, na sentença (42b), para Estela fazer uma cirurgia, parece ser necessário o uso de instrumentos, como bisturi, tesoura e pinça, uma vez que só assim é possível a realização do procedimento. Por fim, na sentença (42c), para Marcos consertar o carro, parece ser necessário o uso de ferramentas, pois a falta delas impede a realização do evento de *consertar*. Portanto, a contradição presente nas sentenças (42) é uma forte evidência da necessidade não unicamente de um instrumento biológico (como o corpo e suas partes), mas também do uso de instrumento artificial alienável para a realização da ação.

Em resumo, vejamos a síntese da nossa descrição a partir de mais alguns exemplos que permitem comparar as diferentes classes de verbos propostas:

- (43)
- a. Ana *viu* o céu estrelado
  - b. Ana *pensou* na vida
  - c. Ana *beijou* João
  - d. Ana *cortou* o cabelo

A sentença (43a) é formada com um verbo sensorial e, como os olhos são instrumentos biológicos inalienáveis, isso passa a ser uma restrição dessa classe de verbo, impedindo que um indivíduo realize a ação de *ver* no lugar do experienciador. De forma



semelhante, a sentença (43b) possui um verbo de processamento e, como não é possível transferir a posse do sistema nervoso central de um indivíduo para outro, isso impede que um indivíduo execute a ação de *pensar* no lugar do experienciador. Embora a sentença (43c) seja formada com um verbo motor, a boca (por ser instrumento biológico necessário para a realização da ação) é inalienável e, por isso, impede a construção de sentença causativa sintética. Desse modo, conforme é possível verificar nos exemplos (43a-c), as propriedades dos verbos que as compõem impedem que elas sejam interpretadas como sentenças causativas sintéticas.

A sentença (43d) trata-se de um exemplo formado com um verbo motor, mas, conforme já mencionado, a ação de cortar requer semanticamente um instrumento artificial, que pode ser alienável. Por isso, é possível dizer que Ana cortou o cabelo, mas foi outro indivíduo, como um cabeleireiro, que realizou a ação de *cortar*. Nesse caso, Ana pode ser considerada um agente, visto que, num primeiro momento, ela é responsável pelo desencadeamento, pela iniciação da ação de cortar, ou seja, ela motiva ou faz um indivíduo cortar o seu cabelo. Num segundo momento, Ana tem traços de paciente da ação, uma vez que é afetada pela ação de *cortar*, porém essa ação é realizada por outro agente. Desse modo, assumimos que, nas causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos, o agente da ação do verbo transitivo está implícito, ao passo que o agente desencadeador do evento está explícito.

Além das características que acabamos de comentar, outro fator que influencia na leitura causativa é a ambiguidade na atribuição de papel temático à posição de sujeito, conforme mencionado anteriormente. Vejamos:

- (44)
- a. ? Ana viu o céu estrelado (mas foi João que viu por ela)
  - b. ? Ana pensou na vida (mas foi João que pensou por ela)
  - c. ? Ana beijou João (mas foi Maria que beijou por ela)
  - d. Ana cortou o cabelo (mas foi o cabeleireiro que cortou por ela)

Na sentença (44a), não é possível ter a leitura que *João* realizou a ação de *ver* por *Ana*, pois, como dito em parágrafos anteriores, os olhos são instrumentos biológicos inalienáveis. Assim, não há como fazer uma leitura ambígua de papel temático em relação ao experienciador, porque somente Ana pode ser interpretada como experienciadora da ação, visto que não é possível uma pessoa experimentar algo por outra. Na sentença (44b), ocorre o mesmo que em (44a): não é possível uma pessoa pensar por outra, assim não há como ter uma

leitura ambígua em relação ao papel temático, já que um experienciador não pode realizar a ação de *pensar* por outro. Já na sentença (44c), apesar de possuir um verbo motor, não é possível transferir a posse do instrumento necessário (*a boca*) para a realização da ação. Assim, não há como um *agente* realizar a ação de *beijar* por outro, o que impede uma leitura ambígua em relação ao papel temático do sujeito da primeira oração. Por fim, na sentença (44d), num primeiro momento, há uma leitura ambígua, em que *Ana* pode ser compreendida como *agente* da ação de *cortar*. Nesse caso, entendemos que *Ana* tem caráter agentivo, por ser desencadeadora da ação expressa. No entanto, *Ana* pode não ser a agente da ação de *cortar*, mas a paciente que sofreu a ação, visto que há um outro agente, *o cabeleireiro*, que é quem de fato utiliza o instrumento cortante. Assim, na sentença (44d), a realização do *agente* não gera agramaticalidade, nem uma contradição, visto que é aceitável falar que uma pessoa cortou cabelo, mas o cabeleireiro que realizou a ação de *cortar*. Portanto, a ambiguidade de papel temático está presente em sentenças causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos, tendo em vista que os instrumentos artificiais, por serem alienáveis, podem ser transferidos entre os possíveis agentes (indivíduos) envolvidos na ação descrita. Desse modo, o sujeito da primeira oração coordenada pode ser compreendido como agente, por ser o desencadeador inicial da ação, porém o fato de haver outra entidade para executar ação verbal de *cortar* acaba anulando a ambiguidade em relação ao papel temático:

- (45)        a. Ana cortou o cabelo  
               b. Ana<sub>i</sub> fez o cabeleireiro cortar seu<sub>i</sub> cabelo

A partir dos exemplos acima, consideraremos que uma sentença como (45a) em uma de suas interpretações é uma paráfrase da sentença (45b), sendo (45a) derivada de (45b). A primeira é uma causativa sintética que expressa somente o evento causado (Bittencourt, 1995, 2001). Já a segunda sentença é uma causativa analítica, formada a partir de um verbo causativo (*fazer*) e uma sentença encaixada, tendo, portanto, o evento causador (*Ana fez*) e o evento causado (*o cabeleireiro corta seu cabelo*) expressos. Postulamos, então, que a sentença causativa sintética formada a partir de verbo transitivo tem a mesma estrutura sintática da causativa analítica, sendo que a estrutura derivada só será possível se tiver as seguintes características:

- i)        possuir um verbo transitivo motor, que, como precondição semântica, requer um instrumento artificial;

- ii) o instrumento artificial requerido seja alienável;
- iii) o sujeito possua uma leitura ambígua em relação ao papel temático.

Diante dessas características, propomos um teste objetivando reconhecer quando uma sentença pode (ou não) ser classificada como causativa sintética formada a partir de verbo transitivo. A realização deste teste consiste na aplicação de cinco etapas. A seguir, temos a descrição de cada etapa e, no final, a Tabela 2 sintetiza o teste:

*1ª) Etapa – Verificar a transitividade do verbo:*

- i) Se o verbo for intransitivo, então cessar o teste, visto que não se trata de causativa sintética formada a partir de verbo transitivo;
- ii) Se o verbo for transitivo, então prosseguir o teste (Etapa 2).

*2ª) Etapa – Verificar se o verbo está associado ao sistema sensorial, ao processamento ou ao motor:*

- i) Se for verbo sensorial, então não é uma causativa sintética formada a partir de verbo transitivo;
- ii) Se for verbo de processamento, então não é uma causativa sintética formada a partir de verbo transitivo;
- iii) Se for verbo motor de primeira ordem, então não é uma causativa sintética formada a partir de verbo transitivo;
- iv) Se for verbo motor de segunda ordem, então prosseguir o teste (Etapa 3).

*3ª) Etapa – Identificar se há ambiguidade de papel temático:*

- i) Se não há uma leitura ambígua em relação à atribuição de papel temático à posição de sujeito, então não é uma causativa sintética formada a partir de verbo transitivo;
- ii) Se houver ambiguidade, então prosseguir o teste (Etapa 4).

*4ª) Etapa – Verificar se há a necessidade da utilização de instrumento artificial (tesoura, bisturi, alicate etc.) para a realização da ação:*

- i) Se não há necessidade do uso de um instrumento artificial, verificar se o corpo é utilizado como tal. Se for, então não é uma causativa sintética formada a partir de verbo transitivo.
- ii) Se há a necessidade do uso de um instrumento, verificar se o instrumento foi explicitado/realizado na sentença.

- a) Se não houver um instrumento realizado na sentença, é necessário introduzir um entre parênteses. Ex.: João cortou o cabelo (com um objeto cortante).
- b) Se houver um instrumento já explícito, então prosseguir o teste (Etapa 5).

*5ª Etapa – Conferir se o instrumento é alienável, ou seja, se ele pode ser deslocado de uma pessoa para outra:*

- i) Se o instrumento utilizado para a realização da ação for biológico ou inalienável, então não é uma causativa sintética.
- ii) Se o instrumento utilizado para a realização da ação for artificial e alienável, então é uma causativa sintética formada a partir de verbo transitivo.

Os cinco critérios descritos acima permitirão verificar de forma mais clara quando a sentença será classificada como causativa sintética formada a partir de verbo transitivo (que, necessariamente, requer um verbo motor de segunda ordem). Os exemplos abaixo em (46) não serão classificados como causativas sintéticas. Já os dados em (47), por meio do teste, serão classificados como sentenças como causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos. Vejamos:

- (46)
  - a. Ana leu o livro
  - b. Márcia degustou a comida
  - c. Carolina resolveu o problema
  - d. João amava Maria
  - e. Cecília folheou o livro
  - f. Tadeu aplaudiu o espetáculo
  - g. O médico operou o paciente
  
- (47)
  - a. Mara cortou o cabelo
  - b. Pedro operou o pé
  - c. Caetano reformou o apartamento
  - d. José consertou o carro
  - e. Tereza pintou a casa
  - f. O fazendeiro inseminou as vacas
  - g. Ester transplantou a córnea direita
  - h. Artur podou a grama

Para facilitar a visualização do teste, arrolamos os dados acima, na Tabela 3, com o objetivo de validá-lo:

Exemplos		1° etapa	2° etapa	3° etapa	4° etapa	5° etapa
(46) a	Ana leu o livro	Sim	X	X	X	X
(46) b	Márcia degustou a comida	Sim	X	X	X	X
(46) c	Carolina resolveu o problema	Sim	X	X	X	X
(46) d	João amava Maria	Sim	X	X	X	X
(46) e	Cecília folheou o livro	Sim	Sim	X	X	X
(46) f	Tadeu aplaudiu o espetáculo	Sim	Sim	X	X	X
(46) g	O médico operou o paciente	Sim	Sim	X	X	X
(47) a	Mara cortou o cabelo	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
(47) b	Pedro operou o pé	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
(47) c	Caetano reformou o apartamento	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
(47) d	José consertou o carro	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
(47) e	Tereza pintou a casa	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
(47) f	O fazendeiro inseminou as vacas	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
(47) g	Ester transplantou a córnea direita	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
(47) h	Artur podou a grama	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

Tabela 3 – Aplicação do teste para reconhecimento de sentenças causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos

A sentença (46a) não pode ser classificada como causativa sintética formada a partir de verbo transitivo, visto que *ler*, apesar de ser transitivo, é um verbo sensorial, por isso não prosseguimos o teste. A sentença (46b) também não pode ser classificada como causativa sintética formada a partir de verbo transitivo, por ser composta pelo verbo *degustar*: isso impede o prosseguimento do teste. Na análise das sentenças (46c-d), o teste também é interrompido na segunda etapa, pois elas são construídas com verbos de processamento (*resolver* e *amar*). As sentenças (46e-f), embora sejam construídas com verbos motores, para a realização das ações de *folhear* e *aplaudir*, é necessário o uso das mãos. Nesse caso, como não há como um sujeito realizar essa ação por outro, a leitura ambígua é impedida. Por isso, o teste não prossegue. A sentença (46g), apesar de possuir um verbo transitivo motor de segunda ordem, não há leitura ambígua, pois o DP *o médico* que ocupa a posição de sujeito é interpretado com agente da ação, por isso não prosseguimos o teste. Já as sentenças (47a-h) passaram por todas as etapas do teste. Todas essas sentenças, além de um verbo motor de segunda ordem, apresentam uma leitura ambígua em relação ao papel temático atribuído ao argumento externo. Além disso, possuem verbos motores de segunda ordem, que em função da sua carga semântica, requerem instrumentos alienáveis, como bisturi, tesoura, pinça etc. Portanto, ao analisarmos as sentenças (47a-h), foi possível certificar que cada uma dessas

sentenças possui as características necessárias para serem classificadas como causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos.

### 1.2.2 Conclusão do capítulo

Neste capítulo, vimos alguns estudos que analisam as construções causativas, e, em especial, apresentamos os trabalhos de Bittencourt (1995, 2001) e Silva (2009), que examinam a realização das causativas no PB. Com base na análise de Levin (1993) e Levin & Rappaport (1995), identificamos, como uma precondição semântica, a necessidade do argumento *instrumento* para a realização das causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos. Reconhecendo essa propriedade e examinando os verbos que formam as causativas, propusemos uma classificação verbal com base na arquitetura da mente (Stilings *et. al.*, 1995). Assim, identificamos três classes verbais: i) verbos sensoriais; ii) verbos de processamento; iii) verbos motores (de primeira ordem e segunda ordem). Por meio dessa classificação, foi possível identificar três propriedades dos verbos que permitem a formação de causativas sintéticas: i) possuir um verbo transitivo motor, que semanticamente requer um instrumento artificial; ii) o instrumento artificial requerido possa ser alienável; iii) o sujeito das causativas sintéticas apresente uma leitura ambígua em relação ao papel temático. Considerando essas propriedades, apresentamos um teste que permite o reconhecimento das causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos. Enfim, diante do exposto até aqui, consideramos que a classificação verbal proposta permite uma identificação mais precisa dos verbos que formam as causativas sintéticas e, por fim, a realização do teste facilita o reconhecimento de quais estruturas podem ser classificadas como causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos.

## 2. PANORAMA TEÓRICO

### 2.1 Introdução

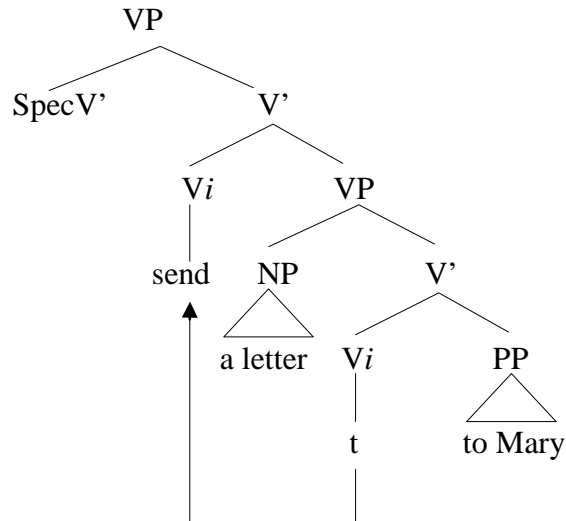
Neste capítulo, serão apresentados alguns estudos existentes na Teoria Gerativa que discorrem sobre as estruturas causativas (PYLKKÄNEN, 2002, 2008; BLANCO, 2010, 2011). Além desses trabalhos, também serão abordadas a proposta de Larson (1988) e a sua ampliação desenvolvida por Hale e Keyser (1993, 2002). Embora o presente trabalho não tenha como foco as construções analisadas por esses autores, os dois trabalhos são de suma importância, pois, conforme atestado por Silva (2009), as sentenças causativas possuem uma estrutura argumental complexa, que pode ser explicada a partir das conchas verbais propostas por Larson (1988) e por Hale e Keyser (1993, 2002).

### 2.2 As abordagens teóricas

#### 2.2.1 Larson (1988)

O trabalho de Larson (1988) possui grande relevância para a Teoria Gerativa, pois o autor, ao explicar a formação de construções de objeto duplo em inglês, desenvolveu propostas que explicitam a estrutura argumental dos verbos. Larson (1988) argumenta que, nas sentenças com objeto duplo, como *John sent Mary a letter*, há uma operação sintática, semelhante à que ocorre nas estruturas passivas, para que o objeto indireto possa receber Caso Dativo dentro do VP. O autor também esclarece, com base na análise de Chomsky (1955, 1975) para as estruturas dativas, que essa sentença é derivada de *send a letter to Mary*, formando uma estrutura binária, classificada como VP-shell (concha v-VP). A representação abaixo ilustra essa estrutura:

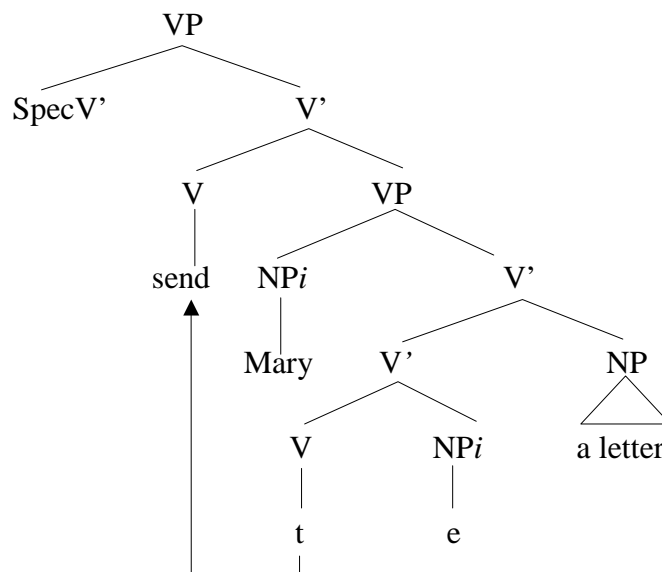
(1)



(LARSON, 1988, p. 343)

Larson (1988) propõe ainda que, nesse tipo de estrutura, há um complexo verbal para abrigar o verbo lexical como núcleo, tomando o objeto indireto como complemento e o objeto direto na posição de especificador. Na representação (1), há uma concha v-VP, na qual o V vazio (mais alto) toma o VP (mais baixo) como complemento, para que esse possa abrigar o NP objeto direto (*a letter*) na posição de especificador, o verbo lexical (*send*) na posição de núcleo e o PP (*to Mary*) como complemento. Essa “manobra” permite a formação da sentença *John sent Mary a letter*, conforme a representação da estrutura superficial abaixo (2), em que objeto indireto é movido para a posição de sujeito do VP mais baixo, enquanto *send* alça para a posição de núcleo do VP mais alto:

(2)



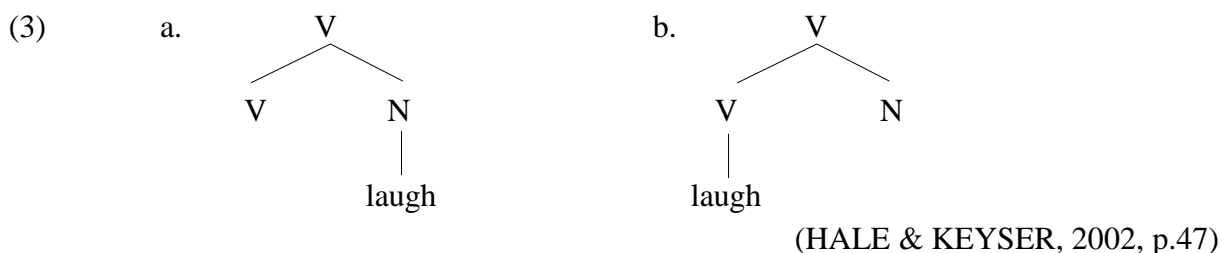
(LARSON, 1988, p. 353)



Desse modo, a proposta de Larson (1998) ganha relevância para teoria gerativa, pois, diante da necessidade de uma estrutura capaz de abrigar mais de um núcleo, o autor delinea a concha v-VP, que possibilita estruturar construções com múltiplos argumentos internos.

### 2.2.2 Hale e Keyser (1993, 2002)

Hale e Keyser (1993) analisam a estrutura argumental de verbos denominais<sup>10</sup>, buscando explicar o comportamento sintático desses verbos. Os autores, a partir da estrutura da concha v-VP de Larson (1998), assumem que a maioria dos verbos possui uma estrutura subjacente, sendo que boa parte dos verbos denominais é derivada de uma operação sintática verbal chamada de *conflation*. Hale e Keyser (2002) esclarecem que *conflation* é um termo utilizado para se referir à fusão dos núcleos sintáticos, sendo que isso ocorre quando a matriz fonológica do núcleo de um complemento (como, por exemplo, N) é inserida dentro do núcleo vazio. Assim, nessa estrutura, o verbo carrega a matriz fonológica do seu complemento nominal, originando um único item lexical, como um verbo denominal (no qual o núcleo fundido é N) e um verbo deadjetival<sup>11</sup> (no qual o núcleo fundido é A). Para exemplificar essa estrutura, Hale e Keyser (1993, 2002) analisam o verbo *laugh*:

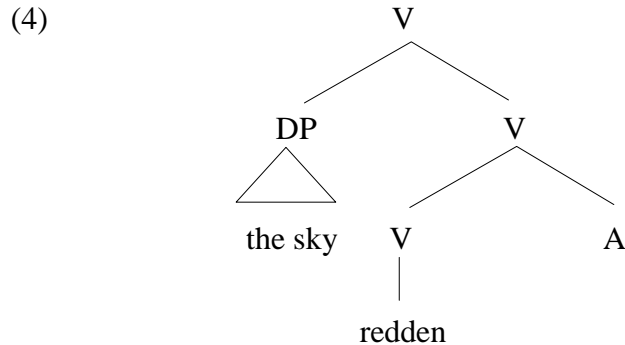


Segundo os autores, *laugh* é classificado como inergativo, isto é, possui padrão intransitivo. Esse tipo de verbo projeta um núcleo V e um N (em irmandade a V), sendo que N não é um predicado, visto que o verbo não requer um argumento interno. Na estrutura (3a), o verbo toma *laugh* como argumento, já na estrutura (3b), como o núcleo V está vazio, *laugh* move-se para essa posição, realizando a operação *conflation*. Essa operação possibilita, portanto, a formação da estrutura intransitiva de *laugh*, conforme a representação em (3b).

<sup>10</sup> Verbos derivados de nomes, como *calve*, *lamb*, *shelve*, *bottle*, *saddle*, etc.

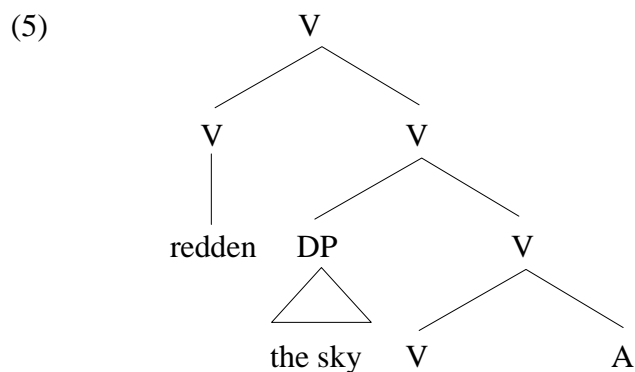
<sup>11</sup> Verbos derivados de adjetivos, como *clear*, *narrow*, *redden*, *darken*, etc.

Hale e Keyser (2002) esclarecem que verbos deadjetivais também são resultantes da operação *conflation*.



(HALE & KEYSER, 2002, p.48)

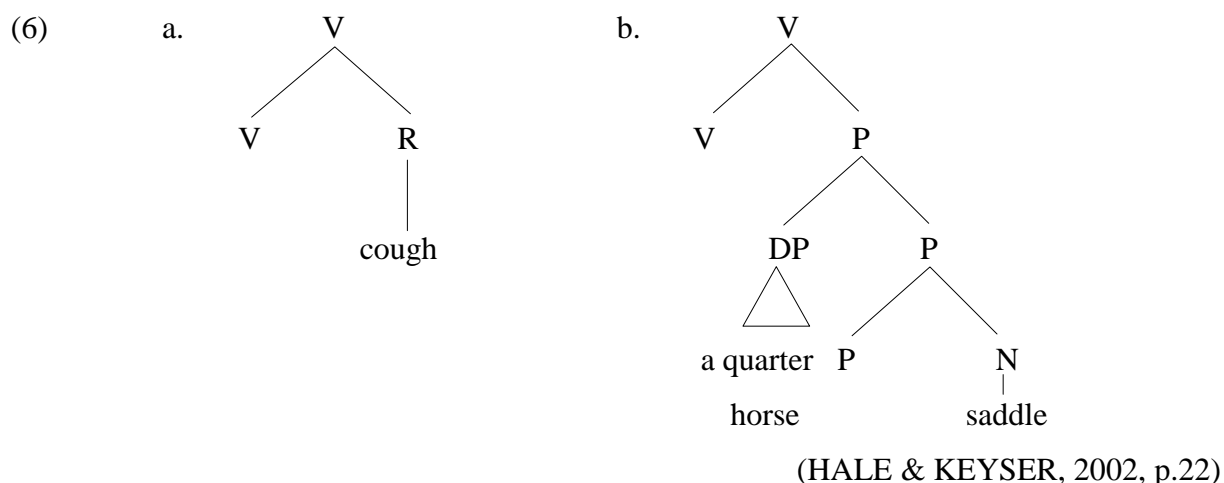
Conforme pode ser visto em (4), o processo de derivação dos deadjetivais, em inglês, geralmente ocorre por meio de sufixação, gerando um verbo inacusativo como *redden*. Os autores esclarecem que, além da estrutura inacusativa, como em *The sky reddened*, é possível formar a estrutura transitiva, como em *The sunset reddened the sky*. Nesta estrutura, *conflation* ocorre duas vezes: a primeira, em que há o processo de sufixação, e a segunda, em que o verbo derivado se funde com a matriz vazia, como pode ser visto na representação proposta por Hale e Keyser (2002):



(HALE & KEYSER, 2002, p.48)

Na estrutura transitiva acima (5), o V mais alto projeta um núcleo abstrato para abrigar o V intermediário, que, por sua vez, projeta o V mais baixo, que estabelece relação de irmandade com A. Como A é um predicado, requer um argumento interno, então, a projeção de especificador é preenchida.

Toda essa explicação possibilita um melhor entendimento do fenômeno *conflation*, que, para Hale e Keyser (2002), é uma instanciação fonológica dos verbos leves. Nesse contexto, os autores defendem que *conflation* está diretamente relacionado aos verbos que carregam a matriz fonológica do complemento nominal, conforme nos exemplos vistos acima. Ou seja, Hale e Keyser (1993, 2002) postulam que esses verbos são derivados de uma estrutura interna complexa, que possui um núcleo vazio que se funde com um complemento (como N, A ou P). Os autores ainda esclarecem que esse núcleo vazio é não-interpretável na PF, desencadeando *conflation*. Hale e Keyser ainda destacam que o processo de *conflation* é estritamente local, pois o núcleo V seleciona o seu alvo X<sup>o</sup> em seu complemento.



Os autores analisam as estruturas acima (a-b) para enfatizar que *conflation* ocorre em uma relação local, pois, conforme pode ser observado na estrutura (6a), V se funde com R ( $\sqrt{\text{Root}}$ ). Já na estrutura (6b), o DP (*a quarter horse*) não entra na operação de *conflation*, uma vez que V toma P como complemento e P toma *saddle* como complemento, estabelecendo uma relação estritamente local.

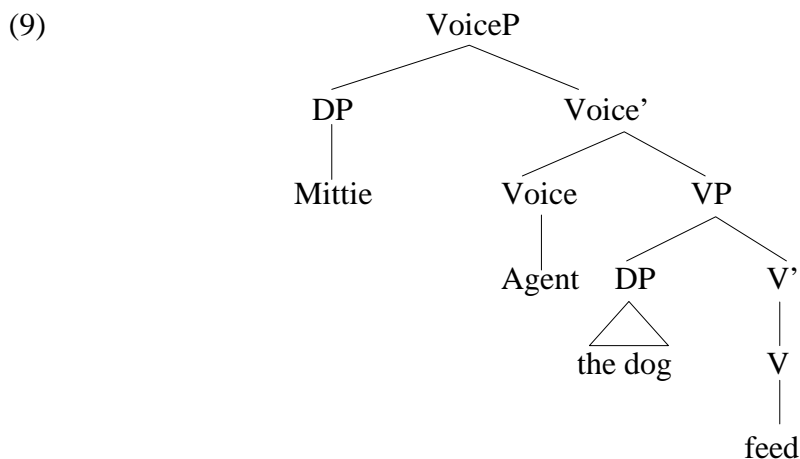
Assim, as propostas desenvolvidas por Larson (1988) e por Hale e Keyser (1993, 2002) oferecem subsídios para explicar a formação de sentenças que requerem uma estrutura complexa, possibilitando uma projeção para o verbo leve e outra projeção para o verbo lexical na concha v-VP. Desse modo, a proposta teórica de Hale e Keyser (1993, 2002) contribui de modo relevante para o desenvolvimento do presente trabalho, ao considerarmos que os autores assumem que itens lexicais, como verbos denominais e deadjetivais, em inglês, são resultantes de estruturas complexas, formadas a partir de verbos leves. Dada à necessidade do argumento externo nas sentenças causativas, veremos, a seguir, como Kratzer (1996) propõe a introdução desses argumentos.

### 2.2.3 Kratzer (1996)

Kratzer (1996) explicita como o argumento externo é projetado em sentenças transitivas que possuem um argumento agente. Para a autora, o argumento externo não pode ser associado ao nível VP, uma vez que ele deve ser introduzido por um núcleo funcional, denominado VoiceP. Kratzer não considera que o sujeito de um predicado agentivo é argumento do verbo e, por isso, o argumento identificado como agente deve ser projetado acima de VP, alocado no núcleo Voice. Com base em Marantz (1984), Kratzer argumenta que, em geral, os objetos impõem uma leitura especial ao verbo, enquanto o sujeito não impõe nenhuma restrição. Os exemplos de Marantz, reproduzidos pela autora (KRATZER, 1996, p. 114), evidenciam essa relação entre o objeto e o VP:

- (7)
- a. *kill a cockroach* = matar uma barata
  - b. *kill a conversation* = matar uma conversa (i.e. encerrar uma conversa)
  - c. *kill an evening watching TV* = matar uma noite assistindo TV
  - d. *kill a bottle* = matar uma garrafa
  - e. *kill an audience* (i.e., wow them) = matar um público (i.e. impressioná-los)
- (8)
- a. virar a página
  - b. virar o jogo
  - c. virar a cabeça (i.e. mudar de ideia)
  - d. virar evangélico
  - e. virar a esquina

Como é possível observar acima cada significado do verbo *kill* está diretamente relacionado ao objeto de cada sentença. Essa análise pode ser estendida aos verbos *matar* e *virar* do português, em (7-8), que se comportam de modo semelhante ao verbo *kill* em inglês. Isso reforça o fato de que o objeto impõe restrições ao verbo. Já o argumento externo não determina nenhum significado específico ao verbo (*kill*), e não é capaz de mudar seus sentidos. Diante dessas evidências, Kratzer (1996) propõe que o argumento externo não é, de fato, argumento do verbo, sendo essa propriedade uma evidência a favor da hipótese do núcleo Voice. Assim, Kratzer (1996) argumenta que Voice é um núcleo funcional, pois, se fosse um núcleo lexical, deveria ser obrigatório, mas não é um núcleo obrigatório, podendo aparecer em determinadas construções e em outras não. A autora também defende que Voice, por ser um núcleo funcional, além de introduzir o agente, pode atribuir e checar Caso Acusativo. Kratzer, como exemplo de sua proposta, apresenta a estrutura composta pelo VoiceP da seguinte maneira:



(KRATZER, 1996, p. 121)

Kratzer explica que VoiceP é uma projeção realizada acima da projeção máxima (VP), tendo a função de introduzir o argumento externo. Então, em (9), o DP (*Mittie*) é o argumento externo, gerado na posição de Spec de VoiceP, sendo esse argumento identificado como o agente do evento *the dog feed*. Assim, o núcleo Voice projeta o argumento externo, que é o agente do evento descrito. Além disso, o núcleo Voice toma o VP como complemento. Então, o VP projeta o argumento interno e Voice projeta o argumento externo, sendo cada núcleo responsável por um predicado. A autora destaca que Voice e VP passam por uma operação chamada de *Event Identification* (EI) (Identificação de Evento) para estabelecer a ligação dos elementos da sentença, coindexando os predicados. Desse modo, para Kratzer (1996), a realização de toda essa operação possibilita a ligação de VP ao VoiceP, visto que o argumento externo é introduzido por VoiceP, estabelecendo um relação composicional com VP.

Como dissemos anteriormente, ainda abordaremos os trabalhos de Pylkkänen, (2002, 2008) e de Blanco (2011), tendo em vista que ambas as autoras analisam as sentenças causativas a partir dos pressupostos do Minimalismo e das propostas das conchas verbais que contêm VoiceP. Nesse contexto, a proposta de Kratzer torna-se fundamental para nossa análise, como será visto nas seções a seguir, pois é o núcleo funcional Voice que permite a introdução do agente nas sentenças causativas.

#### 2.2.4 Pylkkänen (2002, 2008)

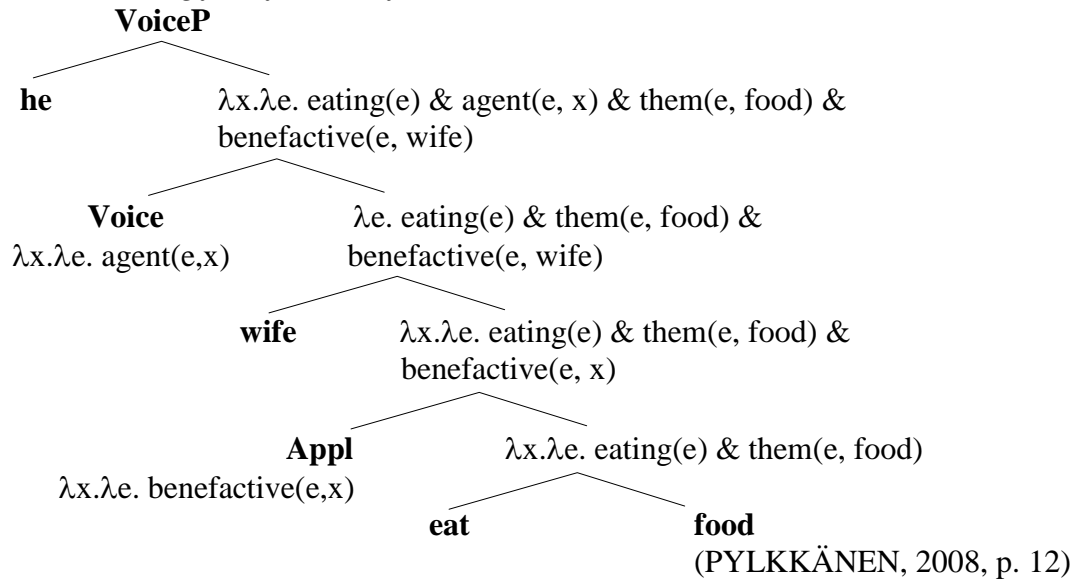
Pylkkänen (2002, 2008), com base em Kratzer (1996), reanalisa o núcleo VoiceP, propondo que toda estrutura causativa, além desse núcleo para projetar o agente, requer também o núcleo CAUSE, responsável por introduzir o evento da causação. Partindo dessa

análise, a autora descreve como são estruturadas essas sentenças no inglês, no japonês e no finlandês, discutindo a parametrização das causativas nessas línguas.

Pylkkänen (2002, 2008) analisa línguas naturais distintas para explicar as construções causativas e as aplicativas, buscando evidenciar como os argumentos verbais são introduzidos, quais mecanismos são requeridos e as restrições impostas por cada língua, com o objetivo de parametrizar a estrutura argumental dessas construções. Pylkkänen, ao examinar as construções com objeto indireto, defende que, apesar de parecerem semelhantes translinguisticamente, cada língua possui propriedades sintáticas distintas. Então, a autora apresenta dados do inglês e da língua chaga (língua bantu) para evidenciar essas diferenças:

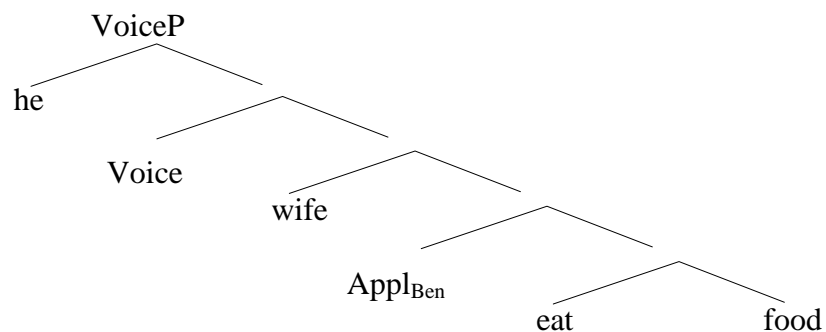
- (10) INGLÊS  
 a. *I baked a cake* (“Eu assei um bolo”)  
 b. *I baked him a cake* (“Eu assei-lhe um bolo”)  
 c. *I ran* (“Eu corri”)  
 d. *\*I ran him* (“\*Eu corri ele”)
- (11) CHAGA  
 a. *N- a"-i"-lyì-í-à m-kà k-élyá*  
 FOC-1SG-PRES-EAT-APPL-FV 1-wife 7-food  
 “*He is eating food for his wife*”  
 “*Ele está comendo comida para sua esposa*”  
 b. *N- a -i"-zrìc-í-à mbùyà.*  
 FOC-1SG-PRES-RUN-APPL-FV 9-friend  
 “*He is running for a friend*”  
 “*Ele está correndo para um amigo*”  
 (BRESNAN; MOSHI, 1993 *apud* PYLKKÄNEN, 2008, p. 11)

Segundo Pylkkänen, tanto o inglês quanto o chaga possuem construções com objeto duplo com um núcleo aplicativo contendo um argumento benefactivo. No entanto, a autora aponta que, no chaga, o participante benefactivo é adicionado por um verbo inergativo, enquanto no inglês isso resulta em uma sentença agramatical como pode ser observado no exemplo (10d). Desse modo, com base em Marantz (1993), Pylkkänen amplia a noção de núcleo aplicativo, pois, para a autora, esse núcleo e o núcleo Voice (proposto por Kratzer (1996)) são núcleos funcionais que são associados ao VP por meio da Identificação de Evento. Ao analisar diferentes línguas naturais, Pylkkänen reconhece a existência de dois núcleos aplicativos: o núcleo aplicativo alto e o núcleo aplicativo baixo. A partir dessa distinção, Pylkkänen propõe a seguinte estrutura para a sentença (11a):

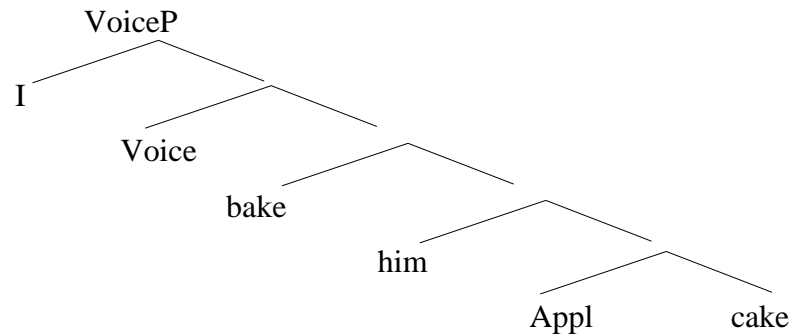
(12) a. *He is eating food for his wife*

Pylkkänen argumenta que, em uma sentença como (12), o argumento *wife* estabelece uma relação com o evento *eating*, visto que esse argumento é o beneficiário do evento descrito. Contudo, apesar de esse argumento (*wife*) possuir uma relação com o evento *eating*, ele não é associado ao objeto direto (o argumento *food*). Assim, o núcleo aplicativo alto, nesse tipo de sentença, é responsável por introduzir um novo participante no evento, sendo que ele é relacionado ao VP por meio da operação de Identificação de Evento. Em contrapartida, o núcleo aplicativo baixo, de acordo com Pylkkänen (2008), possui a função de relacionar dois indivíduos, expressando uma transferência de posse para o objeto direto, sendo que o núcleo aplicativo não estabelece uma relação com o verbo nesse tipo de sentença. As estruturas abaixo evidenciam o comportamento desses dois núcleos:

(13) a. APLICATIVO ALTO (CHAGA)



## b. Aplicativo Baixo (Inglês)



(PYLKKÄNEN, 2008, p. 14)

Pyllkänen destaca que o núcleo aplicativo alto tem função de relacionar o argumento aplicado ao evento descrito, o que, portanto, possibilita esse núcleo expressar outros tipos de núcleos, além do benefactivo, como instrumento, locativo, malefactivo, etc. Já o núcleo aplicativo baixo tem a função de relacionar dois indivíduos, visto que expressa uma ideia de transferência de posse: é por isso que construções com objeto duplo (em inglês, na qual o objeto direto e o argumento aplicado se relacionam) são agramaticais:

- (14) a. \**He ate the wife food* (“\* Ele comeu a comida esposa”)  
 b. \**John held Mary the bag* (“\* John segurou Maria a bolsa”)

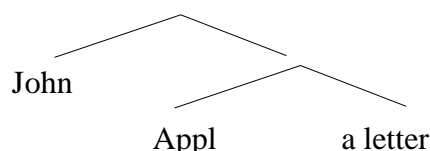
Os dados acima atestam essa relação, pois, segundo Pyllkänen (2002, 2008), na sentença (14a), é impossível interpretar o argumento *wife* como beneficiário do evento realizado pelo argumento externo (*He*). Assim como na sentença (15b) não é possível *John* ser interpretado como possuidor do objeto e ainda haver uma relação de posse estabelecida entre o argumento aplicado (*Mary*) e o argumento (*the bag*). Nesse contexto, Pyllkänen esclarece que as construções com o núcleo aplicativo baixo, possuem uma estrutura mais complexa:

- (15) NÚCLEO APLICATIVO BAIXO RECIPIENTE (INGLÊS)
- |                                    |   |
|------------------------------------|---|
| a. <i>I wrote John a letter</i>    | “ <i>I wrote a letter and the letter was to the possession of John</i> ”  |
| b. <i>I baked my friend a cake</i> | “ <i>I baked a cake and the cake was to the possession of my friend</i> ” |
| c. <i>I bought John a new VCR</i>  | “ <i>I bought a new VCR and the VCR was to the possession of John</i> ”   |

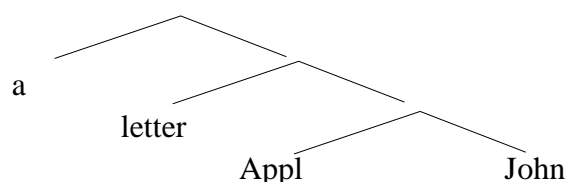


Conforme pode ser visto nos dados da autora, em inglês, por exemplo, na estrutura sintática subjacente, o objeto indireto deve c-comandar o objeto direto, mas, na relação semântica, o núcleo aplicativo e o objeto direto devem ser combinados com o núcleo do objeto direto:

(16) a. PROPRIEDADES DE C-COMANDO DIRETO



b. RELAÇÃO SEMÂNTICA DIRETA



(PYLKKÄNEN, 2008, p. 17)

Assim, Pylkkänen, ao considerar que o núcleo aplicativo baixo pode expressar uma relação dinâmica de transferência de posse, visto que o DP mais alto pode ser tanto recipiente quanto uma fonte do DP mais baixo, propõe dois subtipos de núcleos aplicativos baixo: Appl-to e o Appl-from. Pylkkänen, então, analisa a realização do núcleo aplicativo em diversas línguas, além do inglês e do chaga, como o japonês, o coreano, o albanês, entre outras, no intuito de inventariar as propriedades do núcleos aplicativos de uma forma universal.<sup>12</sup>

Outro ponto que Pylkkänen (2002, 2008) esmiúça, em seu trabalho, diz respeito às sentenças causativas. Essa análise é de suma importância para a realização de nossa pesquisa, uma vez que Pylkkänen objetiva descrever, a partir de um estudo translinguístico, como as construções causativas são formadas e como é interpretado o causador do evento descrito pela raiz verbal. A autora inicialmente analisa dados do inglês, do japonês e do finlandês para mostrar que, embora as construções causativas dessas línguas apresentem alguma semelhança sintática e/ou semântica em relação ao sentido de causativização, elas possuem diferenças substanciais. Vejamos:

<sup>12</sup> Essa discussão sobre o núcleo aplicativo desenvolvida por Pylkkänen permitirá a identificação de como o instrumento é introduzido nas sentenças causativas no PB, conforme será visto no capítulo três, no qual será apresentada a nossa proposta teórica.

- (17) INGLÊS
- a. Raiz inergativa  
*\*John cried the baby*  
 “\*John chorou o bebê”
- b. Raiz transitiva  
*\*John learned Mary Finnish*  
 “\*John aprendeu Mary finlandês”
- (18) JAPONÊS
- a. Raiz inergativa  
*John-ga kodomo-o nak-asi-ta*  
 John-NOM criança-ACC chorar-CAUSE-PAST  
 John fez a criança chorar
- b. Raiz transitiva  
*John-ga Taro-ni Eigo-o os-hie-ta.*  
 John-NOM Taro-DAT inglês-ACC ensinar-CAUSE-PAST  
 “John ensinou Taro inglês (= John fez Taro aprender inglês)”
- (19) FINLÂNDES
- a. Raiz inergativa  
*Jussi itke-tt-i las-ta*  
 Jussi chorar-CAUSE-PAST criança-PART  
 “Jussi fez a criança chorar”
- b. Raiz transitiva  
*Taro ope-tt-i Jussi-lle japani-a*  
 Taro.NOM ensinar-CAUSE-PAST Jussi-ABL japonês-PART  
 “Taro ensinou Jussi Japonês (= Taro fez Jussi aprender japonês)”  
 (PYLKKÄNEN, 2008, p. 82)

Com base na análise dos dados acima, a autora esclarece que, em inglês, verbos inergativos e verbos transitivos não formam estrutura com sentido causativo, enquanto no japonês e no finlandês esses verbos formam construções causativas. A partir dessa observação, Pykkänen (2002, 2008) busca responder quais argumentos estão presentes na estrutura causativa, propondo a existência do núcleo funcional CAUSE. Nesse contexto, a autora revisa a proposta de Marantz (1984) e a de Kratzer (1996), defendendo que o argumento que expressa o evento causador é introduzido pelo núcleo Voice, que toma o núcleo CAUSE como complemento. Desse modo, Pykkänen assume que, na causativização, a estrutura sintática, juntamente com a interpretação semântica, projeta o núcleo CAUSE. Assim, esse núcleo é interpretado como um modificador que tem como função mapear um predicado evento para outro predicado evento, expressando o evento causador. Veja como o exemplo abaixo que ilustra essa relação:

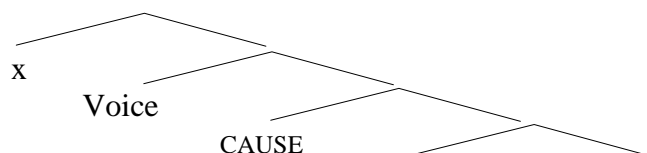
- (20) a. *John melted the ice* (= João derreteu o gelo)  
 b. '*John was the causer of a melting of the ice*'. ("João foi o causador de um derretimento do gelo")

- (21) Análise da relação temática  
 a. Cause:  $\lambda x.\lambda e.$  causer(e, x)  
 b. **VoiceP**  $\lambda x.\lambda e.$  melting(e) & theme(e, the ice) & causer(e, John)  
**John** **Voice'**  $\lambda x.\lambda e.$  melting(e) & theme(e, the ice) & causer(e, x)  
**Voice**<sub>causer</sub>  $\lambda x.\lambda e.$  melting(e) & theme(e, the ice)  
 $\lambda x.\lambda e.$  causer(e, x)
- 

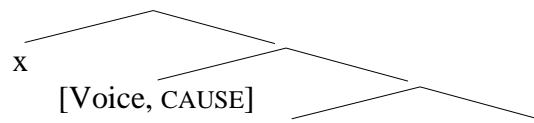
Considerando as estruturas em (20-21), Pylkkänen esclarece como a relação entre o núcleo Voice e CAUSE é estabelecida. De acordo com a autora, numa sentença como (20a), analisada em (21), o núcleo Voice denota uma relação temática entre indivíduos e eventos, que se relacionam com o evento descrito expresso pelo núcleo CAUSE, sendo que essa relação é estabelecida por meio da identificação de evento. Em (21), o argumento do evento causador é introduzido por VoiceP, que é combinado com o núcleo CAUSE, expressando, assim, o evento causador. Contudo, Pylkkänen aponta que a relação entre CAUSE e VoiceP pode variar, tendo em vista que o núcleo CAUSE nem sempre depende da realização de um argumento externo. Assim, partindo de uma análise translinguística, a autora propõe dois padrões de realização do núcleo Voice para as construções causativas: *Voice bundling* e *Selection*.

De acordo com a autora, o primeiro parâmetro, *Voice Bundling*, possui duas variações: *non-Voice-bundling* e *Voice-bundling*. A primeira variação ocorre em línguas como o finlandês e o japonês, em que os núcleos causativos são independentes de Voice. Já a segunda variação pode ser vista no inglês, em que *Voice-bundling* forma uma estrutura complexa, na qual Voice é sintaticamente dependente de CAUSE. Em relação ao segundo parâmetro, *Selection*, Pylkkänen divide-o em três tipos, sendo que a definição de cada um depende do constituinte que o núcleo CAUSE toma como complemento. Vejamos a configuração proposta pela autora para esses dois parâmetros:

- (22) VARIAÇÃO: VOICE BUNDLING  
 a. Causativa Non-Voice bundling (Japonês, finlandês)



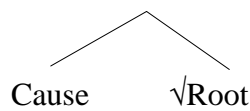
## b. Causativa Voice bundling (Inglês)



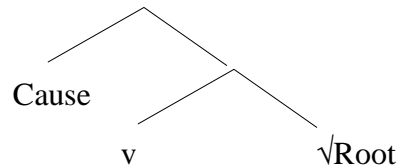
(PYLKKÄNEN, 2008, p. 84)

## (23) VARIAÇÃO: SELECTION

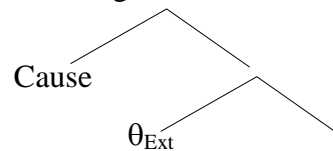
## a. Root-selecting Cause



## b. Verb-selecting Cause



## c. Phase-selecting Cause



(PYLKKÄNEN, 2008, p. 85)

Conforme é possível verificar em (22a-b), o parâmetro *Voice bundling*, em línguas *non-Voice-bundling*, ocorre uma cisão entre o núcleo *Voice* e o núcleo *CAUSE*, já em línguas *Voice bundling*, esses núcleos não são fundidos, sendo, portanto, um dependente do outro. Em relação ao parâmetro seletional, Pykkänen estabelece algumas especificidades. De acordo com a autora, no tipo representado em (23a), *CAUSE* seleciona uma raiz de categoria neutra. No tipo representado em (23b), o complemento de *CAUSE* é um VP que não seleciona um argumento externo. Por fim, em (23c), *CAUSE* envolve uma estrutura mais articulada que pode ser combinada com um constituinte que possui argumento externo.

Pykkänen (2002, 2008), em seu trabalho, analisa outras propriedades das construções causativas, como, por exemplo, a causativa adversativa no japonês e a desiderativa no finlandês. A autora explicita que, nessas línguas, o argumento causador não é projetado pelo núcleo *VoiceP*. Na causativa adversativa, o sujeito é interpretado como causador do evento descrito pelo verbo e não como um argumento afetado. Por exemplo:

## (24) JAPONÊS: CAUSATIVA ADVERSATIVA

*Taroo-ga musuko-o sin-ase-ta.*

Taro-NOM filho-ACC morrer-CAUSE-PAST

a. “Taro causou seu filho morrer”

- b. “?O filho de Taro morreu para ele” (causativa adversativa)  
(PYLKKÄNEN, 2008, p. 90)

No dado acima (24), *Taro* não é introduzido nem pelo núcleo VoiceP, nem pelo núcleo CAUSE: o evento causador é realizado morfologicamente pelo morfema (*ase*), mas esse núcleo não tem nenhuma relação com o participante do evento causador. Ou seja, o filho de *Taro* é o evento causado, e não o agente causador do evento. Assim, Pylkkänen (2002, 2008) argumenta que a separação de CAUSE do núcleo Voice é resultado da impossibilidade de CAUSE introduzir um argumento causador em línguas que possuem esse tipo de estrutura. Por isso, a autora esclarece que o núcleo VoiceP não é realizado em toda estrutura causativa.

Pylkkänen analisa inúmeros dados de diversas línguas, apresentando as particularidades de cada uma, mas, no nosso trabalho, destacamos duas propriedades propostas por ela: i) as construções causativas universalmente possuem o núcleo funcional CAUSE, e esse é responsável pela introdução do argumento causador, mesmo que não seja sintaticamente explícito; ii) o argumento causador pode ou não ser introduzido não estrutura sintática. Essas duas propriedades serão fundamentais na explicação dos dados do PB, analisados na presente pesquisa. Na próxima seção, veremos o tratamento de Blanco (2011) para as causativas no espanhol, considerando a proposta de Pylkkänen.

### 2.2.5 Blanco (2010, 2011)

O estudo de Blanco (2010, 2011) sobre as construções causativas, além de trazer uma revisão minuciosa do trabalho de Pylkkänen (2002, 2008), apresenta uma aplicação dessa proposta em línguas como o hiaki, dialeto indígena falado em partes dos Estados Unidos e em partes do México, e o espanhol. Em nossa pesquisa, a análise de Blanco torna-se muito relevante, ao considerarmos que o espanhol e o português possuem a mesma raiz, isto é, ambas são línguas românicas (CASTILHO, 2010). Blanco, assim como Pylkkänen, propõe uma análise translinguística, objetivando identificar como os argumentos das construções causativas são estruturados e que tipo de restrição sintática cada língua impõe para a realização das causativas. A autora analisa dados de causativas analíticas (perifrásticas), no inglês, formadas a partir do verbo *make* e, no espanhol, essas mesmas estruturas formadas com o verbo *hacer*.

Além disso, Blanco (2010, 2011) se concentra em descrever as causativas lexicais no hiaki. Nesse estudo, Blanco esclarece que as causativas no hiaki são morfológicas, pois, para que uma sentença seja interpretada como causativa, é necessária a adição de um sufixo

causativizador. A autora ainda explica que o hiaki possui dois tipos de construções causativas: a causativa produtiva direta e a causativa produtiva indireta. Esses dois tipos apresentam as mesmas propriedades sintáticas e morfológicas. Em relação às propriedades morfológicas, as duas formas requerem a adição de sufixo, já no diz respeito às propriedades sintáticas, o sufixo causativo tem a função de introduzir um argumento causador:

- (25) CAUSATIVA DIRETA  
 a. Raiz transitiva *-hitto* ‘curar’  
*Maria [hitevi-ta uusi-ta hitto]-tua-k*  
 Maria [doutor-ACC criança- ACC curar]-CAUSE-PERF  
 “Maria fez o doutor curar a criança”
- (26) CAUSATIVA INDIRETA  
 a. Raiz transitiva *-hitto* ‘tratar’  
*Maria [uusi-ta hitto]-tevo-k*  
 Maria [criança- ACC tratar-CAUSE(i)]-PERF  
 “Maria teve a criança tratada”

(BLANCO, 2011, p. 169)

Blanco esclarece que são os sufixos *-tua* (causativa direta) e *-tevo* (causativa indireta) presentes nas sentenças (25-26), respectivamente, possibilitam a leitura causativa dessas sentenças. Segundo a autora, os sufixos *-tua* e *-tevo* exigem a realização de um causador no hiaki. Entretanto, nas construções com o núcleo causativo direto (*-tevo*), é exigida a realização do causador e do causado, enquanto nas construções com o núcleo causativo indireto (*-tevo*), se o causador estiver explícito, a realização do causado não é compatível. Blanco destaca que, no hiaki, os núcleos causativos apresentam o parâmetro *non-Voice-bundling*. A autora também explica que o espanhol e o inglês apresentam estruturas *non-Voice-bundling*, assim como o hiaki, contrariando o posicionamento de Pylkkänen (2002, 2008), que classifica essas línguas como *Voice-bundling*. Blanco contesta a proposta de Pylkkänen, visto que esta defende que qualquer verbo inacusativo permite *Voice-bundling Root Cause* como complemento. No entanto, Blanco esclarece que, no espanhol, assim como no inglês, os verbos inacusativos não aceitam a causativização da Raiz, conforme pode ser verificado nos dados apresentados pela autora (BLANCO, 2011, p. 87):

- (27) INGLÊS  
 a. \**John arrived Mary to the station*  
 b. \**John died Mary*  
 c. \**John appeared a picture on the screen*

- (28)      ESPANHOL  
 a. \**Juan llego a Maria a la estacion*  
 b. \**Juan murio a Maria*  
 c. \**Juan aparecio una foto en la pantalla*

Segundo Blanco, os exemplos do espanhol acima, em (27), são exatamente equivalentes aos exemplos em inglês, em (28), sendo que podemos estender essa explicação aos dados do português:

- (29)      PORTUGUÊS  
 a. \**João chegou Maria para a estação*  
 b. \**João morreu Maria*  
 c. \**João apareceu um foto na tela*

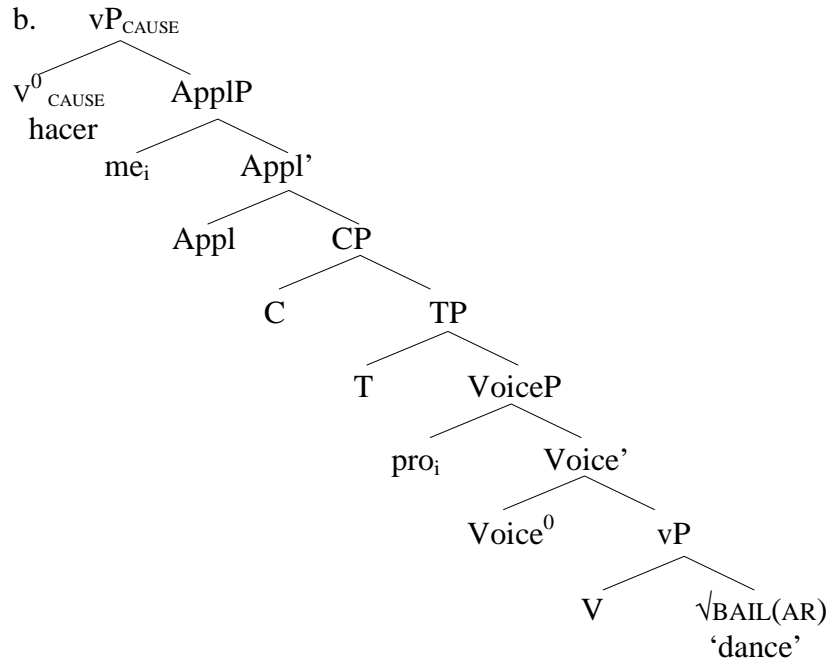
Todas as sentenças (27-29) resistem à causativativização zero, ou seja, não há um argumento externo agentivo. Blanco argumenta que a má-formação dessas sentenças, se deve ao fato de toda raiz complemento de zero Cause ser inacusativa. Assim, os verbos (*arrive, die, appear, chegar, morrer, aparecer*) que estruturam essas sentenças, por serem inacusativos, devem ter a posição de sujeito associada a um tema e não a um agente, conforme pode ser notado nesses dados. Blanco, então, esclarece que a proposta de Pylkkänen não consegue explicar essas construções, por isso a necessidade da revisão do padrão postulado por Pylkkänen para línguas como o inglês e o espanhol. Para Pylkkänen, as causativas formadas a partir de verbos inacusativos apresentam um núcleo causativo *non-Voice-bundling*:

- (30)      *Maija-a            laura-tta-a*  
 Maija-PART    cantar-CAUSE-3s  
 ‘Maija deseja cantar’

(PYLKKANEN, 2008, p. 95)

No exemplo acima, o núcleo causativo (*-tta*) não possui argumento externo. Além disso, a estrutura apresenta interpretação desiderativa (= alguma coisa causa em *Maija* o desejo de cantar). De acordo com Pylkkänen, esse tipo de estrutura só é possível devido à cisão entre o núcleo que introduz o evento causativo e o núcleo funcional Voice, que introduz o argumento externo. Blanco elucida que, para Pylkkänen, estruturas como a reproduzida, em (30), representam o núcleo cindido, pois onde há a presença de  $v^0_{\text{CAUSE}}$ , Voice é ausente. Ao considerar essa estrutura, Blanco sustenta que, no espanhol, o verbo *hacer* também é *non-Voice-bundling*, visto que possibilita a formação de estruturas sem o argumento externo, cuja interpretação seja desiderativa:

- (31) a. CAUSATIVA INACUSATIVA COM *HACER*  
 (*Hoy*) *Me hace bailar* (“Hoje me faz dançar”)  
 (*today*) *IS.D makes dance*  
 (*today*) ‘*I feel like dancing*’



(BLANCO, 2011, p. 268)

Segundo Blanco, em (31),  $v^0_{CAUSE}$  não apresenta argumento externo. Esse núcleo toma como complemento um aplicativo afetado (*me*) e um CP. ApplP é ligado ao DP (*pro*) em [Spec, VoiceP] via coindexação. Para a autora, o aplicativo é um argumento dativo, visto que isso diferencia as causativas desiderativas em espanhol em relação às do finlandês, pois, nessa última língua, o sujeito, que geralmente é o argumento externo, é nominativo. Já no espanhol, o argumento dativo das construções causativas desiderativas é um aplicativo, embora se comporte como um argumento externo, que é gerado na base do núcleo aplicativo. Portanto, Blanco defende que as causativas no espanhol, no hiaki e no inglês são *non-Voice-bundling* e apresentam uma seleção fásica, sendo que o tipo de fase selecionado por  $v_{CAUSE}$  é VoiceP. Em relação ao parâmetro de Seleção, Blanco (2010, 2011) retoma Pylkkänen (2008) para definir as propriedades seletivas de CAUSE. Conforme já visto na seção anterior, a parametrização seletiva de CAUSE possui três configurações: (i) Phase-selecting: CAUSE seleciona uma fase que pode abrigar argumentos externos e/ou aplicativos altos; (ii) Verb-selecting: CAUSE seleciona um verbo que não requer argumento externo e (iii) Root-selecting: CAUSE seleciona uma raiz de categoria neutra.



Blanco, ao tomar a parametrização proposta por Pylkkänen, adverte que somente as causativas *phase-selecting*, isto é, as estruturas que selecionam um vP fásico, contêm VoiceP como parte de seu complemento. A autora destaca que, nessas estruturas, por CAUSE ser *non-Voice-bundling*, é possível formar sentenças com verbos inergativos e transitivos, pois é justamente essa separação entre os núcleos CAUSE e Voice que permite a projeção de mais posições sintáticas. Ou seja, as estruturas com vP fásico apresentam uma configuração mais articulada. Blanco, então, argumenta que sentenças causativas formadas a partir do verbo *make*, em inglês, e *hacer*, em espanhol, requerem um argumento interno encaixado:

- (32) \**Mary made run (intended: Mary made sb. run)* (= Maria fez alguém correr)  
 (33) a. INACUSATIVA  
       *The earthquake [made the buildings collapse]* (= O terremoto fez o edifício cair)  
       b. PASSIVA  
       *That dress made [her be taken for her sister]* (= ?Aquele vestido fez ela tomar para sua irmã)  
       c. ESTADO  
       *I made her [be {happy/with you/the person she is today}]* (= Eu a fiz ser feliz/estar com você/ser a pessoa que ela é hoje)
- (BLANCO, 2011, p. 117)

Na sentença reproduzida acima, em (32), Blanco explica que o verbo *make* requer um sujeito para a sentença encaixada. Já em (33), nenhum dos causadores (*the buildings*, *him* e *her*, respectivamente) são argumentos externos agentivos, visto que são licenciados pelo verbo *make* como sujeito encaixado. Desse modo, partindo da terminologia proposta por Pylkkänen (2002, 2008), Blanco explica como são estruturadas as construções que possuem um núcleo causativo *phase-selection*, (i.e. seleção fásica).

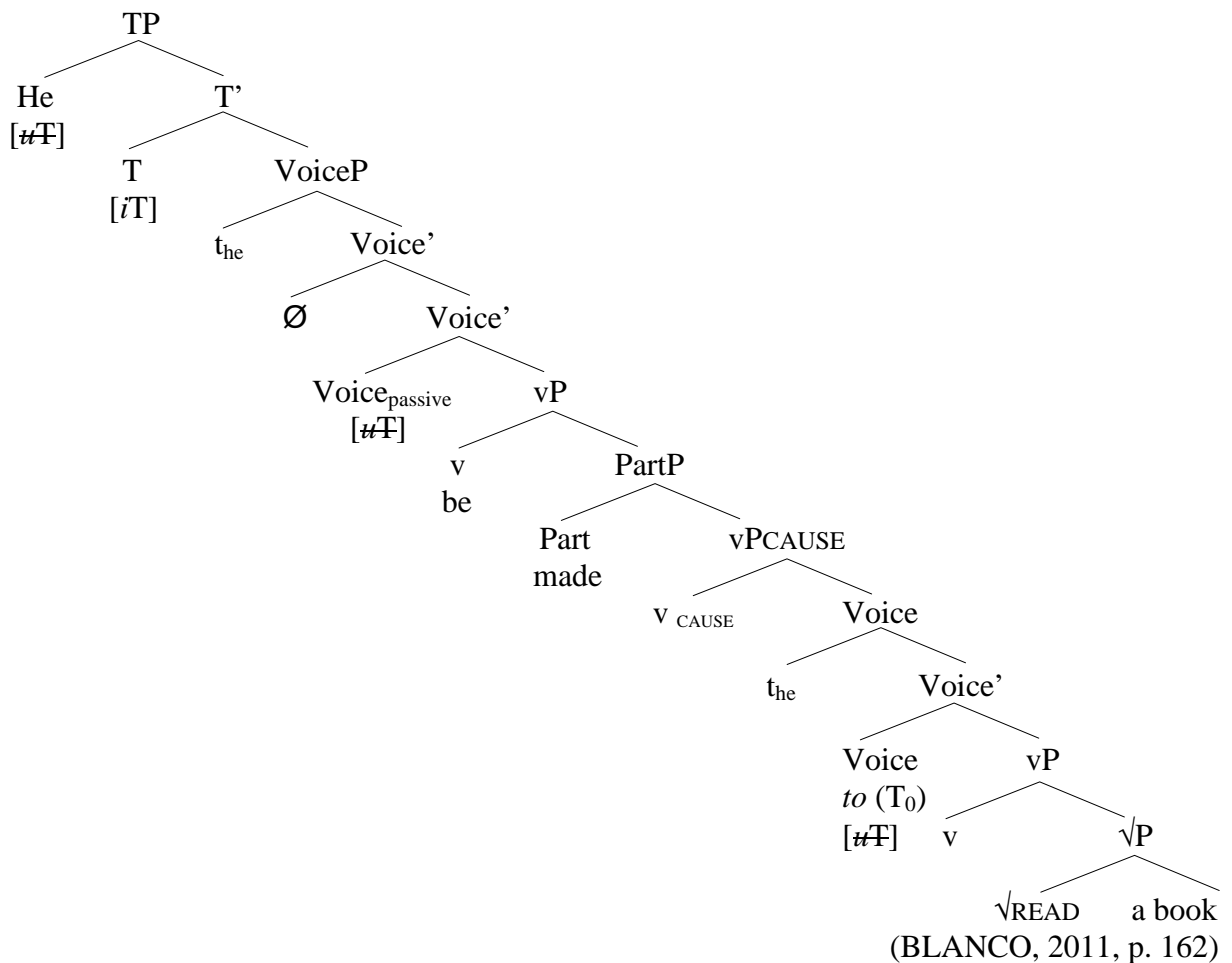
A autora destaca que o conceito de *fase*, adotado por Pylkkänen, é baseado em Chomsky (2000, 2001), no qual o complemento de um núcleo fase é enviado para *Spell-Out* (ou seja, mandado para a Forma Fonológica), assim que a fase é concluída. No caso das construções causativas, Blanco elucida que a característica fásica de vP, na perspectiva de Chomsky, está relacionada à presença ou à ausência de VoiceP. Para Blanco, *make* possui um núcleo causativo com seleção fásica e, como consequência, seleciona VoiceP. Então, a autora argumenta que, apesar de *make* selecionar complementos com sujeitos encaixados, que não são argumentos externos gerados na base, ela adota que o complemento de *make* sempre irá conter VoiceP, mesmo que não esteja introduzindo um argumento externo. Assim, Blanco postula que VoiceP, além de introduzir um argumento externo, pode conter um elemento nulo na posição de especificador, como é o caso das passivas, além disso, pode não projeta

um posição de especificador para o argumento externo (válido para inacusativas). Desse modo, para a autora, devido às características de VoiceP, ela o assume como uma fase, que possibilita projetar um elemento para a borda da fase (*phase edge*).

Blanco ainda argumenta que, por VoiceP ser fásico nas passivas e inacusativas, Voice<sup>0</sup> tem Tempo (*uT*) com traços não-interpretáveis que são valorados por alguma instância de Tempo interpretável (*iT*). A autora ressalta que, nas passivas, Voice<sup>0</sup> também carrega um traço do EPP, que requer que a posição de especificador seja sempre preenchida, seja por um argumento externo ou por um tema. Desse modo, Blanco assume que *uT* em Voice<sup>0</sup> é valorado, de modo *default*, pelo *iT* do T matriz. Assim, a fase Voice não é saturada até que *Merge* (*juntar*) com T<sup>0</sup> se aplique. Vejamos a estrutura proposta pela autora:

(34) Passivas Causativas

'He was made to read a book'



Blanco acrescenta que, na passiva causativa, como reproduzido em (34), o T principal, v<sub>CAUSE</sub> e v possuem traços interpretáveis (*iT*). As duas instâncias de Voice

apresentam traço não-interpretável ( $uT$ ). Segundo a autora, o T matriz estabelece uma relação de Concordância (*Agree*) com o Voice matriz. Assim, apesar do Voice matriz poder ser valorado e apresentar traços não-interpretáveis, o T matriz não está disponível para sonda. De acordo com Blanco, o segundo T ( $T_0$ ), além de estar no domínio do T matriz, também está indisponível para sonda, em função da sintaxe da construção passiva. Blanco esclarece que o alçamento do  $T_0$  encaixado para Voice encaixado é uma operação de último recurso. Desse modo, o traço  $iT$  valora o traço  $uT$  em Voice e o deleta, uma vez que o Voice encaixado é morfologicamente realizado pela preposição (*to*). Para Blanco, essa operação explica a assimetria entre as causativas ativas e a passivas, pois a primeira não tem *to*, porque o traço não-interpretável em Voice é deletado pelo  $T_0$  matriz e  $T_0$  encaixado não precisa se alçar para Voice. Essas propriedades seletivas são realizadas de forma bem semelhante às construções estruturadas com o verbo *hacer*, em espanhol, conforme a autora. Blanco analisa ainda um tipo específico de causativa, que tem o núcleo causativo fásico: as causativas formadas com o verbo *hacer* no infinitivo.

As construções causativas formadas com o verbo *hacer* são divididas em dois tipos por Blanco: as funcionais e as lexicais. As funcionais são as constituídas com o verbo *hacer* seguido de subjuntivo, *hacer-subjuntivo* (FQ). Já as lexicais são formadas por *hacer* seguido de infinitivo, *hacer-infinitivo* (FI)<sup>13</sup>:

- (35) a. INFINITIVAL COMPLEMENT  
*Juan hizo [cantar a María]*  
 “João fez cantar a Maria”
- b. SUBJUNCTIVE COMPLEMENT  
*Juan hizo [que María cantara]*  
 João fez que Maria cantasse

(BLANCO, 2011, p. 214)

Partindo dos exemplos em (35), Blanco explica a formação das sentenças causativas construídas com o verbo *hacer*. As duas estruturas, de acordo com a autora apresentam o verbo *hacer*, que toma como complemento o verbo inergativo *cantar*. Blanco destaca que, além dos inergativos, ambas as causativas FI e FQ podem ser formadas com verbos transitivos e inacusativos, como complemento de *hacer*:

<sup>13</sup> Blanco adota a classificação proposta por Kayne (1975) para classificar as causativas formadas com o verbo *hacer*. Nesse trabalho, que é amplamente utilizado na literatura, Kayne analisa dados do francês. O autor distingue as causativas formadas com o verbo *faire* em dois tipos: *faire* seguido de infinitivo – *Faire-infinitive* – (FI) e *faire* seguido de subjuntivo – *Faire-par* – (FP). Essa última, para Kayne, é a contraparte da FI, que possui a realização da preposição *par* (*por*) em sua estrutura.

- (36) COMPLEMENTOS TRANSITIVOS DE HACER: COMER
- a. FI  
*Juan (le) hizo [comer lentejas a María]*  
 João(3s.D) fez [comer(INF) lentilhas a Maria]  
 “João fez Maria comer lentilhas”
- b. FQ  
*Juan hizo [que María comiera lentejas]*  
 João fez [que Maria comesse(SUB) lentilhas]  
 “João fez que Maria comesse lentilhas”
- (37) COMPLEMENTOS INACUSATIVOS DE HACER: CHEGAR
- a. FI  
*Juan (le) hizo [llegar tarde a María]*  
 João (3s.DAT) fez [chegar(INF) tarde a Maria]  
 “João fez Maria chegar tarde”
- b. FQ  
*Juan hizo [que María llegara tarde]*  
 João fez [que Maria chegasse(SUB) tarde]  
 “João fez que Maria chegasse tarde”

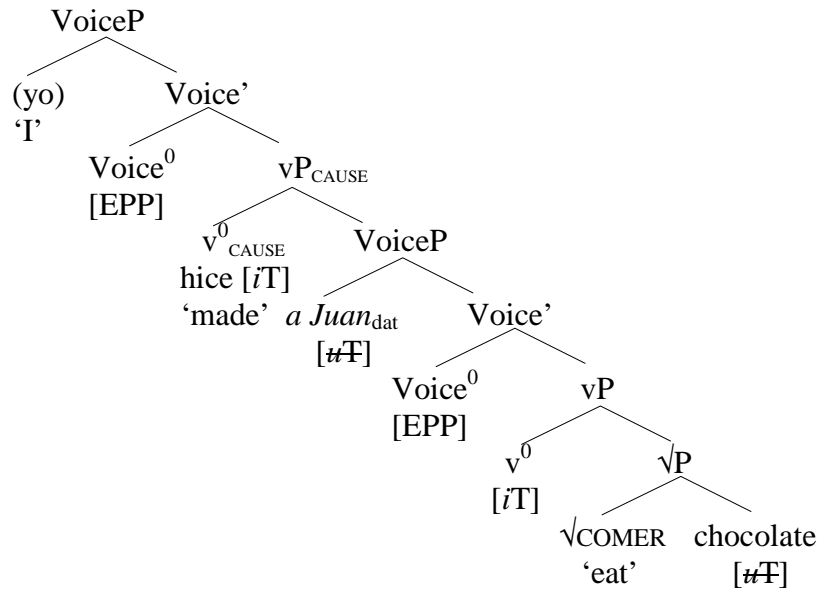
(BLANCO, 2011, p. 217)

Segundo Blanco, as causativas FI são mais restritivas que as FQ, pois alguns complementos são impedidos, como, por exemplo, complementos com sujeitos expletivos, complementos passivos ou verbos psicológicos com experienciadores dativos. As construções FI, geralmente, exigem um causador animado, enquanto as FQ selecionam um complemento sem sujeito encaixado. Blanco também esclarece que, nas causativas FQ, o causador geralmente não é realizado, mas, por estar semanticamente implícito, pode ser recuperado pelo *by-phrase*, como, por exemplo, *Juan hizo [recoger el paquete (por uno de sus empleados)]* (= *João fez pegar o pacote (por um de seus empregados)*). Já a causativa FI, conforme Blanco, sempre terá um núcleo causativo para abrigar um argumento externo.

Blanco ressalta que as construções FI formadas com o verbo *hacer* envolvem o núcleo funcional  $v^0$  CAUSE, sendo um núcleo com seleção fásica. Além disso, o verbo *hacer* requer como seu complemento a fase VoiceP. Vejamos a estrutura proposta por Blanco:

- (38) FI  
*Le he hecho a Juan comer chocolate*  
 3s.D have(1S) made to John eat chocolate

'I made John eat chocolate' ('Eu fiz João comer chocolate)



(BLANCO, 2011, p. 240-241)

Para Blanco, nas causativas FI, como a reproduzida acima, o núcleo funcional  $v^0_{\text{CAUSE}}$  apresenta uma fase VoiceP, sendo esta responsável por licenciar o causador dativo (*a Juan*) na posição de especificador. Na proposta de Blanco, esse argumento é sondado por  $v^0_{\text{CAUSE}}$ , que valora [ $\mu T$ ]. Além disso, a autora observa que esses traços são incorporados em  $v^0$ . Blanco defende que, no espanhol, somente os traços do complemento da Raiz  $\sqrt{\text{COMER}}$  podem ou não ser incorporados ao  $v^0$  que os valora. Blanco, então, esclarece que em outras posições, como [Spec, VoiceP], por exemplo, apenas os traços ocupam essas posições. Segundo a autora, esses traços são dobrados por argumentos *full-fledged* para a posição periférica, por isso clíticos dativos obrigatoriamente duplicam o causador no espanhol. Blanco atenta que, no espanhol, o caso dativo no causador clítico não exige a presença do complemento acusativo, conforme pode ser verificado no exemplo apresentado pela autora:

- (39) *Le he hecho venir a Juan*  
 3SG.DAT have(1S) made come to John  
 'I made John come' ('Eu fiz João vir')

O caso acusativo, no espanhol, é dependente da forma como os argumentos são licenciados como complemento da raiz. Diante disso, a autora baseia-se na proposta de Pesetsky & Torrego (2001), que identifica o caso nominativo como consequência de [ $\mu T$ ] valorado em D por  $T^0$ . Assim, o caso acusativo em espanhol é resultante de [ $\mu T$ ] valorado em

D, que é complemento da  $\sqrt{0}$ , já o caso dativo é atribuído de outra forma, conforme pode ser visto na representação proposta por Blanco:

- (40) a. ACC  $\rightarrow$  [ $\sqrt{0}$  [DP [D<sup>0</sup> {#T} \_\_\_ ] ]  
 b. DAT  $\rightarrow$  [[D<sup>0</sup> {#T} \_\_\_ ] ]

Nesse tipo de estrutura, o traço [uT] do causador são valorados em [Spec, VoiceP] e tem caso dativo atribuído em vez de acusativo. Dentre as várias propriedades apontadas por Blanco para as construções causativas formadas com o verbo *hacer*, vale destacar ainda uma última propriedade, que se refere à modificação da ação verbal por modificadores orientados para o agente. Blanco adverte que, no espanhol, as construções causativas FI permitem a modificação agentiva. Nos dados abaixo, *a propósito* (= *de propósito*) é um modificador orientado para o agente:

(41) MODIFICAÇÃO VERBAL (AGENTIVA)

*El director de la obra le hizo al actor llorar*  
 the director of the play 3S.D made to.the actor cry  
 a propósito  
 on purpose  
 O diretor da obra o fez para o ator chorar  
 de propósito)

a. HIGH ATTACHMENT (LIGAÇÃO ALTA)

*The director of the play, on purpose, made the actor cry*  
 O diretor da obra, de propósito, fez o ator chorar

b. LOW ATTACHMENT (LIGAÇÃO BAIXA)

*The director of the play made the actor [cry on purpose]*  
 O diretor da obra fez o ator [chorar de propósito]

(42) a. HIGH APPLICATIVE (APLICATIVO ALTO)

*Su mejor corredor le corrió fatal a Juan a propósito*  
 his best runner 3S.D ran(3S) very.bad to John on purpose  
 \*Seu melhor corredor lhe correu muito mal para João de propósito

i. 'His best runner, on purpose, ran very badly on John'

(on purpose modifies the external argument) (?Seu melhor corredor, de propósito, correu muito mal em João)

ii. #'His best runner ran very badly on John (= \*Seu melhor corredor correu muito mal em João)

(i.e. and John did this on purpose) (= e João fez isso de propósito)

b. AFFECTED APPLICATIVE (APLICATIVO AFETADO)

*Juan le cerró la puerta a Manuel a propósito*  
 John 3S.D closedthe door to Manuel on purpose  
 \*João lhe fechou a porta para Manuel de propósito

i. high attachment (ligação alta)

John, on purpose, closed the door on Manuel (= ? João, de propósito, fechou a porta em Manuel)

ii. LOW ATTACHMENT (LIGAÇÃO BAIXA)

#*John closed the door on Manuel, who did it on purpose* (= \* João fechou a porta em Manuel, que fez de propósito)

(BLANCO, 2011, p. 259-260)

Em (41), o emprego da expressão adverbial (*a propósito*) resulta em uma interpretação ambígua, na qual o modificador pode ter escopo sobre a ação do sujeito da oração principal (*o diretor* – ligação alta) ou sobre a ação do sujeito encaixado (*o ator* – ligação baixa).

Já nos dados em (42), tanto o aplicativo alto quanto o aplicativo afetado resistem à modificação do agente, formando sentenças agramaticais.

Por fim, ao analisar as construções FI, em espanhol, Blanco esclarece que construções que possuem causador dativo, este não pode ser um aplicativo, visto que o causador dativo pode aparecer como um sujeito derivado. Uma evidência disso é fato de sentenças com aplicativos não formarem passivas, já que esse não é um argumento estrutural (i.e. *María le envió un carta a Juan* / \**Juan fue enviado una carta* – Maria lhe enviou uma carta para João / \*João foi enviada uma carta). Os causadores dativos, em contrapartida, podem aparecer como sujeito derivado, já que aparentam ser estruturais não inerentes, conforme Blanco. Assim, o causador dativo, por ser originado de modo distinto do aplicativo, apresenta uma estrutura argumental diferente e, por isso, pode aparecer na posição de sujeito de passiva (i.e. *El desprestigio de su gobierno le hizo ser fuertemente cuestionado* / *Este poema le hizo ser admirado y esdutiado* – O desprestígio do governo de seu governo o fez ser fortemente questionado/ Este poema o fez ser admirado e estudado). Portanto, de acordo com Blanco, se por um lado, o aplicativo não forma sentenças passivas, por outro lado, é possível construir passivas com o causador dativo como um sujeito derivado.

O trabalho desenvolvido por Blanco torna-se muito relevante em nossa pesquisa, pois, além de analisar dados do espanhol e de alguns de seus dialetos, faz uma revisão minuciosa sobre línguas românicas, como o francês e o italiano. Contudo, por questão de parcimônia, não podemos ver todas as propriedades levantadas pela autora. Ressaltamos, aqui, o fato de as causativas formadas com o verbo *hacer* apresentarem padrão *non-Voice-bundling*, contrariando a proposta de Pylkkänen (2002, 2008). Além disso, destacamos que VoiceP é uma fase, de acordo com a abordagem de Blanco, e que as causativas FI possuem v<sup>0</sup> CAUSE,

que toma como complemento uma fase VoiceP. Por fim, salientamos a propriedade de o causador dativo não ser introduzido na posição de especificador de aplicativo, mas ser projetado na posição de especificador de VoiceP. Portanto, ao considerarmos a proximidade entre o espanhol e o português, por terem a mesma raiz linguística, vamos assumir que os dados do PB compartilham algumas propriedades das construções causativas FI apontadas por Blanco<sup>14</sup>.

### 2.2.6 Conclusão do capítulo

No início deste capítulo, apresentamos brevemente a proposta de Larson (1998), na qual o autor analisa as sentenças de duplo objeto no inglês, e descreve como essas estruturas são derivadas a partir da concha v-VP. Essa proposta causou impacto na teoria gerativa, visto que possibilitou a projeção de mais posições sintáticas, permitindo assim uma estrutura mais articulada. Na sequência, vimos a análise de Hale e Keyser (1993, 2002), baseada em Larson, na qual os autores propõem que os verbos denominais e deadjetivais são resultantes de uma estrutura complexa que apresenta um verbo leve, isto é, não lexicalizado, e um verbo lexical. Já o trabalho de Kratzer (1995) apresenta considerações sobre o argumento externo. A autora defende que o VP juntamente com o objeto selecionado por ele impõem restrições ao argumento externo que preenche a posição de sujeito. No entanto, esse não é capaz de restringir e nem modificar o VP e o objeto e, por isso, é necessário um núcleo funcional Voice que introduza o argumento externo.

Pylkkänen (2002, 2008), com base em Kratzer, defende que as construções causativas possuem dois núcleos funcionais: VoiceP e CAUSE. Além disso, a autora, a partir de uma análise translinguística, propõe padrões distintos para a realização do objeto indireto e do argumento externo, defendendo a existência dos núcleos Aplicativo Alto e Aplicativo Baixo. Vimos também que Pylkkänen estabelece como os núcleos Voice e CAUSE são realizados, sendo que, no primeiro caso, há dois padrões: *Voice-bundling* e *non-Voice-bundling*. O primeiro pode ser observado em línguas como o inglês, já o segundo pode ser visto em línguas como o japonês e o finlandês. A autora também explica como o v<sup>0</sup>CAUSE seleciona os argumentos, propondo três padrões seletivos: *Root-selecting Cause*, *Verb-selecting Cause* e *Phase-selecting Cause*. Por fim, vimos o trabalho de Blanco (2010, 2011) que, mesmo

---

<sup>14</sup> Por exemplo, em *João fez Ana varrer a casa*, embora o sujeito da sentença encaixada não possa ser classificado como *causador dativo*, já que não apresenta as mesmas propriedades do espanhol, conforme veremos no próximo capítulo, ele apresenta padrão *non-Voice-bundling*, possuindo uma seleção fásica em que v<sup>0</sup>CAUSE toma como complemento uma fase VoiceP, assim como na análise de Blanco.



adotando o parâmetro *Voice-bundling* e os mesmos padrões seletivos para  $v^0$  CAUSE, de Pylkkänen, contesta que o inglês seja *Voice-bundling*. Diante disso, a autora apresenta novas propriedades e defende que o inglês, assim como o espanhol, é *non-Voice-bundling*. Sendo assim, Blanco argumenta que o padrão de seleção do espanhol, assim como do inglês, é fásico. Enfim, tomando como base esses conceitos teóricos discutidos aqui, em especial Pylkkänen (2002, 2008) e Blanco (2010, 2011), buscaremos analisar os dados do PB no capítulo seguinte.

### 3. AS CAUSATIVAS SINTÉTICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB)

No primeiro capítulo desta dissertação, propusemos um teste, considerando as propriedades semânticas das causativas sintéticas, no intuito de reconhecer quando uma sentença pode ser classificada como causativa sintética formada a partir de verbo transitivo. Nesta seção, tomaremos como base o referencial teórico apresentado nos capítulos anteriores, com o propósito de descrever quais elementos fazem parte das construções causativas sintéticas e como são projetados na estrutura sintática. Primeiramente, vamos retomar qual tipo de estrutura classificamos como causativa sintética formada a partir de verbo transitivo, sem nos ater à classificação verbal que propusemos no capítulo 1. Vejamos os dados:

- (1)
  - a. Mara cortou o cabelo
  - b. Pedro operou o pé
  - c. Caetano reformou o apartamento
  - d. José consertou o carro
  - e. Tereza pintou a casa
  - f. O fazendeiro inseminou as vacas
  - g. Ester transplantou a córnea direita
  - h. Artur podou a grama

As sentenças acima podem ser identificadas como causativas, se adotarmos a definição de Cançado, Godoy e Amaral (2013) que consideram que uma relação causal bieventiva ocorre quando há a descrição de dois subeventos temporalmente distintos. Partindo dessa perspectiva, Cançado, Godoy e Amaral (2013) apresentam um teste com o advérbio *quase*, que se trata de um teste bastante utilizado na literatura, segundo elas. Assim, conforme as autoras, por meio da aplicação do teste, é possível identificar se um verbo pode ser decomposto em subunidades menores, uma vez que permite reconhecer qual o escopo do advérbio *quase* em relação ao subeventos presentes na estrutura. Abaixo, apresentamos a aplicação desse teste em nossos dados:

- (2)
  - a. Mara cortou o cabelo
  - b. O que Mara *quase* fez foi cortar o cabelo
  - c. O que Mara fez foi *quase* cortar o cabelo

- (3) a. Pedro operou o pé  
b. O que Pedro *quase* fez foi operar o pé  
c. O que Pedro fez foi *quase* operar o pé
- (4) a. Caetano reformou o apartamento  
b. O que Caetano *quase* fez foi reformar o apartamento  
c. O que Caetano fez foi *quase* reformar o apartamento
- (5) a. José consertou o carro  
b. O que José *quase* fez foi consertar o carro  
c. O que José fez foi *quase* consertar o carro
- (6) a. Tereza pintou a casa  
b. O que Tereza *quase* fez foi pintar a casa  
c. O que Tereza fez foi *quase* pintar a casa
- (7) a. O fazendeiro inseminou as vacas  
b. O que o fazendeiro *quase* fez foi inseminar as vacas  
c. O que o fazendeiro fez foi *quase* inseminar as vacas
- (8) a. Ester transplantou a córnea direita  
b. O que Ester *quase* fez foi transplantar a córnea direita  
c. O que Ester fez foi *quase* transplantar a córnea direita
- (9) a. Artur podou a grama  
b. O que Artur *quase* fez foi podar a grama  
c. O que Artur fez foi *quase* podar a grama

Podemos verificar que, no exemplo (b) de cada trio de sentença, a ação não começou a ser realizada pelos participantes interpretados como sujeito, visto que o escopo do advérbio *quase* incide sobre o primeiro subevento. No entanto, no exemplo (c) de cada trio, o escopo do advérbio *quase* incide sobre o segundo subevento do verbo, pois o participante agiu, porém a ação sobre o objeto não foi concluída. Por fim, no exemplo (a) de cada trio, o agente da ação alocado na posição de sujeito iniciou e finalizou a ação descrita pelo verbo. Assim, por meio da aplicação desse teste, é possível comprovar a realização dos dois subeventos expressando uma relação causal.

Após identificar que as sentenças acima são causativas, podemos aplicar o teste apresentado na seção 1.2.1 para confirmarmos se essas sentenças podem ser classificadas como sentenças causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos. Destacamos, a seguir, as cinco etapas do teste proposto anteriormente. Vejamos:

- 1ª) Etapa – Verificar a transitividade do verbo;
- 2ª) Etapa – Verificar se o verbo está associado ao sistema sensorial, ao processamento ou ao motor;
- 3ª) Etapa – Identificar se há ambiguidade de papel temático;
- 4ª) Etapa – Verificar se há a necessidade da utilização de instrumento artificial (tesoura, bisturi, alicate, etc.) para a realização da ação;
- 5ª Etapa – Conferir se o instrumento é alienável, ou seja, se ele pode ser deslocado de uma pessoa para outra.

As sentenças (2-9), apresentadas anteriormente, passam em todas as etapas do teste que propusemos no capítulo 1. Na primeira etapa, verificamos que os verbos *cortar*, *operar e reformar*, *consertar*, *pintar*, *inseminar*, *transplantar* e *podar* são transitivos. Na etapa seguinte, confirmamos que os verbos que constituem todas essas sentenças estão relacionados ao sistema motor. Na terceira etapa, é possível verificar uma leitura ambígua<sup>15</sup>, uma vez que o argumento que ocupa a posição de sujeito pode ou não ser interpretado como o agente (da ação de *cortar*, *operar*, *reformar*, *consertar*, *pintar*, *inseminar*, *transplantar* e *podar*). Para realizar essas ações, é necessário o uso de instrumentos artificiais alienáveis, como tesoura, bisturi, colher, enxada, tinta, pinça, agulha, tesoura para poda, etc. Essa propriedade permite que todas as sentenças passem pela quarta etapa do teste. Por fim, todos esses instrumentos artificiais alienáveis, que são semanticamente requeridos pelos verbos que descrevem as ações, podem ser deslocados de um indivíduo para outro, caracterizando os verbos motores de segunda ordem. Assim, após checarmos todas essas propriedades, é possível presumir que essas sentenças (2-9) realmente são causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos. Embora toda causativa sintética tenha em sua estrutura um verbo motor de segunda ordem, nem toda sentença que possui esse tipo de verbo forma estruturas causativas sintéticas. Vejamos:

- (10) Sr. Raimundo pescou tilápias
- (11) João comprou um carro
- (12) André pagou as dívidas

---

<sup>15</sup> Afinal, a ação expressa por cada verbo pode ter sido, na verdade, executada por um terceiro, como *cabeleireiro*, *cirurgião*, *pedreiro*, *mecânico*, *pintor*, *fazendeiro*, *cirurgião* e *jardineiro*.

Os exemplos acima, apesar de serem formados por verbos transitivos motores de segunda ordem, não expressam uma leitura causativa convencional e passível de generalização. Essas sentenças passam pela primeira, segunda, quarta e quinta etapas do teste que propusemos, mas não expressam uma leitura ambígua em relação a quem foi o executor da ação verbal (etapa 3). Essa ausência de ambiguidade na interpretação pode estar associada à relação entre *competência* e *desempenho*, uma vez que não há a convencionalização dessas sentenças. Para Raposo (1992, p. 31), “existem convenções linguísticas de natureza discursiva que determinam significações para as expressões que não são atribuídas pela gramática”. Assim, em sentenças como *João cortou o cabelo* e *Maria fez as unhas*, a leitura causativa é tão comum que há dependência apenas da *competência*, independentemente de conhecimento de mundo. Ao passo que em sentenças como (10-12), apesar de serem formadas com verbos transitivos motores de segunda ordem, no uso cotidiano da língua, não são interpretadas como causativas, já que dependem do *desempenho*.<sup>16</sup> Entretanto, assim como o sentido convencional de *João cortou o cabelo* e *Maria fez as unhas* foi ressignificado no PB, as sentenças (10-12) podem, eventualmente, expressar uma leitura causativa. Diante disso, é possível postular que nem todo verbo transitivo de segunda ordem compõe sentenças causativas, porém todas as causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos apresentam verbos motores de segunda ordem. Partindo dessa proposta, é possível o reconhecimento dos critérios semânticos que possibilitam a formação de causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos. No que se refere à estrutura sintática, vamos defender que essas estruturas são derivadas de uma sentença causativa analítica subjacente, que é interpretada como explicitamos abaixo:

- (13) a. Mara cortou o cabelo  
b. Mara<sub>i</sub> fez [*alguém* cortar [seu]<sub>i</sub> cabelo]
- (14) a. Pedro operou o pé  
b. Pedro<sub>i</sub> fez [*alguém* operar [seu]<sub>i</sub> pé]
- (15) a. Caetano reformou o apartamento  
b. Caetano fez [*alguém* reformar [seu]<sub>i</sub> apartamento]
- (16) a. José consertou o carro

---

<sup>16</sup> Em contextos específicos, é possível ocorrer uma leitura causativa para dados como os apresentados em (10-12). Por exemplo, suponhamos que o Sr. Raimundo, descrito no exemplo (10), é proprietário de uma fazenda, onde trabalha um funcionário responsável por pescar tilápias. Então, em festas familiares, um amigo pode dizer que *O Sr. Raimundo pescou tilápias deliciosas*. Nessa situação específica, pode haver uma leitura causativa, pois o agente da ação de *pescar* pode ser tanto o Sr. Raimundo quanto seu funcionário.

- b. José<sub>i</sub> fez [*alguém* consertar [seu]<sub>i</sub> carro]
- (17) a. Tereza pintou a casa  
b. Tereza<sub>i</sub> fez [*alguém* pintar [sua]<sub>i</sub> casa]
- (18) a. O fazendeiro inseminou as vacas  
b. O fazendeiro<sub>i</sub> fez [*alguém* inseminar [suas]<sub>i</sub> vacas]
- (19) a. Ester transplantou a córnea direita  
b. Ester<sub>i</sub> fez [*alguém* transplantar [sua]<sub>i</sub> córnea direita]
- (20) a. Artur podou a grama  
b. Artur<sub>i</sub> fez [*alguém* podar [sua]<sub>i</sub> grama]

Nessas sentenças, a presença do possessivo (*seu, sua(s)*) precedendo o objeto do verbo subordinado foi um recurso que utilizamos para explicitar o fato de o objeto afetado pela ação expressa na sentença encaixada ser ligado ao sujeito mais alto. Ou seja, o sujeito da oração principal necessariamente será o possuidor *do cabelo, do pé, do apartamento*, etc. Assim, o pronome possessivo, presente no objeto do verbo subordinado, por estar ligado ao sujeito da oração principal, possibilita a leitura causativa. Explicitaremos essa relação mais adiante.

Além disso, na análise sintática das orações (b) de (13-20), que desenvolveremos a seguir, vamos propor que o pronome indefinido (*alguém*), que aparece na posição de sujeito da oração encaixada, representa a interpretação indeterminada do agente ligado ao verbo subordinado. Esse sujeito deve ser interpretado como *um cabeleireiro, um médico, um pedreiro, um mecânico, um pintor, um veterinário, um jardineiro*, enfim, alguém que saiba e possa executar a ação expressa pelo verbo da estrutura subordinada. Assim, vamos propor que as sentenças (b) dos dados (13-20) possuem dois causadores: um causador direto (que ocupa posição de sujeito da sentença principal) e um causado [+agentivo] (que ocupa a posição de sujeito da sentença encaixada). Tomaremos como causador o participante que desencadeia a ação verbal do verbo *fazer* e, como causado [+agentivo], o executor da ação descrita pelo verbo transitivo.

Então, essas sentenças causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos são o resultado de uma redução, na qual temos a omissão do agente da ação encaixada, enquanto o sujeito da oração principal, por ser desencadeador do evento e por ser estruturalmente superior, prevalece. Nessa perspectiva, a partir da estrutura sintática, é possível deduzir que o sujeito da oração principal não é o executor da ação realizada pelo verbo transitivo (i.e. *Maria operou o pé, mas não foi Maria que o operou, mas sim o*

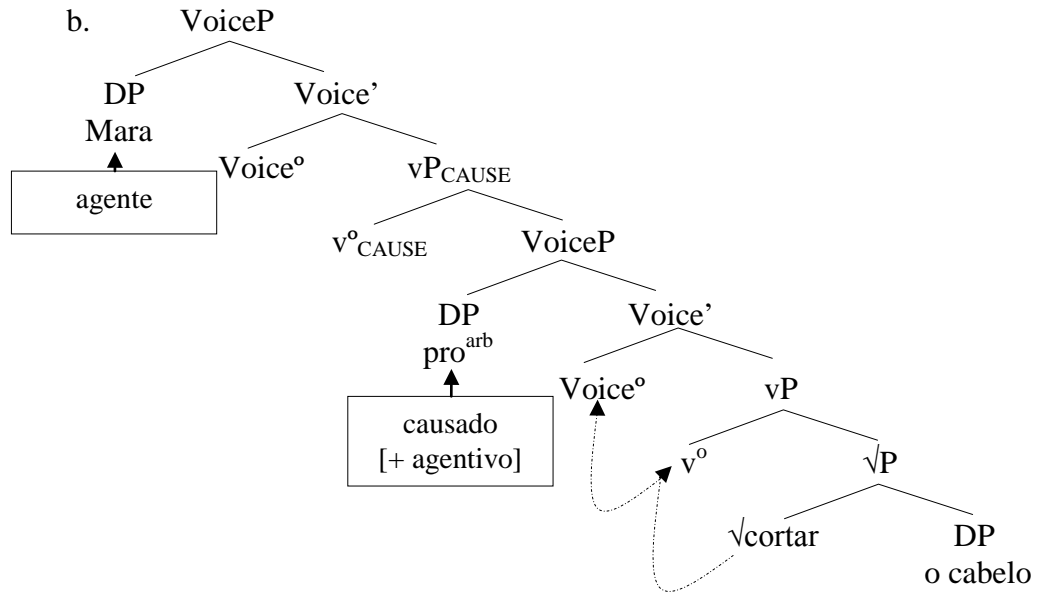
*cirurgião*). Na verdade, a ação realizada pelo verbo transitivo é executada por um sujeito indeterminado responsável pela realização da ação expressa na oração encaixada, como *cortar, operar, reformar, etc.* Desse modo, o sujeito das sentenças (13b-20b) é um causador direto, pois, sem a ação dele a ação do causado [+agentivo] não será realizada. Assim, na estrutura sintética, como o causador direto é o argumento externo do verbo *fazer*, ele prevalecerá, ao passo que a realização fonológica do causado [+agentivo] torna-se opcional, sendo deduzido a partir da estrutura sintática (i.e. *Maria operou o pé, mas ninguém operou o pé de Maria*). Portanto, o sujeito da oração principal será responsável pelo desencadeamento da ação executada pelo sujeito da sentença encaixada e, por isso, ambos são interpretados como *agente*, embora em momentos distintos.

Além disso, vamos assumir que as sentenças (13b-20b), em forma analítica, compartilham algumas propriedades explicitadas por Blanco (2010, 2011) para as construções FI (*Faire-infinitive/ Fazer-infinitivo*) no espanhol. Todos os dados (13b-20b) são formados pelo verbo *fazer*, que toma uma estrutura complexa, subordinada, com um verbo transitivo no infinitivo. Assim, vamos adotar que essas construções apresentam o padrão *non-Voice-bundling* definido por Blanco, no qual o verbo *fazer* seleciona um vP fásico para abrigar VoiceP. Vejamos nossa análise a seguir.

### 3.1 A Estrutura Subjacente das Causativas Sintéticas

Considerando as propostas teóricas e as estruturas sintáticas apresentadas nas seções anteriores, passamos a detalhar a estrutura da sentença causativa sintética formada a partir de verbo transitivo motor de segunda ordem. Como dito anteriormente, defendemos que essas causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos são derivadas de uma estrutura analítica. Na estrutura sintética, com base em Blanco (2011), vamos adotar uma seleção fásica que apresenta dois vPs, um para projetar o verbo leve e outro para o verbo transitivo. Além disso, essas estruturas possuem duas fases VoiceP, uma antes de vPCAUSE e outra após este núcleo, projetando, assim, dois lugares para a realização de argumento externo. Vejamos a representação sintática abaixo:

(21) a. Mara cortou o cabelo



Em (21b), o DP (*Mara*) ocupa a posição [Spec, VoiceP]. Esse DP é o argumento externo do verbo não lexicalizado *fazer*, que é um verbo leve. Em nossa análise, esse DP é o agente do verbo leve, uma vez que ele é o causador do evento (*cortar*), porém ele não é o agente dessa ação (*cortar*). A presença do núcleo causativo  $v^0$  CAUSE está diretamente relacionada ao DP (*Mara*), visto que esse é o causador do evento, ou seja, é responsável por desencadear a ação subsequente descrita pelo verbo transitivo (*cortar*). Nessa estrutura,  $v^0$  CAUSE toma outra fase VoiceP como complemento. A posição de Spec da fase VoiceP mais baixa é preenchida por um elemento nulo, sendo uma posição de argumento externo de referência arbitrária, (i.e.  $pro^{arb}$ ).

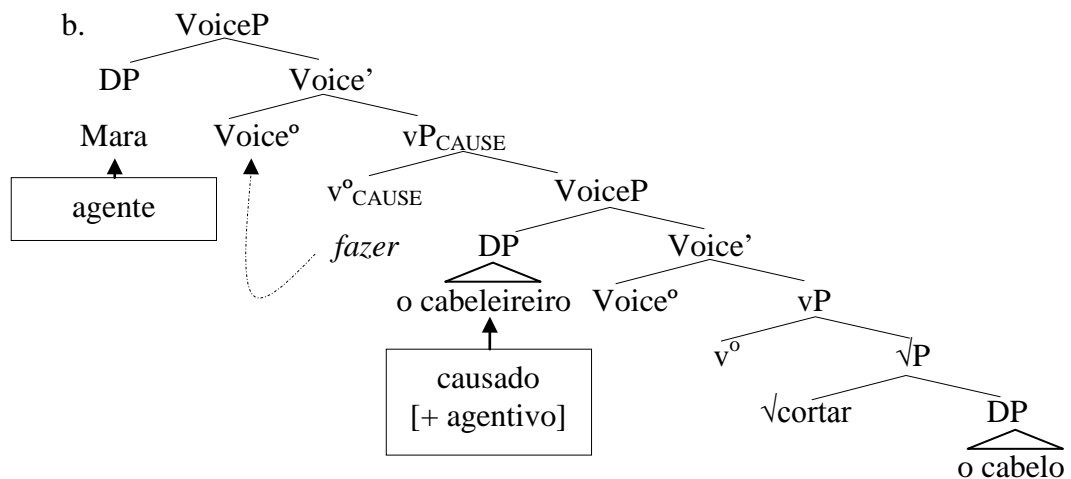
Para Duarte (1995), consonante com a proposta de Rizzi (1986), o  $pro^{arb}$  é uma categoria vazia pronominal, que faz referência a um sujeito indeterminado interpretado como *o indivíduo*, *o cara*, *a pessoa*, etc. Segundo a autora, nos dados do PB, esse elemento apresenta os traços semânticos [+animado] e [+genérico]. Portanto, em construções como (21b), vamos assumir que a fase VoiceP, complemento do  $v^0$  CAUSE, possui uma projeção que aloca um  $pro^{arb}$ . Por ser um sujeito indeterminado, ele pode ser interpretado como alguém responsável por executar a ação descrita pelo verbo transitivo, como um cabeleireiro, um médico, um pedreiro, etc. Na causativa sintética, como em (21a), esse  $pro^{arb}$  não é visível na PF, mas sempre é processado na LF. Assim, nesse tipo de estrutura, vamos assumir que o  $v^0$  CAUSE, por estar em uma relação de concordância com VoiceP, que é tomado como complemento, possibilita Voice° checar o Caso Nominativo do DP  $pro^{arb}$  na LF. Esse DP, por não apresentar traços fonológicos interpretáveis, tem seu Caso checado e apagado antes da



PF. A relação de Concordância parece ser a condição preponderante para a valoração de Caso Nominativo ao DP  $pro^{arb}$ . É importante ressaltar que, embora tenha sido apresentado esse posicionamento sobre a atribuição de Caso nessas estruturas, é fundamental aprofundar essa investigação em pesquisas futuras.

Na estrutura sintática da causativa sintética, o verbo *cortar* movimenta-se até o  $Voice^0$  mais alto. Esse movimento ocorre de núcleo para núcleo e não há nenhum elemento ou vestígio de outro núcleo interveniente para bloquear o movimento do verbo. Desse modo, o movimento do verbo *cortar* está de acordo com a Restrição de Movimento de Núcleo (*Head Movement Constraint*), prevista por Chomsky (1999). Nas causativas sintéticas, esse movimento será visível na PF, fazendo com que o DP (*Mara*) seja interpretado como sujeito do verbo (*cortar*). Na estrutura analítica, o verbo transitivo (*cortar*) não se movimenta, pois a posição de argumento externo desse verbo já está preenchida pelo DP (*o cabeleireiro*):

(22) a. Mara fez *o cabeleireiro* cortar o cabelo



Em (22), o DP (*Mara*) que ocupa a posição Spec da fase  $VoiceP$  mais alta, uma vez que é o argumento externo do verbo *fazer*. O DP (*o cabeleireiro*) é o é o argumento externo de  $Voice$ , ocupando, conseqüentemente, a posição Spec da fase  $VoiceP$  mais baixa. Nessa estrutura, o verbo transitivo (*cortar*) só pode se mover para a posição nuclear ( $Voice^0$ ) logo acima, pois os outros núcleos já estão preenchidos e são realizados fonologicamente.

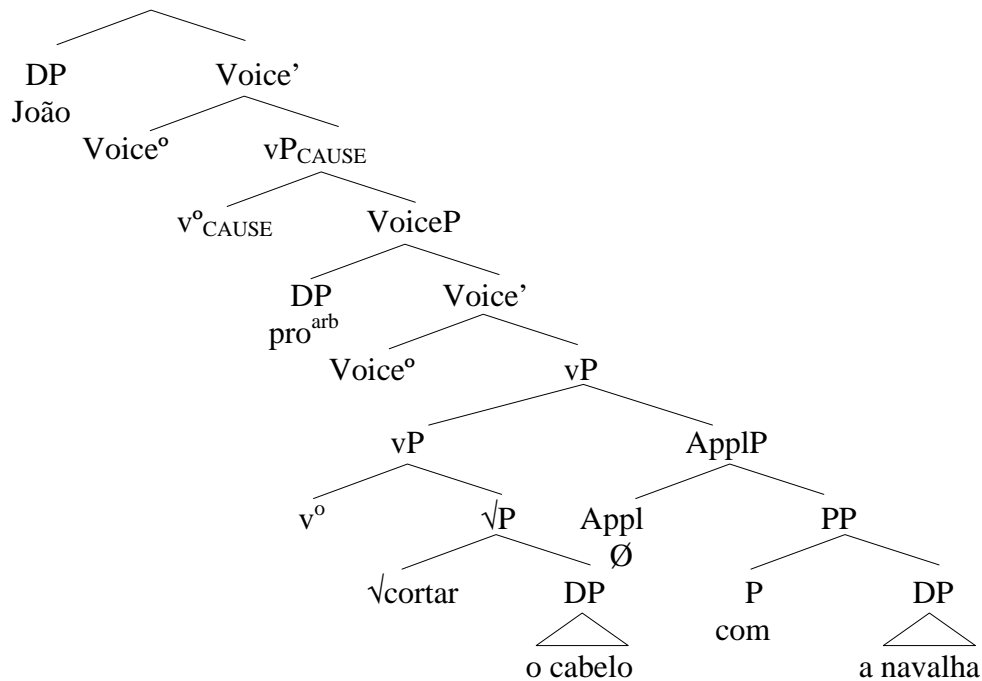
Para a realização das causativas sintéticas, além da necessidade de verbos transitivos motores de segunda ordem, defendemos a presença de um instrumento para a realização da ação verbal. Nessas estruturas, o instrumento, por ser uma precondição semântica e não sintática, a sua realização na estrutura não é obrigatória. A realização desses instrumentos pode ser recuperada por meio de dedução sintática (i.e. *Pedro cortou a barba*,

*mas não utilizou objeto cortante*). Tomando como base a explicação para os núcleos aplicativos proposta por Pyllkänen (2002, 2008), vamos assumir que o instrumento exigido para a realização da ação expressa pelo verbo transitivo é licenciado por esse núcleo. Na proposta de Pyllkänen, o núcleo aplicativo baixo tem a função de relacionar dois indivíduos, geralmente, expressando transferência de posse. Ao passo que o núcleo aplicativo alto relaciona um indivíduo ao evento descrito ou introduz um outro participante ao evento expresso em VP. A autora ainda esclarece que é o núcleo aplicativo alto que possibilita a interpretação semântica do instrumento. Assim, vamos propor que o instrumento realizado na estrutura causativa, no PB, tem de ser licenciado pelo núcleo funcional aplicativo.

Naves e Lima-Salles (2011), em uma proposta consonante com a de Pyllkänen, analisam a função do instrumento em construções com alternância de estrutura argumental no PB. As autoras esclarecem, que nas construções em que o instrumento necessita do controle de um agente para execução da ação, esse não pode ocupar a posição de sujeito, impedindo, portanto, a alternância (i.e. *Tereza costurou o vestido com a agulha* / \**A agulha costurou o vestido*). Nessas estruturas, o instrumento é realizado por meio do núcleo aplicativo alto, que introduz esse argumento, sendo o aplicativo um modificador do VP. Naves e Lima-Salles ainda explicam que, em construções não alternantes, quando o instrumento é realizado, ele é introduzido pela preposição *com* como núcleo lexical. Então, partindo dessa perspectiva, vamos estabelecer que, nas causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos, quando for realizado fonologicamente o instrumento requerido para execução da ação, ele será projetado pelo núcleo aplicativo, porém esse núcleo virá em adjunção ao vP, conforme ilustrado em (23b):

(23) a. João cortou o cabelo *com a navalha*

b. VoiceP



Na estrutura acima, em (23b), o núcleo aplicativo será responsável por relacionar o evento relacionado ao verbo transitivo (*cortar*) ao argumento causado ( $pro^{arb}$ ), sendo o instrumento (*a navalha*) introduzido por meio do núcleo aplicado Appl não realizado fonologicamente. No entanto, esse núcleo não será o núcleo aplicativo alto como postulado por Pylkkänen (2002, 2008) e Naves e Lima-Salles (2011). Para essas autoras, o núcleo aplicativo alto deve ser inserido acima da raiz verbal de VP, porém, na nossa representação, o núcleo aplicativo será projetado em adjunção ao VP. Ernst (2004) esclarece que o adjunto, no caso do sintagma preposicionado, embora seja capaz de modificar internamente o evento, poderá ser excluído de VP, uma vez que não é responsável por introduzir nem o argumento interno nem o argumento externo. Assim, vamos defender que o núcleo aplicativo, é responsável por estabelecer uma relação entre o instrumento e o argumento causado [+agentivo], sendo a necessidade do instrumento uma pré-condição semântica do verbo que compõe esse tipo de construção. Desse modo, o instrumento, por não ser uma condição necessária à sintaxe, pode ser excluído da estrutura e, por isso, o núcleo aplicativo virá adjunto ao VP, conforme a representação acima.

Em relação à atribuição de Caso ao DP  $pro^{arb}$ , (i.e. causado [+agentivo]), nas causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos, vamos defender que esse DP receberá Caso Nominativo, conforme a proposta de Vitral (1987). Contudo, comentamos, a seguir, as análises de Farrel (1995) e Borges (2008) sobre dados do PB, nas quais os autores

posicionam-se a favor da atribuição de Caso Acusativo via Marcação Excepcional de Caso (ECM) ao *causado*. Farrel (*apud* Hornstein, 1999) descreve construções causativas perifrásticas como:

- (24) a. O cantor fez a plateia cantar  
b. Maria mandou a costureira cerzir a calça

O autor esclarece que os argumentos interpretados como agentes do complemento do verbo principal dessas construções são marcados, em relação ao caso, via ECM. Assim, os DPs (*a plateia* e *a costureira*, respectivamente) recebem Caso Acusativo do verbo da oração principal. Borges (2008), consonante com essa proposta, defende que, no PB, há a realização de construções causativas com o *causado* nulo, devido à realização fonologicamente nula desse *causado* nas estruturas infinitivas:

- (25) a. Amanda mandou consertar a bicicleta  
b. Os manifestantes fizeram parar o trânsito  
c. A noiva deixou partir o bolo

De acordo com Borges (2008), em (25), os dados apresentam uma interpretação arbitrária do *causado*, pois o sujeito pode ser interpretado como um NP [+humano] indeterminado. Ele acrescenta que essas sentenças só são bem formadas com verbos transitivos diretos, pois, caso sejam construídas com verbos transitivos indiretos, resultam em sentenças agramaticais:

- (26) a. José mandou *a filha* obedecer aos avós  
b. \*José mandou obedecer aos avós

Além disso, é necessário que o *causado* (*a filha* e *alguém*, respectivamente) tenha traço [+ humano], sendo isso independente ao tipo de verbo causativo (*mandar*, *fazer*, *causar*), uma vez que essa restrição diz respeito à própria estrutura da construção causativa. Assim, as duas propostas analisadas, Farrel (1995) e Borges (2008), defendem que o *causado* deve receber Caso Acusativo, pois os autores consideram que o *causado* é um complemento do verbo causativo. Contudo, para os dados analisados neste trabalho, vamos defender que o

*causado* é o sujeito do verbo infinitivo, por isso deverá Caso Nominativo, conforme a proposta de Vitral (1987).

Antes de passarmos para a proposta de Vitral (1987), é válido destacar a análise de Gonçalves e Duarte (2001) sobre as causativas. As autoras distinguem três tipos de causativas para o português: i) as causativas com infinitivo flexionado no domínio encaixado (e. i. [A mãe mandou [os filhos] comerem bolo]); ii) causativas com ECM (e. i. [A mãe deixou [os filhos] comer bolo]); iii) causativas com predicados complexos (e. i. A mãe deixou comer bolo aos filhos). Essa última forma é pouco produtiva no PB, segundo as autoras. De acordo com Gonçalves e Duarte, as causativas com predicados complexos encontradas no PB, geralmente, são formadas com verbos intransitivos (e.i. O presidente fez *cair* o preço do dólar). Em relação às causativas com ECM, as autoras defendem que o verbo matriz checa Caso Acusativo do causado. Nos dados do PE, caso o causado seja um pronome, a subida de clítico é obrigatória (e. i. A mãe mandou-*os* comer bolo). No entanto, esse tipo de estrutura, com a subida de clítico, não é produtiva no PB, porém construções com a realização do pronome antes do verbo encaixado, em função da configuração sintática do verbo causativo, são produtivas (e.i. *Ele me faz sair daqui*). Além disso, outra forma muito utilizada no PB são construções com pronome realizado na posição de sujeito da sentença encaixada (e. i. *A mãe mandou eles saírem/Ele mandou a gente sair*). Por fim, Gonçalves e Duarte defendem que o verbo da sentença encaixada pode checar o Caso Nominativo do causado somente nas causativas com infinitivo flexionado, sendo convergente com a proposta de Vitral (1987), como veremos a seguir.

Vitral (1987) analisa como ocorre o processo de subordinação de sentenças infinitivas no PB. Nesse contexto, o autor busca evidências para esclarecer quais propriedades estão relacionadas à realização do sujeito lexical nas sentenças infinitivas na estrutura encaixada. Partindo da distinção entre os modos verbais subjuntivo e indicativo, o autor estabelece quatro classes de verbos que permitem a ocorrência de orações infinitivas:

- i) V. SUB: verbos que tomam sentenças encaixadas com verbo no modo subjuntivo ou na forma infinita (i.e. Tadeu *admira* que Ana *trabalhe* muito);
- ii) V. IND: verbos que tomam sentenças encaixadas com verbo no modo indicativo ou na forma infinita (i.e. Tadeu *sabe* que Ana *trabalha* muito);

- iii) V. MIS: verbos que permitem sentenças encaixadas formadas tanto com verbo no modo subjuntivo quanto no modo indicativo ou na forma infinita (i.e. Tadeu *supõe* que Ana *trabalha* muito/*trabalhe* muito);
- iv) V. INF: verbos que tomam somente a forma infinitiva como complemento (i.e. Ana deve *trabalhar* muito).

Por meio dessa classificação, Vitral passa a examinar as propriedades do sujeito da sentença encaixada, apresentado argumentos a favor da atribuição de Caso Nominativo a essa posição. Desse modo, o autor estabelece que o sujeito da sentença subordinada deve receber Caso Nominativo no seguinte ambiente:

(27) CAN (Contexto de Atribuição de Caso Nominativo)

O Caso Nominativo deve ser atribuído a um SN que se encontra no seguinte contexto:

- (i) O SN encontra-se na posição de Especificador de FLEX (isto é: [Esp., FLEX], ou: posição de sujeito de S
- (ii) FLEX se compõe de traços de [+tempo, +CONCOR]
- (iii) [+tempo] encontra-se caracterizado por [ $\pm$  pass] e/ou Aspecto.

(VITRAL, 1987, p. 109)

Vitral ainda ressalta que as sentenças formadas com verbos causativos como *fazer*, *deixar* e *mandar* seguidas de verbo infinitivo estão relacionadas à classe verbal V.SUB. Desse modo, em estruturas como (13b-20b), vistas anteriormente, o sujeito lexicalmente realizado da sentença encaixada receberá Caso Nominativo, pois essas sentenças têm seu [+tempo] diretamente relacionado ao tempo da oração principal. Assim, é cumprida a exigência [+tempo] não realizada fonologicamente, possibilitando ao causado receber Caso Nominativo nas sentenças em (13b-20b). Portanto, considerando essas análises, passaremos a adotar a proposta de Vitral, reconhecendo que as construções causativas formadas a partir de verbos transitivos possuem: i) um causado que recebe Caso Nominativo do INFL encaixado, ii) que depõe de [+ tempo] não realizado fonologicamente e iii) de AGR ou [Concord]. Essa última torna-se a condição preponderante, visto que, nesse tipo de estrutura, se há Concordância, ela se sobrepõe às demais propriedades.

Por fim, vamos retomar a discussão sobre o fato de haver correferência obrigatória do pronome possessivo em relação ao o sujeito da oração principal:

- (28) a. Mara cortou o cabelo  
 b. Mara<sub>i</sub> fez [*alguém* cortar [seu]<sub>i</sub> cabelo]

Nesse tipo de estrutura, o pronome possessivo deve ser ligado ao sujeito da oração principal, pois esse é o possuidor do objeto afetado pela ação do verbo transitivo da oração encaixada. Essa relação é compatível com a restrição imposta pela Condição B da Teoria de Ligação, na qual Chomsky (1981) prevê que “*um pronome tem de ser livre num domínio local*”. Se houver um pronome como antecedente na oração (i.e. *Carol's<sub>i</sub> mother praised her<sub>i</sub> / A mãe da Carol<sub>i</sub> elogiou-a<sub>i</sub>*), ele deve estar livre para satisfazer essa condição. Chomsky (1999), na perspectiva minimalista, esclarece que essa representação é interpretada na LF. Assim, se a interpretação do pronome for ligada ao DP, que ocupa a posição de sujeito da oração encaixada, a sentença é excluída:

- (29) a. \* Mara<sub>i</sub> fez [a cabeleireira<sub>j</sub> cortar seu<sub>j</sub> cabelo]  
 b. \* Pedro<sub>i</sub> fez [o médico<sub>j</sub> operar seu<sub>j</sub> pé]  
 c. \* Caetano fez [o pedreiro<sub>j</sub> reformar seu<sub>j</sub> apartamento]

Os dados acima, em (29a-c), evidenciam essa relação, pois a coindexação do pronome (*seu*) ao DP sujeito da sentença encaixada (*a cabeleireira, o médico e o pedreiro*) gera problemas, uma vez que o pronome não está livre dentro do seu domínio local (i.e. oração subordinada), violando, portanto, a Condição B. Entretanto, na nossa proposta (30a-30c), o pronome possessivo é vinculado ao DP da sentença matriz (*Mara, Pedro e Caetano*). Como esse DP não faz parte da sentença encaixada, o pronome continua livre dentro do seu domínio, possibilitando a construção de causativas sem gerar agramaticalidade. Desse modo, sentenças como (30a-30c) não são excluídas, visto que não violam a Condição B e não apresentam problemas na interpretação na LF:

- (30) a. Mara<sub>i</sub> fez [a cabeleireira<sub>j</sub> cortar seu<sub>i</sub> cabelo]  
 b. Pedro<sub>i</sub> fez [o médico<sub>j</sub> operar seu<sub>i</sub> pé]  
 c. Caetano fez [o pedreiro<sub>j</sub> reformar seu<sub>i</sub> apartamento]

Um problema ainda a ser investigado – mas não o faremos aqui – é a razão da obrigatoriedade de correferência entre o possessivo e o sujeito da oração principal. Essa correferência obrigatória assemelha-se bastante à relação anafórica, pois a anáfora deve ser

necessariamente ligada a um antecedente, mas, como já dito, não nos ocuparemos dessa questão.

Diante da análise que vimos até aqui, assumimos que as causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos são derivadas de uma estrutura analítica. Desse modo, para a realização dessas estruturas, teremos uma seleção fásica com dois vPs: uma para alocar o verbo causativo *fazer*, não realizado fonologicamente, e o outro para projetar o verbo transitivo. Além disso, nessas construções, há a realização de duas fases VoiceP, uma para projetar o argumento externo do verbo leve e outra para projetar o DP  $pro^{arb}$  (i.e. causado [+agentivo]). Nessa configuração, o VoiceP mais baixo, que abriga o DP  $pro^{arb}$ , receberá Caso Nominativo do verbo transitivo. Essa atribuição de Caso torna-se possível, pois é cumprida a exigência [+tempo], em função de o vP do domínio superior automaticamente determinar [+tempo] do verbo da oração encaixada. Assumimos também que essas sentenças são bem formadas devido ao fato de o pronome possessivo, presente no DP objeto, estar livre em seu domínio local, podendo ser ligado ao DP argumento externo do verbo causativo *fazer*, caso contrário, essas sentenças seriam excluídas por violarem a Condição B da Teoria de Ligação. Por fim, para a execução da ação, os verbos que compõem as causativas sintéticas apresentam, como condição semântica, a necessidade de um instrumento artificial alienável. Esse instrumento poderá ou não ser realizado fonologicamente, sendo projetado em adjunção ao vP mais baixo.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa de mestrado teve com objetivo investigar as sentenças causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos no português brasileiro (PB) contemporâneo. Para a realização de tal trabalho, primeiramente, analisamos pesquisas realizadas por distintas correntes teóricas da linguística, com o objetivo de delinear um panorama geral das construções causativas. Partindo desses estudos, buscamos examinar as propriedades semânticas e sintáticas dessas estruturas.

Em relação às propriedades semânticas dessas construções, consideramos a representação modular da mente (STILLINGS, 1995), para propor três categorias verbais: i) verbos sensoriais; ii) verbos de processamento e iii) verbos motores (de primeira e de segunda ordem). Essa classificação tornou-se importante, uma vez que possibilitou reconhecer que essas causativas sintéticas geralmente estão relacionadas aos verbos motores de segunda ordem. Além disso, os verbos transitivos requerem, semanticamente, um instrumento artificial alienável para a realização da ação descrita. Diante dessas propriedades e da interpretação semântica dos papéis temáticos envolvidos nessas construções, passamos a identificar as causativas sintéticas formadas a partir de verbos transitivos.

No que se refere à representação sintática dessas causativas, adotamos a análise de Blanco (2010, 2011) para explicar como essas construções são estruturadas. A autora questiona a proposta de Pylkkänen (2002, 2008) no que diz respeito ao padrão de seleção das causativas. Blanco considera que línguas como o inglês e o espanhol apresentam o parâmetro *non-Voice-bundling*, ou seja, em ambas as línguas, as sentenças causativas possuem o núcleo fásico CAUSE, que toma VoiceP como complemento. Desse modo, passamos a reconhecer que as causativas sintéticas do PB também possuem o padrão seletional *non-Voice-bundling*, que apresenta dois vP: um para projetar o verbo leve e outro para o verbo transitivo. Além disso, essas estruturas possuem duas fases VoiceP (uma antes de vPCAUSE e outra após este núcleo) projetando, assim, dois lugares para a realização de argumento externo. O primeiro VoiceP introduz o argumento externo do verbo leve, já o segundo é responsável por abrigar um DP pro<sup>arb</sup>. Esse DP pro<sup>arb</sup> é identificado com causado [+agentivo], visto que ele é o responsável por executar a ação verbal expressa pelo verbo transitivo. Além disso, conforme vimos, o DP pro<sup>arb</sup> é projetado na posição de especificador de VoiceP, apresentando, assim, uma relação de concordância com o núcleo v<sup>0</sup>. Isso faz com que esse DP tenha seu Caso Nominativo checado e valorado antes da PF.

As causativas sintéticas formadas com verbos transitivos, como dito anteriormente, apresentam verbos motores de segunda ordem, que, como condição semântica, necessitam de instrumentos. Assim, por ser uma condição semântica dos verbos e não uma necessidade sintática, se o instrumento for realizado fonologicamente, será projetado pelo núcleo aplicativo adjunto ao vP.

Ao longo desta pesquisa de mestrado, buscamos responder às questões norteadoras, que foram levantadas no capítulo 1. Vejamos:

- i. Quais os traços do DP que preenche a posição de argumento externo do verbo, uma vez que esse não pode ser classificado como agente da ação verbal?
- ii. Quais são as propriedades do VP que compõe esse tipo de sentença?
- iii. Com base na proposta das conchas verbais (LARSON, 1988), há sempre um vP que licencia essas estruturas?
- iv. Como explicar que a ausência do argumento causado com traço [+agentivo], introduzido por um PP, não gera sentenças agramaticais?
- v. Essas construções são resultantes de algum tipo de alternância lexical/sintática?

Pudemos observar que o DP que preenche a posição de sujeito é reconhecido como agente, mas não o agente da ação verbal descrita pelo verbo transitivo (*cortar, operar, reformar, consertar*, etc.). Esse DP é o desencadeador da ação, conforme esclarecido por Silva (2009), porém a ação expressa pelo verbo transitivo é executada por um sujeito interminado, podendo ser um *cabeleireiro, médico, pedreiro, mecânico*, etc.

No que diz respeito ao VP que compõe essas sentenças, verificamos, a partir dos trabalhos de Pylkkänen (2002, 2008) e Blanco (2010, 2011), que essas sentenças apresentam uma seleção fásica, na qual há dois vPs e duas fases VoiceP. O VoiceP mais alto é responsável por introduzir o argumento externo da sentença, enquanto o VoiceP mais baixo é projetado para abrigar o DP  $pro^{arb}$ .

Nas causativas sintéticas, a realização do vP é fundamental, pois essas construções envolvem um verbo leve (i.e. *fazer*). Assim, por meio da concha v-VP, proposta por Larson (1988), é possível a realização de dois verbos, sendo um verbo causativo não lexicalizado e um verbo transitivo lexicalmente realizado. Desse modo, por meio de uma estrutura mais articulada, é possível projetar dois vPs, sendo um para abrigar o verbo leve e outro para o verbo transitivo.

Neste trabalho, defendemos que o PP necessário para introduzir o causado [+agentivo], conforme a proposta de Silva (2009), não aparece, pois esse argumento é realizado por meio do DP  $pro^{arb}$ , que é projetado no VoiceP mais baixo. Assim, nas causativas sintéticas, é possível deduzir, por meio das propriedades sintáticas, que houve um sujeito indeterminado capaz de executar a ação verbal. Portanto, o DP  $pro^{arb}$  será interpretado como o causado [+agentivo] capaz de executar ações como *cortar, operar, reformar, consertar, pintar, inseminar, transplantar, podar*, etc. Desse modo, em nossa análise, a ausência do PP parece não gerar agramaticalidade, pois, o causado [+agentivo] pode ser interpretado como um sujeito indeterminado, projetado em VoiceP.

Na nossa análise, defendemos também que os verbos transitivos que compõem as causativas sintéticas requerem, como uma precondição semântica, um instrumento para executar o evento descrito. Esse instrumento, quando realizado fonologicamente, será projetado pelo núcleo aplicativo. Se ocorrer, o ApplP virá em adjunção ao vP, tendo em vista que, embora seja responsável semanticamente por relacionar o causado [+agentivo] ao instrumento, ApplP não é sintaticamente necessário para introduzir nem o argumento interno nem o externo, podendo ser excluído da estrutura.

A partir do desenvolvimento desta pesquisa de mestrado, passamos a reconhecer que a causativa sintética formada a partir de verbo transitivo não é resultante de um tipo de alternância lexical ou sintática, mas se trata de uma derivação de uma estrutura analítica subjacente. A tabela 4, a seguir, resume as propriedades semânticas e sintáticas das estruturas analisadas neste trabalho.

Tabela 4 – Resumo das propriedades semânticas e sintáticas das sentenças causativas sintéticas formadas a partir de verbo transitivo

Propriedades Semânticas	Propriedades Sintáticas
i) Requer verbo transitivo: <ul style="list-style-type: none"> <li>a. ser verbo motor de segunda ordem;</li> <li>b. requer instrumento artificial analiável (como precondição semântica).</li> </ul> ii) Requer ambiguidade de papel temático na posição de argumento externo.	i) Requer VoiceP mais alto para projetar o argumento externo do verbo leve; <ul style="list-style-type: none"> <li>ii) Requer vPCAUSE nucleado por <math>v^0</math> CAUSE;</li> <li>iii) Requer VoiceP mais baixo (complemento de <math>v^0</math> CAUSE) para projetar o DP <math>pro^{arb}</math>;</li> <li>iv) Requer vP para projetar o <math>\sqrt{P}</math>:               <ul style="list-style-type: none"> <li>a. <math>\sqrt{P}</math> projeta <math>\sqrt{\text{verbo}}</math> e DP argumento interno;</li> </ul>               → Quando há realização fonológica do instrumento:             </li> <li>v) Requer ApplP (projetado em adjunção à vP) para licenciar PP:               <ul style="list-style-type: none"> <li>a. PP aloca a preposição e o DP.</li> </ul> </li> </ul>

Por fim, esperamos que este trabalho, de algum modo, possa contribuir para a discussão sobre as construções causativas sintéticas do PB. Contudo, diante da complexidade do fenômeno da causativização, não consideramos esta análise conclusiva, por isso mais estudos são necessários para aprofundar as propostas aqui desenvolvidas.

## 5. REFERÊNCIAS

- ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa*. 7 ed. (1ª ed. 1908) Rio de Janeiro: ABL: Biblioteca Nacional, 2008.
- BITTENCOURT, V. de O. *Da Expressão da Causatividade no Português do Brasil: uma Viagem no Túnel do Tempo*. (1995). Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1995.
- BITTENCOURT, V. de O. Causativas lexicais no português do Brasil: perfil morfosintático, semântico e funcional-discursivo. In: DECAT, M. B. N. et al. *Aspectos da Gramática do Português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado de Letras. 2001. p. 167-232.
- BLANCO, M. T. *Contrasting Causatives: A Minimalist Approach*. 2010. 412 F. Tese (Doctor of Philosophy). The University Of Arizona: Tucson, 2010.
- BLANCO, M. T. *Causatives in Minimalism*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2011.
- BORGES, D. C. Construções causativas na diacronia do Português do Centro Oeste. Séculos XVII a XX. Brasília: UnB, 2008, 139p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, 2008.
- CAMBRUSSI, M. F.. A causativização de verbos inergativos. In: *SEMINÁRIO DO GEL*, 57, 2009. Ribeirão Preto (SP): GEL, 2009. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=5245-09>>. Acesso em: 20 ago.
- CANÇADO, M. Manual de Semântica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- CANÇADO, M. Comparando Alternâncias Verbais no PB: *cortar o cabelo e quebrar o braço*. In: *Revista Letras*. UFPR: Curitiba, v. 81. (2010a). p. 33-60.
- CANÇADO, M. Verbal alternations in Brazilian Portuguese: a lexical semantic approach. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, v.3, n.1. (2010b). p1-23.
- CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. Predicados primitivos, papéis temáticos e aspecto lexical. *ReVEL*, v. 11, n. 20, 2013. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/225408ba46331467aee40d50386b8a90.pdf>. Acessado em 04 mai. 2013.
- CARRUTHERS, P. *The Architecture of the Mind: massive modularity and the flexibility of thought*. New York: Oxford University Press, 2006.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Foris, Dordrecht, 1981.

CHOMSKY, N. *O Programa Minimalista*. Tradução: Eduardo Raposo. Lisboa: Caminho, 1999.

CHOMSKY, Noam. Minimalist inquiries: The framework. In: *Step by step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*, Roger Martin, David Michaels & Juan Uriagereka (eds),. Cambridge MA: The MIT Press. 2000. p 89-155.

COMRIE, B. Causative Constructions. In: COMRIE, Bernard. *Language Universals and Linguistic Typology. Syntax and Morphology*. 2 ed. University of Chicago Press: Chicago, 1989.

DESCARTES, R. *Discurso do método*. Trad. de Maria Ermantina Galvão e Mônica Stahel São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DICIONÁRIO CALDAS AULETE. Versão Digital. Lexikon Editora Digital. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/>> Acesso em 02 set. 2013.

DUARTE, M. Eugênia L. *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro*. (1995) 151f. Tese (Doutorado). UNICAMP/Instituto de Ciências da Linguagem: Campinas, 1995.

ERNST, T. *The Syntax of Adjuncts*. Cambridge: The MIT Press, 2004.

FARRELL, P. Backward control in Brazilian Portuguese. In: J. M. Fuller, H. Han, and D. Parkinson (Eds.), *Proceedings of ESCOL'94*. Ithaca: Department of Linguistics and Modern Languages: Cornell University, 1995. p. 116–27.

FODOR, J.. *The Modularity of Mind: An Essay On Faculty Psychology*. Massachusetts: MIT Press, 1983.

FRANCHI, R. C. M. W. *As construções ergativas, um estudo semântico e sintático*. (1989) 193f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP: Campinas, 1989.

GONÇALVES, A.; DUARTE, I. Construções causativas em Português Europeu e em Português do Brasil. In Correia, Clara Nunes & Anabela Gonçalves (eds). *Actas do XVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2001. p. 657-671.

HALE, K.; KEYSER, S. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: K. Hale e S. J. Keyser (eds.) *The view from building 20*. MIT Press, Cambridge, MA, 1993. p. 53-110.

HALE, K.; KEYSER, S. J. *Prolegomenon to a Theory of Argument Structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.

HAUSER, M. D.; CHOMSKY, N.; FITCH, W. T. The Faculty of Language: What Is It, Who Has It, and How Did It Evolve? *Science Compass*, v. 298. p. 1569-1579, nov. 2002. Disponível em: <<http://www.chomsky.info/articles/20021122.pdf>>. Acesso em: 17 jan. 2012.

- HORNSTEIN, Norbert. 1999. Movement and control. In: *Linguistic Inquiry*, 30. Cambridge: MIT Press, 1999. p. 69-96.
- HUME, D. *Resumo de um tratado da natureza humana*. Trad. de Rachel Gutiérrez e José Sotero Caio. Porto Alegre: Editora Paraula, 1995.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. Trad. Manuela P. dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1994.
- KAYNE, R. *French Syntax: the transformational cycle*. Cambridge: MIT Press, 1975.
- KENEDY, E. Gerativismo. In: MARTELOTTA, M. E T. (Org.). *Manual de lingüística*. São Paulo: Contexto. 2008. v. 1, p. 127-140.
- KRATZER, A. Severing the External Argument from its Verb. In: Rooryck, J.; Zaring, L. eds., *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996, p. 109-137.
- KURY, A. da G. *Novas Lições de Análise Sintática*. 9 ed. São Paulo: Ática, 2007.
- LARSON, R. On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, v. 19, p. 335-391. 1988.
- LEVIN, B. *English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Unaccusativity: at the syntax lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- MIOTO, C. et al.. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis, Insular, 2007.
- NAVES, R. R; LUNGUINHO, M. V. Aspecto e alternância causativa. In: *VIII Encontro do CELSUL*, Porto Alegre, 29 a 31 de Outubro de 2008: Programação e Resumo. Pelotas: EDUCAT, 2008.
- NAVES, R. R.; LIMA-SALLES, H. M. Construções com alternância de estrutura argumental: uma abordagem em termos de núcleos aplicativos. In: NAVES, R. R.; LIMA-SALLES, H. M (Org.) *Estudos Formais da Gramáticas das Línguas Naturais*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011. p. 227-243.
- NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- PESETSKY, D.; TORREGO, E. T-to-C movement: Causes and consequences. In: KENSTOWICZ, M. J. (ed.) *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge: The MIT Press. 2001. p. 355-426.
- PYLKKÄNEN, L. *Introducing Arguments*. 2002. 137 f. Tese (Doctor of Philosophy) – Massachusetts Institute of Technology: Cambridge, 2002.
- PYLKKÄNEN, L. *Introducing Arguments*. Cambridge: The MIT Press, 2008.

RAPOSO, E. P. *Teoria da Gramática: A faculdade da Linguagem*. Caminho: Lisboa, 1992.

RIZZI, L. Null Objects and the Theory of pro. In: *linguistic Inquiry*. 17. 1986, p. 501-558.

SHIBATANI, M. Causativization. In: SHIBATANI, M. (Ed.) *Syntax and Semantics*. Vol. 5. New York: Academic Press. 1976, p. 239-294.

SHIBATANI, M. *et. al. The Grammar of Causation and Interpersonal Manipulation*. SHIBATANI, M (Ed.). Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002.

SILVA, Y. R. B. *As Causativas Sintéticas no Português do Brasil: Novas Evidências a Favor da Estrutura Bipartida do VP*. (2009) 134f. Dissertação (Mestrado). UFMG – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos/POSLIN: Belo Horizonte, 2009.

STILLINGS, N. A.; WEISLER, S. E.; CHASE, C. H.; FEINSTEIN, M. H.; GARFIELD, J. L.; RISSLAND, E; L.. *Cognitive Science: An Introduction*. Second Edition. Cambridge, Massachusetts, London, England: Bradford Book-The MIT Press, 1995.

VITRAL, L. T. *Sobre a Complementação Infinitiva em Português*. (1987) 149f. Dissertação (Mestrado). UFMG – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos: Belo Horizonte, 1987.

WORDREFERENCE. Online Language Dictionaries. Disponível em: <<http://www.wordreference.com/>>. Acesso em: 20 ago. 2013.